

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO**

Marilene Roberto de Ávila

**EDUCAÇÃO FEMININA E MISSÃO: O COLÉGIO CRISTO
REI
NA VISÃO DAS MULHERES (SÃO PAULO – DÉCADA DE 1960)**

SOROCABA / SP

2005

Marilene Roberto de Avila

**EDUCAÇÃO FEMININA E MISSÃO: O COLÉGIO CRISTO REI
NA VISÃO DAS MULHERES (SÃO PAULO – DÉCADA DE 1960)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Co-Orientador: Prof. Dr. Wilson Sandano

**SOROCABA / SP
2005**

Marilene Roberto de Avila

**EDUCAÇÃO FEMININA E MISSÃO: O COLÉGIO CRISTO REI
NA VISÃO DAS MULHERES (SÃO PAULO – DÉCADA DE 1960)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Ass. _____
Pres. Banca Prof. Dr. Wilson Sandano

Ass. _____
1ºExam: Prof. Dra. Maria Aparecida F.Pereira
UNISANTOS

Ass. _____
2ºExam: Prof. Dra. Eliete Jussara Nogueira.
UNISO

Sorocaba, 13/12/2005.

Dedico aos meus pais Maria do Carmo e José Roberto, incentivadores da minha carreira como educadora.

Ao Manuel, meu marido, companheiro paciente e dedicado.

Aos meus filhos, José Henrique, Adriana e Robinson Alexandre, incentivadores e amigos, razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

A Madre Ana Maria Brandão, superiora da Casa Provincial do Colégio “Cristo Rei”, por sua atenção e carinho, ao fornecer os documentos necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

A Marlene Vice-Diretora e Coordenadora do Colégio “Cristo Rei” pela atenção que me dedicou.

A Fátima secretária dedicada, por sua gentileza de enviar documentos importantes para a compreensão dos movimentos e datas pertinentes ao nosso trabalho.

A Regiane, minha nora, tão dedicada e competente, pela ajuda nas horas de incompreensão no manuseio técnico eletrônico.

A Giane, minha ex-aluna de Magistério, e hoje colega no trabalho, pela valiosa colaboração ao trocar idéias na elaboração da pesquisa.

A Bruna, mestrande e companheira, nas longas horas de navegação pela Internet e investigação.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira orientador competente que me conduziu na empreitada e na realização da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Wilson Sandano pelas valiosas opiniões que me indicaram o caminho a seguir.

A Prof. Dra. Eliete Nogueira, exigente e competente, pelas contribuições enriquecedoras ao trabalho. A Prof. Maria Aparecida Franco, por abrir novas perspectivas à minha compreensão ao desafio do conhecimento.

Resumo

O objetivo deste estudo é contribuir com a Historiografia da Educação Brasileira, produzindo um conhecimento sobre a educação feminina na década de 1960, do século XX, por meio de uma abordagem do cotidiano escolar e analisando a visão das alunas com relação à instituição educativa católica, o Colégio Cristo Rei, das Missionárias Agostinianas, em São Paulo, na região da Vila Mariana.

O Colégio Cristo Rei educou meninas e jovens, da comunidade formada por descendentes de imigrantes de várias origens, na maioria italianos, que ao se fixarem no bairro, deram início a uma região de classe média tradicional. A Congregação das Missionárias Agostinianas com seu carisma educativo, que nas origens privilegiava à formação de jovens professoras, em Barcelona, Espanha, se instala na zona urbana de São Paulo, com o objetivo de atender prioritariamente às camadas abastadas da população, por meio da sua ação educativa.

A investigação tem como eixo condutor o processo de acomodação da obra ao contexto das famílias de classe média tradicional, privilegiando a reprodução de hábitos e costumes incutidos nas práticas educativas e disciplinares, em um período de muitas transformações na sociedade brasileira.

Este estudo revela que o Colégio Cristo Rei foi um meio produtor da ação educativa e que em alguns aspectos, revela a visão das mulheres, na proposta formadora das escolas religiosas do período, porém se diferencia pela marca peculiar à educação voltada a formação de professoras.

Palavras Chaves: Educação religiosa; gênero; cotidiano; Congregação das Missionárias Agostinianas; Colégio Cristo Rei - São Paulo, SP; educação feminina – década de 1960.

ABSTRACT

The objective of this study is to contribute whit the Brazilian Educational Historiography, producing knowledge on the female education of the 1960's, through an overview of the school daily routine and analyzing the female students point of view of the catholic educational institution called Colégio Cristo Rei, of the Augustinian Missionaries, São Paulo, on the Vila Mariana suburbs.

Colégio Cristo Rei educated Young girls and teenagers of the community formed by immigrant descendants of many different origins, most of them Italians, who started to stabilish a traditional middle class neighborhood when they settled down in the village. The Augustinian Missionaries Congregation, whit its educational charisma, which in its origin

gave priority to the formation of young teachers, in Barcelona, Spain, sets up in the urban São Paulo, with the objective of attending firstly the wealthy population with its educational services.

The investigation has as its axis the process of accommodation of the work of the missionaries to the context of the traditional middle class families so as the teaching of habits and customs inserted into the educational and disciplinary practices at a time of many changes in the Brazilian society.

This study reveals that Colégio Cristo Rei was a producing means of the educational action and in certain aspects reveals the women's point of view in the proposal of the forming religious schools of that time, however it differs in the peculiar aspect of being dedicated to the formation of teachers.

Key words: Religious Education; sort; daily Routine; Augustinian Missionaries Congregation; Colégio Cristo Rei – São Paulo, SP; female education – 1960 decade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

1 . AS ORIGENS DA CONGREGAÇÃO DAS MISSIONÁRIAS

1.1 História das Beatas Espanholas.....	20
1.2 A Fundação da Congregação.....	25
1.3 Comunidade de Madri.....	29
1.4 A Formação da Congregação.....	32
1.5 A Congregação no Brasil.....	39

2. A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO CRISTO REI

2.1 O Objetivo Brasileiro.....	43
2.2 Um outro ramo de Agostinianas.....	44
2.3 Esboço Histórico.....	48
2.4 A História da vila Mariana.....	50
2.5 Da fundação ao ensino das Mulheres.....	55

3 . A VISÃO FEMININA DO COLÉGIO CRISTO REI

3.1 Introdução.....	73
3.2 A Construção da Família – Padrão.....	75
3.3 As mulheres dos anos 60.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXO A _ Ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo.....	118
ANEXO B _ Mães de ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo.....	126
ANEXO C _ Pais de ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo.....	131
ANEXO D _Roteiro de Entrevistas.....	136

LISTA DE FOTOGRAFIAS

1.Igreja Paróquia de Montclar.....	35
2.Casa onde nasceu Ir. Samarra.....	36
3.Castelo de Montclar.....	36
4.Igreja de Montclar.....	37
5.Escola de Montclar, Espanha.....	37
6.Igreja de São Paulo Intramuros, em Manila, onde chegaram as Beatas.....	37
7.Casa em Barcelona.....	38
8.Capela.....	38
9.Refeitório.....	38
10.Igreja em Barcelona.....	38

11.Capela do Colégio Cristo Rei em 1950.....	70
12.Fachada do Colégio Antigo.....	71
13.Construção do Auditório em 1952.....	72
14.Fachada do Colégio Cristo Rei em 1964.....	72
15.Professores e alunas – Década de 1960.....	109
16.Uniforme de Gala – Década de 1960.....	110
17.Pátio Antigo – Anterior a Reforma.....	111

Cada homem é o resultado de sua própria história. O é também, cada grupo humano, cada corporação, cada congregação religiosa. Todos somos, individual ou coletivamente, portadores de um patrimônio herdado, para o bem ou para o mal. Cada estilo de comportamento, cada atitude, cada modo de ser ou visão das coisas, cada mentalidade leva atrás de si uma história; há forças latentes perdidas nas sombras do passado, que estão configurando de algum modo cada aspecto da realidade. Ninguém, por isso, se compreende e nem é compreendido adequadamente à luz de sua proximidade.

Agostinianas Missionárias

INTRODUÇÃO

A razão, ou ratio de tudo o que já conhecemos,
não será a mesma quando conhecermos mais
William Blake

Ao iniciar a pesquisa sobre Educação em Escola Confessional Católica meu interesse estava direcionado a dois objetivos principais: compreender modelos educacionais voltados para a educação feminina e descobrir a visão de alunas e das famílias sobre esse tipo de educação.

Para realizar meus objetivos, foi necessário recuperar questionamentos e possibilidades vivenciadas dentro de um colégio de freiras, na zona urbana da cidade de São Paulo, nos anos sessenta do século XX, e, assim, rever o sistema educacional católico para mulheres.

Foi quando ressurgiu o antigo interesse no ensino do Colégio Cristo Rei. O ensino das missionárias sempre instigou minha curiosidade por ser voltado principalmente, para a formação de professoras.

Como a escola era somente para meninas, encontrei a possibilidade de pesquisar sobre a “História das Mulheres” e, analisando o cotidiano das alunas, abordar sobre gênero.

O estudo desse cotidiano escolar permeado pela vivência feminina da época determinava uma interação entre o foco instituição escolar, com as lutas e contradições, em determinado bairro da cidade, que ainda não fora explorado.

A escolha por essa escola como tema de investigação, tem a ver com a minha própria experiência escolar e trajetória de vida.

Durante muitos anos estudei no colégio e vivenciei os ideais da fundadora valorizados dentro da escola, em diferentes momentos, e a forma como esses objetivos educacionais conduziam às práticas das freiras Agostinianas. Todos esses anos de vivência dentro do colégio possibilitaram um conhecimento dos mecanismos internos da organização escolar e uma percepção mais apurada da trama de relações ali desenvolvidas. Assim, examinando o passado, fui buscar informações que definissem uma face da educação feminina praticada na metade do século passado.

Envolvida com as relações e acontecimentos, pude observar que na escola há a presença de um duplo mecanismo, que constitui o seu perfil e a sua identidade, como reprodutora de objetivos e intenções de uma sociedade, produzindo uma cultura específica pela ação de seus atores.

O Colégio Cristo Rei sempre despertou meu interesse por apresentar um papel de destaque na região, o que gerou vários questionamentos. O que o diferenciava das outras escolas do bairro? Que papel desempenhava na reprodução dos costumes da época? Como eram percebidos os papéis femininos pelas alunas envolvidas?

Enfim, o que faz uma escola ter determinada representação social diante da comunidade na qual está inserida e não outra.

Essa curiosidade me levou inicialmente à sua fundação para apreender como, nesse momento da sua história, os objetivos da Congregação das Missionárias Agostinianas foram postos em função de seu sistema educativo.

O Colégio Cristo Rei foi um projeto educacional iniciado no Brasil por irmãs agostinianas espanholas, que no começo do século XX, fundaram uma escola para meninas, na cidade de São Paulo. A preferência por esse recorte histórico, década de sessenta, deu-se devido ao movimento e à articulação de ex-alunas que motivaram a realização deste trabalho acadêmico, com a finalidade de caracterizar uma geração de mulheres envolvidas por esse tipo de educação.

A presente pesquisa tem o interesse de mostrar como a educação feminina era praticada em um período de muitas transformações na sociedade brasileira, na zona urbana de uma cidade em pleno desenvolvimento.

A Historiografia da Educação brasileira atualmente tem apresentado muitos trabalhos que abordam este gênero, a trajetória das mulheres na educação e na sociedade tradicional, em geral no final do século XIX e início do XX. São pesquisas que estudam instituições escolares, católicas e laicas, grupos escolares, escolas normais, reconstruindo as práticas escolares e a evolução das mulheres na educação, e que muito contribuíram para o conhecimento e a revisão de alguns aspectos da educação das mulheres.

Esses estudos descrevem um tipo de educação própria da região urbana, em formação nas capitais ou pequenas cidades, porém a produção dessa história das mulheres, começou evoluir a partir de meados do século passado, quando a visão do papel feminino foi se modificando, o que justifica o nosso interesse em descobrir qual foi a participação da educação religiosa no movimento em questão. (SCOTT, 1992; HAHNER, 2003).

Nesse processo de elaboração do texto, o acesso aos trabalhos da nova história foi o eixo condutor para a compreensão e o direcionamento da pesquisa dentro do colégio, esse objetivo de encontrar dentro da escola uma cultura específica, que reproduz valores e ideologias de uma sociedade na qual está inserida, me conduziu à leitura de Peter Burke e Maria Izilda Santos Matos, que têm na nova história seu foco de estudo, estabelecendo um

referencial teórico para análise de comportamentos e valores desenvolvidos dentro da instituição.

A nova história tem apresentado uma visão ampla que trouxe em seu bojo influências nas perspectivas da descrição de hábitos, visão de personagens, influências afetivas e mentais no cotidiano. Como diz Burke: “Uma noção ampla de cultura é central à nova história. O estado, os grupos sociais e até mesmo o sexo ou sociedade são considerados como culturalmente construídos”. (BURKE, 1992, p. 23).

Essa nova história pode ser vista como a história que começou a se interessar por toda a atividade humana, ampliou as áreas de investigações, através de conceitos renovados e abriu novas perspectivas para o estudo do cotidiano, o que parece ter sido marcante na descoberta do dia-a-dia.

O estudo do cotidiano trouxe um caminho novo para quem deseja descobrir o mundo da experiência comum e encontrar nela a sua problemática, “no sentido de mostrar que o comportamento ou os valores, que são tacitamente aceita em uma sociedade, são rejeitados como intrinsecamente absurdos em outro”. (p. 23).

Observando o dia-a-dia da escola, pude investigar comportamentos e transformações que foram vivenciados na sociedade local por influência do ensino das missionárias; compreender a comunidade familiar das alunas e o significado de fatos ocorridos dentro dessa instituição escolar. Essa percepção de valores no campo de uma instituição poderia conter reivindicações ocultas que não eram compreendidas. Como diz Matos. (2002 p. 22):

A influência mais marcante parece ter sido a descoberta do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos gestos cotidianos.

Abordando o real, revendo as relações entre a família e a escola e investigando o dia-a-dia, pude verificar o aparecimento de lutas e desafios como forma de resistência às regras definidas que eram reproduzidas por essa instituição educacional.

O colégio das missionárias. Particularmente o estudo histórico dessas mulheres que procuraram recobrar os poderes e as lutas femininas, como diz Matos: (2000, p.23) “repensando mitos e estereótipos, revendo imagens e enraizamentos impostos pela historiografia e questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas”, pela sociedade da época.

A idéia difundida no período sobre a educação feminina apresentava indícios de mudança; as faculdades e escolas de graduação começaram a estimular as mulheres, e esse espaço aberto a elas produziu transformações nos hábitos e costumes sociais.

O sentido da palavra hábito, nesse caso, se apresenta como um conceito que foi meu auxiliar na visão em relação às mediações entre os condicionamentos sociais exteriores e à subjetividade dos sujeitos. Nesse sentido, se refere Setton, quando analisa Bourdieu:

Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientado para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. Hábitus não é destino. Hábitus é uma noção que me auxilia a pensar características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. Hábitus como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. (SETTON, 2002, p. 61).

Mais especificamente, compreender a escola como um sistema educacional, sobretudo nesse período cujos hábitus, criados de maneira organizada, produziam um efeito cultural na vida das alunas.

Quando se define hábito, na reprodução de costumes e valores, tenho que concordar com Bourdieu, quando diz que há muitas formas de ver o mundo e que podem ser semelhantes, a partir de uma educação sistemática (socialização) apropriada de maneira consciente ou inconsciente e difusa.¹ Segundo as palavras do autor:

têm seu princípio na instituição escolar, investida da função de transmitir consciente ou inconscientemente ou, de modo preciso, de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, o seu habitus. (BOURDIEU, 1974, p. 346).

No processo de socialização das alunas, o conceito pode ser concebido como um sistema socialmente constituído de disposições estruturadas que, pela prática, orientam ações do cotidiano. É possível compreender o presente derivado de um passado, com tomadas de posições e escolhas, mediadas por um sistema comum a todos os sujeitos do Colégio Cristo Rei.

Tendo como ponto de partida a análise desse cotidiano escolar, verificar se hábitos eram reproduzidos. E, sendo uma das preocupações da nova história renovar, criar

¹ SETTON, M.G.J.(2002). A teoria em Pierre Bourdieu: uma leitura Contemporânea. CATANI, A..M; CATANI, D.B. (2001). As apropriações da Obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. Revista Brasileira da Educação. WACQUANT, L. (2002).A teoria do Hábitus. Artigo traduzido do inglês por José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira.

possibilidades de articulação, encontrar verdades e sensações, com o intuito de descentralizar os sujeitos históricos.

Assim, aos poucos, fui descobrindo um pouco dessa “gente sem história”, procurando articular suas aspirações e experiências que não seriam valorizadas no modelo histórico tradicional.

Nessa construção, percebi que a escola não era apenas um meio de reprodução dos valores sociais da época, mas também criava e fazia intervenções na realidade por meio de sua ação na comunidade foi então que surgiram questões como: Qual era o objetivo dos pais das alunas do Colégio Cristo Rei ao procurar uma escola católica voltada para meninas? Quais as expectativas do ensino das missionárias agostinianas que permeavam essa escolha? Qual era a visão feminina da educação católica envolvida na escolha do estabelecimento escolar?

Essa problemática foi o fio condutor que definiu a perspectiva de apreensão do nosso objeto, da periodização e do problema que serviria como eixo de nosso estudo.

Nosso primeiro contato com as fontes documentais do Colégio Cristo Rei se deu através do Livro das Origens da Congregação das Missionárias Agostinianas, que foi um documento escrito por ordem do Concílio Vaticano II, determinando que todas as congregações religiosas procurassem investigar suas origens e escrever sobre elas. A partir de partes deste documento, no qual estão incluídas as missionárias, pude recolher algumas informações sobre as suas raízes.

A primeira Congregação Feminina Agostiniana Espanhola, de Barcelona, foi uma comunidade de irmãs, cujo objetivo principal era a educação de meninas e jovens. Essa comunidade inicial derivou outros ramos com objetivos educacionais semelhantes. Porém o que a distinguia era uma linha dupla, definindo a separação entre a missão e o objetivo, culminando na criação de algumas escolas exclusivamente para mulheres e professoras.

O documento descreve fatos e acontecimentos com clareza e precisão, sobretudo nas datas, quando determina as primeiras manifestações para a criação das missões, a trajetória das congregações, as diferenças entre os ramos de missionárias agostinianas espanholas até a fundação, em São Paulo, no começo do século XX, do Colégio Cristo Rei.

Posso destacar aqui que é um desafio para todo pesquisador lidar com todo esse material histórico, registrar os acontecimentos e transformar as informações em evidências. Concluí, então, que foi uma aventura adentrar no pensamento dos escritos de Paul Veyne, nas aulas de Pesquisa Histórica em Educação e encontrar as semelhanças e diferenças entre as realidades históricas que se apresentavam. Como destaca o autor:

Destacar as diferenças a partir do reconhecimento de que a realidade histórica é social e culturalmente constituída tornou-se um pressuposto para o pesquisador que procura desvendar o dia-a-dia, perceber a existência de processos históricos diferentes que compõem a trama histórica e abrindo um leque de possibilidades de análises. (VEYNE, 1983, p. 44).

A trama histórica inicial destaca um processo de construção das diferenças e semelhanças entre os ramos da Congregação, que se dividiu em dois grupos, diferenciados por atitudes, mas semelhantes no objetivo.

Em princípio foi necessário discorrer sobre a constituição da Ordem de Santo Agostinho, para compreender a formação do ramo das Beatas Terciárias Agostinianas. A proposta da formação de um asilo para meninas pobres, em Barcelona, e porque algum tempo depois, se expandiram para as ilhas Filipinas, antigas possessões espanholas.

Em seguida, apresento uma descrição da vertente dessa mesma Congregação, que se ramificou e deu origem a um noviciado, para a formação de jovens professoras e missionárias, sempre analisando os conflitos e objetivos desse grupo fundador, até chegar às evidências que motivaram a vinda para o Brasil, mais especificamente no Bairro da Vila Mariana.

A formação de novas escolas e a migração de outra Congregação Agostiniana com os mesmos objetivos educacionais no Brasil, o que determinou um aprofundamento nas transformações da Igreja Católica no início do século XX

Em continuidade, abordei sobre a fundação do Colégio Cristo Rei, em um bairro da cidade de São Paulo, com a finalidade de explorar um pouco mais essa região urbana e na qual pude ampliar essa visão histórica, revivendo o cotidiano da cidade.

O bairro da Vila Mariana tem sua própria história. Formou-se com imigrantes de diversas origens que se estabeleceram no local. Esse bairro foi uma importante via acesso para o litoral paulista, o que diferenciava a clientela atendida da de outros bairros da cidade, e por serem imigrantes, tinham peculiaridades, o que direcionou a problemática a ser trabalhada.

Nessas características da formação do bairro, identifiquei o objetivo inicial das alunas que estudavam no Colégio Cristo Rei. A educação das missionárias estava centrada na formação de jovens de uma classe sócio-econômica considerada média para a época, e estudar no colégio determinava o padrão social pertinente à visão das famílias.

Para definir padrões de comportamentos que indicassem esse objetivo, pude perceber, na prática, que não seria possível apenas a informação existente nos documentos. Foi necessário, então, procurar nas relações do cotidiano às respostas para essa questão e

evidenciá-la, através dos pressupostos que indicaram as influências advindas das origens dessas ex-alunas.

Com a perspectiva de verificar essas influências do bairro, no dia-a-dia das personagens, foram surgindo hipóteses que poderiam responder às perguntas iniciais, como:

a) As meninas estudavam no colégio das freiras agostinianas porque seus pais eram católicos e acreditavam na educação disciplinada e rígida, tendo como finalidade as filhas serem portadoras de uma formação intelectual, moral e religiosa, necessária à criação dos filhos;

b) porque acreditavam em um ensino forte, e isso proporcionaria á jovens continuidade dos estudos e a conclusão do ensino superior, obtendo uma boa profissão e tornando-se economicamente independentes;

c) que elas concluíssem o Curso Normal para poderem se dedicar ao magistério, posto ser essa profissão para a mulher, naquela época, a única profissão compatível, com o casamento e a criação de filhos.

Esses pressupostos envolveram uma análise dos valores transmitidos por imigrantes a seus descendentes, nessa região tradicional da capital paulista.

Nesse período, os bairros propriamente residenciais já se diferenciavam dos bairros operários. Era um lado da cidade onde surgiram parques e jardins, que foram substituídos por loteamentos e aos poucos se tornaram bairros urbanos compactos. O bairro da Vila Mariana inicialmente se constituiu como importante via de passagem dos carros de Santo Amaro e do litoral, e as famílias que ali moravam formavam uma comunidade com características próprias.

O propósito dessas famílias ao se estabelecerem na região foi posto em evidência, privilegiando desde a origem do bairro, até o ano da fundação do projeto educacional das missionárias, com a finalidade de esclarecer o processo de acomodação das irmãs e como essas missionárias foram abrindo espaço para dar conta do atendimento às alunas, sem perder de vista as suas origens.

Sempre buscando identificar a visão das alunas e seus pais através da junção dos materiais fornecidos pela instituição com os dados fornecidos pela formação do bairro, pude registrar e realizar algumas inferências no crescimento da instituição, com um breve relato do seu contexto histórico.

A proposta de uma escola com características próprias da identidade original de uma Congregação Agostiniana, suas práticas escolares, sua finalidade educativa, religiosa e formativa foram percebidas e descritas no relacionamento com as ex-alunas.

Somente depois de uma análise da apropriação dos espaços escolares, dos aspectos internos, da organização do tempo e das práticas no cotidiano, é que veio à tona elementos imprescindíveis para a compreensão da constituição social e cultural do Colégio, sua carga formadora e disciplinadora, até pela sua própria constituição física.

Nessa configuração do Colégio Cristo Rei houve a necessidade de utilizar outras fontes para compor uma visão coletiva da instituição, como questionários semi-abertos e entrevistas abertas. Com essa intenção, a investigação foi sendo realizada através de questionários semi-abertos, com perguntas para indicar o perfil dos sujeitos históricos e um exame complementar, caracterizando a posição social e as expectativas de vida com relação ao ensino do colégio das missionárias agostinianas.

Os questionários foram organizados para três grupos de protagonistas. No primeiro grupo estão destacadas perguntas para ex-alunas e divididas por assunto.

Na primeira parte, as questões se referem à identificação, à descendência e a escolaridade dos pais e das alunas que estudaram no Colégio na década de sessenta do século passado. As questões da segunda parte têm por finalidade descrever a posição social das alunas e mencionar os bens da família na época, além de costumes, hábitos e religião. E finalmente, questões de maior profundidade para a investigação, envolvendo conceitos sobre a escola, vivências do cotidiano, valores e a incorporação desses valores na vida dessas mulheres.

Os outros dois grupos de perguntas se constituíram por um questionário para as mães, especificamente e outro para os pais, contendo os mesmos objetivos e questões propostos para as ex-alunas, observando as diferenças entre eles.

Com as fontes disponíveis, o trabalho do historiador deve ser a preocupação com todas as evidências possíveis para construir seu objeto de estudo. Principalmente, por se tratar de diferentes formas de ver um mesmo objeto, ou seja, uma visão de mundo.

Para essa construção, do cotidiano das mulheres, tornou-se imprescindível um adensamento com a inserção de entrevistas abertas, através de mensagens e conversas informais por meio eletrônico, ou, pessoalmente, com ex-alunas dispostas a participar desse estudo.

As questões priorizadas nas entrevistas foram fundamentadas no objetivo de estudar em um colégio de freiras e as recordações mais significativas do período em que estudaram no Colégio. As perguntas, assim foram formuladas: O que você pensava da escola? Conte-me a respeito dos seus ideais na época? Para poder estabelecer fatos específicos e comentários que respondessem as hipóteses iniciais.

Com as entrevistas pessoais existiu a possibilidade de responder a algumas questões que ainda permaneciam abertas nos questionários escritos e colocar as evidências dentro de um contexto mais amplo, para compor a visão de mundo das meninas e seus pais nos anos que estudaram no Colégio Cristo Rei.

Essas narrativas contêm fragmentos de lembranças e apontamentos que analisadas adequadamente, formam uma construção histórica. Como define, Thompson. (1992, p.303):

a forma é uma coletânea de narrativas. Uma vez que pode ser que nenhuma delas seja, isoladamente, tão rica ou completa como narrativa única esse é um modo melhor de apresentar um material de vida típico. Permite, também, que as narrativas sejam utilizadas muito mais facilmente na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as _ como um todo ou fragmentadas _ em torno de temas comuns.

Com a organização de uma coletânea de narrativas apresentadas pude compor uma interpretação mais ampla em torno do tema proposto.

Essa interação entre o pesquisador e seu objeto de estudo definiu as categorias: visão de mundo, cotidiano e gênero. Sempre com a preocupação de extrair os conceitos incorporados nas personagens e resgatar experiências dessas protagonistas foi possível descobrir o que era valorizado por essas mulheres que fizeram parte desse projeto educacional do Colégio Cristo Rei, no período de 1960 até 1970 do século passado.

Portanto, não posso deixar de rever que as novas tendências da Historiografia ampliaram a visão do cotidiano. Como lembra Matos. (2002 p. 29):

questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Procurando acabar com a segmentação entre o passado e presente, os estudos do cotidiano muito contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, localizando o relatório e a multiplicidade de durações que convivem entre si na trama histórica.

E, nesse tempo de criar... , encontrei contradições e semelhanças na forma da visão de mundo das mulheres, na percepção da educação e na participação da sociedade da época.

Essa abordagem apresentada permitiu perceber o potencial que as fontes históricas não convencionais, entre elas as memórias pessoais ou de grupos sociais, representam para a História da Educação Brasileira. Nesse sentido, oferecem substratos concretos para se construir, a partir de vozes plurais dos sujeitos, narrativas históricas não lineares, descentradas, múltiplas, que não só ajudam a iluminar períodos e espaços passados, como

também levantam questões referentes à pluralidade de culturas, bem como os processos de construção identitárias de instituições em sociedades multiculturais.

As questões que foram observadas sugeriram uma ampliação em meu campo de visão da educação no período que focalizei para o estudo, abordando não só o lado religioso da educação, mas também o universo doméstico, no qual as expectativas em relação à instrução e à aquisição de cultura nas práticas educativas revelam a profunda vinculação entre a vida cotidiana, os padrões sociais, os valores reinantes e a opções educacionais possíveis nesse determinado contexto histórico.²

O Colégio Cristo Rei ao educar mulheres provenientes de imigrantes, do bairro, no externato e no curso para normalistas, foi um meio reprodutor de valores e costumes femininos, de acordo com as imposições de uma sociedade que definia os espaços entre o masculino e o feminino.

O tema do capítulo inicial trata das origens da Congregação das Missionárias Agostinianas e sua instituição a partir de um grupo de senhoras católicas de Barcelona, Espanha. Essas senhoras fundaram uma Pastoral de auxílio a meninas humildes com uma finalidade assistencial, junto à Paróquia dos Padres Agostinianos.

Assim, em 1700, algumas noviças optam pela vida em comunidade e formam um grupo de Beatas que se incorporam à Ordem de Santo Agostinho, com o nome de Agostinianas Terciárias. Em princípio, existe uma análise de todo o processo de formação da congregação, suas vertentes e desdobramentos, para situar os acontecimentos, que levaram as missionárias à fundação de outras escolas e ao trabalho missionário na educação feminina, voltadas a formação de jovens professoras, em outros países, e no Brasil.

Para definir esse processo de acomodação das freiras, no Brasil, pude descrever o movimento das beatas que se destacaram na fundação das primeiras escolas, em terras brasileiras.

No capítulo seguinte faço uma descrição da região da Vila Mariana e do histórico que originou essa região urbana, da cidade de São Paulo. Região que apresenta características próprias dos imigrantes italianos e de outras descendências. Investigando essa comunidade emergente que escolheu como solução para a educação das mulheres de classe média e tradicional, o sistema educacional religioso das missionárias agostinianas. Em seguida adentro

² CANEN, A; XAVIER, L. N. (2000). Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica. Texto escolhido sobre multiculturalismo, memória e história da educação brasileira: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil imperial.

o interior da escola para destacar o funcionamento e a estrutura formada na ênfase do ensino católico e formador de valores morais femininos.

E, finalmente, no terceiro capítulo apresento uma análise da família-padrão e das alunas que estudaram no Colégio Cristo Rei. Essa análise se baseia na descoberta do cotidiano das famílias e ex-alunas, da visão dessas mulheres que fizeram parte da estrutura escolar idealizada pelas missionárias. A importância dada aos valores morais, aos estudos com qualidade e as expectativas envolvidas nessa relação entre a educação e possibilidades de uma futura profissão para mulheres advindas das transformações sociais na década de 60.

Enfim as formas de adequação a modernidade e as influências desse processo cultural.

1 AS ORIGENS DA CONGREGAÇÃO

1.1 História das Beatas Espanholas

“Mesmo que já tenha feito uma longa caminhada,
há sempre um caminho a percorrer”.
(Santo Agostinho)

Para construir um período histórico sempre é necessário voltar no tempo em busca de informações que identifiquem personagens e representações mentais, para descrever as formas de pensar, valores, hábitos, relações no cotidiano, interesses e tensões entre esses sujeitos.

A descrição dessa instituição escolar deu-se, inicialmente, para compreender como ocorreu sua fundação e sua acomodação no bairro e no dia-a-dia da cidade de São Paulo.

O Colégio Cristo Rei se instalou há mais de setenta anos, em um dos bairros de classe média mais tradicional da capital paulista. Sua fundação ocorreu em meados de 1933, no bairro de Vila Mariana, mais precisamente na rua Apeninos, 363. Entretanto, para recuperar os objetivos da instituição, muitos acontecimentos e conflitos se sucederam até a ampliação do objetivo maior, que era fundar uma escola. Porém esse ideal vem de tempos mais remotos.

Nas primeiras aproximações com o objeto do estudo, retorno às origens do Colégio Cristo Rei, para compreender a razão de sua fundação.

Tudo começou com a formação da Congregação das Missionárias Agostinianas. Durante o Concílio Vaticano II, ficou determinado que todas as congregações religiosas deveriam fazer uma releitura das suas origens, buscar nos documentos e estudos as diferenças entre elas e organizá-los em um documento.

Houve grande empenho de pessoas em buscar os fatos envolvidos nesse processo. E, através desse documento, denominado *Perfectas Caritatis*,³ todos os institutos religiosos assinalaram sua volta às origens. Assim, durante 14 anos, as missionárias agostinianas colaboraram na realização desse trabalho.

Parte desse documento dirigido a todas as congregações religiosas indicava a orientação e o dever de estudar suas raízes e encontrar sua identidade. As missionárias têm parte desse trabalho escrito em um livro da Congregação Agostiniana, que me foi permitido

³ Documento escrito por ordem do Concílio Vaticano II, no qual todas as Congregações religiosas deveriam definir sua identidade congregacional, como fruto do retorno às fontes e da adaptação à situação do mundo e da Igreja de hoje.

utilizar para investigar alguns indícios de suas origens, e, através dele, encontrei os primeiros passos para a sua formação.

Porém, ao começar escrever sobre essas religiosas, foi necessário definir o primeiro tronco da Congregação Agostiniana, sua formação e sua ramificação a partir da Ordem de Santo Agostinho.

A formação da Ordem teve o seu começo no ano de 391, quando o monge Agostinho se ordenou sacerdote e formou um mosteiro nas propriedades de seu pai, em Tagaste, província romana na África. O sacerdote Agostinho criou um conjunto de exortações, denominado Regra de Santo Agostinho, que passou a estruturar a vida em comum dos irmãos, com a finalidade de facilitar a vida comunitária. (FABRA, 2002, p. 5).

Muitas são as teorias que pretendem explicar a origem da Regra. Uma delas é que foi escrita em primeiro lugar para conventos femininos e, somente depois, adaptada para a vida nos mosteiros masculinos. Porém quase todas afirmam que a criação dessa Regra aconteceu quando, ao se tornar bispo, Agostinho, necessitando deixar sua primeira comunidade em Histona, procurava compensar sua ausência com um conjunto de exortações.

Essa primeira comunidade inspirou a organização de comunidades de cônegos, sacerdotes e bispos da Idade Média, no continente africano. No século V existiam trinta e cinco mosteiros agostinianos que, perseguidos por incrédulos, migraram para a Europa.⁴

Em 1224, eremitas de muitos conventos da Toscana, sob o patrocínio da Santa Sé, reuniu-se em apenas um grupo, de características homogêneas.

Finalmente em 1256, as várias ordens e congregações, uniram-se em função da Bula *Licet Ecclesia e catholicae* expedida pelo Papa Alexandre IV, dando um novo impulso à Ordem Agostiniana, fundada na Itália.

A união aconteceu no convento de Santa Maria Del Popolo e, no ato de sua fundação, a Nova Ordem abraçava 180 casas religiosas na Itália, Áustria, Alemanha, Suíça, Países Baixos, França, Espanha, Portugal, Hungria, Boêmia e Inglaterra.

A florescência da Ordem de Santo Agostinho exigiu dos frades certas adaptações às variadas circunstâncias históricas e às novas exigências dos tempos. Por essa razão, o capítulo provincial da Província de Castela, Espanha, elaborou uma ata de ordenação, em 1589, incentivando a fundação de conventos de estrita observância, ordenadas pela “Forma de Viver” preparada pelo Fr. Luiz de León. Essa Província dentro da Ordem, em 1606 “já

⁴ A família Agostiniana no Brasil. (2002). Documento escrito para o IX Congresso Agostiniano contendo uma síntese de todas as Congregações Agostinianas que fazem parte dessa Ordem, no Brasil.

enviava seus primeiros missionários às ilhas Filipinas, dando início a uma história de quase quatro séculos”. (FABRA, 2002, p. 8).

A Congregação das Agostinianas Missionárias é um dos ramos da Ordem de Santo Agostinho agregada em 1909 e, depois em maio de 1949, reconhecendo Agostinho como patrono e sendo assim, acolhendo sua Regra e sua espiritualidade.

Em tempos mais remotos, com a fundação da Terceira Ordem de Santo Agostinho, aprovada pelo Papa Bonifácio IX, em 1399, foi formado um tronco com muitos ramos, para as mulheres que queriam se dedicar à vida religiosa.

A Terceira Ordem oferecia um duplo caminho para essas Terciárias Agostinianas: um estilo de vida individual, em que as mulheres seguiam vivendo em suas próprias casas, ou uma vida em comunidade num Beatério.⁵

As irmãs Terciárias tinham um objetivo apostólico direto (trabalhar na comunidade), e, por essa e por outras estruturas canônicas, se distinguiam das Monjas de Clausura, a Segunda Ordem Agostiniana.

Para analisar essa ascendência agostiniana, encontrei evidências sobre o primeiro Beatério das Agostinianas Terciárias fundado em 1700, pela madre Agostinha Tardá, que havia professado seus votos de religiosa em 1678, sendo ela a primeira beata a iniciar o movimento de viver em comunidade. (A M, 1996, p. 3).

Essa disponibilidade para atender a comunidade à qual pertenciam, ficou evidenciada na fundação de uma escola, em 1704, para o ensino de meninas pobres, de Barcelona, na Espanha.

Aproximadamente no ano de 1678, um grupo de senhoras católicas de Barcelona-Espanha funda uma associação cristã para trabalhar na Pastoral Social junto à Paróquia dos Padres Agostinianos. Foram formando na amizade, união e trabalho uma pequena comunidade que se torna de vida comum, unindo seus bens pessoais. Assim, em 1700 elas se incorporam à Ordem de Santo Agostinho, com o nome de Agostinianas Terciárias. Tinham como atividade apostólica a educação de crianças. Essa vocação que as diferenciava das Agostinianas de clausura imediatamente as levou expandir para outras regiões, e a pedido do bispo Seo/de Urgel, fundaram na cidade de Lerida um beatério com as mesmas características de Barcelona. Anos depois, por exigência da época, foram se enclausurando até 1865, sem, entretanto deixar a educação e o ensino de crianças pobres. (A M, 1996, p. 3).

Como viviam em comunidade, as Beatas de Barcelona dedicavam-se ao ensino não só de meninas, mas também de mulheres, instruídas com a finalidade de se tornarem futuras beatas (noviças), principalmente as de família pobre.

⁵ Beatério é uma comunidade de beatas (irmãs) com o objetivo de uma ação Pastoral.

Com essas informações extraídas do livro das Origens, constatei que as missionárias já se definiam por uma vida comunitária e voltada para a educação feminina.⁶

Além da vocação para o apostolado, as beatas ramificaram-se para outras regiões, formando, em 1721, na cidade de Lérida, Espanha, outro Beatério, semelhante ao de Barcelona.

Porém, algum tempo depois, não precisando como e nem por que (não há registro escrito), mesmo continuando com sua atividade de educadoras, “vão progressivamente se enclausurando, até a aceitação completa da clausura no ano de 1865”. (A M, 1996, p. 5).

Depois de algum tempo, em 1883, de acordo com documento escrito sobre as Origens, houve um “despertar no Beatério, quando uma prolongada epidemia de peste alcançou as Filipinas, uma das possessões espanholas e...”, deixou várias crianças órfãs. (A M, 1996, p. 5). Foi nessa época, que as Terciárias deixaram a clausura, para atender o convite dos padres agostinianos, e ensinar as meninas órfãs de Manila. Os fatos que conduziram a esse incidente foi a criação de um asilo e seria conveniente que uma congregação religiosa feminina assumisse o ensino do orfanato.

Algumas senhoras caridosas da Confraria de Nossa Senhora da Consolação de Manila assumiram essas crianças desamparadas, porém, por mais que dedicassem seu dinheiro, necessitavam do auxílio de uma Congregação Religiosa feminina e que tomasse conta do asilo patrocinado pela mencionada confraria. (AM. 1996, p. 5)

Com os novos acontecimentos, o Definitório (Congregação) dos Padres Agostinianos das Filipinas designa o padre Salvador Font, assessor da confraria dos padres agostinianos de Manila, a tomar providências necessárias e trazer da Espanha, uma congregação religiosa feminina que tomasse conta do asilo.

Assim, através do padre Tintorer Osa (outro padre agostiniano), a confraria faz contatos com a Espanha e traz para a cidade filipina algumas Beatas Terciárias de Barcelona, que “gozavam de grande prestígio como educadoras”. (1996, p. 5). Esse fato ocorreu da seguinte forma:

O padre Font fez contato com o Beatério e foram três os motivos pelos quais o padre Tintorer OSA faz a solicitação as Beatas Terciárias de Barcelona”:

- a) Pertenciam à família Agostiniana.
- b) Gozavam de grande prestígio como educadoras.
- c) Eram terciárias, quer dizer, de votos simples, o que não implicaria nas dificuldades específicas para sua transferência às remotas Ilhas Filipinas.

⁶ Esse documento foi cedido pela Ir. Ana Maria Brandão, superiora da Casa Provincial. Trata-se de algumas descrições das fontes investigadas por peritos, historiadores, teólogos, juristas e agostinólogos que realizaram um estudo completo das origens da Congregação.

A proposta chega ao Beatério no dia 1º de janeiro de 1883. A superiora, Madre Antonia Campillo, aceita entusiasmada a idéia, expondo-a imediatamente à comunidade. Ainda que algumas dissessem preferir um tempo maior para um discernimento mais tranqüilo, todas, entretanto aceitam e assumem como seu, o entusiasmo da madre superiora.

Havia reflorescido no Beatério a atitude originária de disponibilidade ao serviço da igreja.

Sem outros preparativos, mais que as incontidas ilusões apostólicas e a ordem de partida do padre Font, a mesma Madre Antonia pôs-se à frente da expedição missionária. Acompanham-na outras três religiosas: Sor Rita Barceló, Sor Augustina Basegoda e Sor Querubina Samarra. Embarcaram rumo ao desconhecido no dia 03 de março do mesmo ano. Apenas dois meses, era pouco tempo para que pudessem formalizar convenientemente todos os requisitos indispensáveis para assegurar o êxito da nova fundação. Não se havia formalizado nenhum contrato com o Definitório dos Padres Agostinianos das Filipinas, porque o mesmo não havia aprovado ainda a mudança das Beatas de Barcelona para Manila. Tão pouco se havia solicitado a permissão das autoridades eclesiásticas e civis. (A M, 1996, p. 6)

Assim, o Beatério de Barcelona estende-se até as Filipinas.

A boa vontade de todos e as urgentes necessidades de apostolado diminuiram as dificuldades provenientes da improvisada mudança das Agostinianas Terciárias para Manila.

Certamente, nem o Beatério, nem as quatro Beatas saídas de Barcelona, nem o Definitório dos Agostinianos tinham a pretensão de fundar uma nova Congregação, mas apenas uma comunidade a mais, estendendo o raio de ação das irmãs. Ambas as comunidades, a de Barcelona e a das Filipinas mostravam-se intimamente unidas, como revela a abundante correspondência conservada.

Chegando ao novo país, as missionárias foram recebidas como grandes educadoras e contam através de abundante correspondência como iniciaram as atividades no asilo.

O entusiasmo das missionárias contagia, através das cartas, as irmãs que haviam ficado no Beatério: “Já podem vocês considerar que caridade tão grande é atender a estes países. Todas estamos cada dia mais contente com esta vocação que Deus nos deu, e esperamos que Ele a dê a outras, a fim de que nos ajudem na missão que Deus nos prepara para cumprir”.(A M, 1996, p. 7).

E em outubro de 1883, mais missionárias vão unir-se a elas: Ir. Alfonsa Sabat e Ir. Mônica Munjal juntamente com a jovem Joaquina Barceló.

As agostinianas dedicam-se ao trabalho, superando com esforço as dificuldades normais, como eram as provenientes da adaptação ao clima diferente e a do idioma tagalo. E, até mesmo crescem as esperanças de expansão por outras regiões do Arquipélago das Filipinas. E, um trabalho de evangelização nas missões da China, proposto pelos Padres Agostinianos.

Algum tempo depois, de acordo com o livro das fundadoras, outra comunidade se formava e a missão educativa criava outra casa para asilar meninas órfãs necessitadas de abrigo.

Quando tudo parecia caminhar sem dificuldades, levanta-se repentinamente uma tormenta com imprevistos furacões dos mares tropicais filipinos, o que iria conseqüentemente, levar a um completo fracasso aquela missão. As irmãs sentem-se desamparadas para prosseguir com a missão e voltam a Madri.

A descrição encontrada nos documentos fornecidos, pela madre superiora da congregação das agostinianas, não detalha com rigor o que realmente aconteceu. A exposição retorna na partida das beatas para Barcelona, quando fundam uma nova comunidade em Madri, no ano de 1890. Apenas mencionam os fenômenos naturais nas ilhas, mas indicam algumas evidências e pressupostos, definidos a seguir:

[...], entretanto, da abundante documentação que afortunadamente chegou até nós, pode-se dizer que três foram às causas que obrigaram as Agostinianas Terciárias, uma após outra, a regressarem a Espanha, mesmo depois daquela saída do Beatério rumo as Filipinas”, foi:

1º) Á raiz de tudo deve-se considerar a precipitação para fundar em Filipinas, já que não houve nenhum contrato, nem se estipularam bases que fixassem os direitos e responsabilidades das Beatas e Definitório dos Agostinianos.

2º) A pretensão dos PP. Agostinianos de submeter as Beatas à sua inteira jurisdição, inclusive em temas de vida interna da Comunidade.

3º) Também, a falta de uma adequada seleção do pessoal expedicionário, porque mais tarde se demonstrará que era deficiente sua capacitação técnica para o ensino.

Este fracasso da fundação em Filipinas criou um trauma na disponibilidade apostólica do Beatério, até o ponto de chegar a pensar que era aquela tarefa iniciada lá, não pertencia à vocação das Beatas. _ “parece-nos que não é esta nossa vocação”. Outros testemunhos como estes foram, sem dúvida, provocados, mas de modo algum, respondia à identidade do Beatério, que havia surgido com a finalidade apostólica, própria de toda Ordem Terciária à qual pertencia. (A M, 1983, p. 7).

A motivação que levou as Beatas para as Filipinas não havia desaparecido; ao contrário, ainda continuava viva. Um grupo, ainda que reduzido de Agostinianas Terciárias ficou nas ilhas; a jovem Consuelo Barceló, irmã de Sor Rita e outras nativas que haviam sido admitidas na comunidade.

1.2 A fundação da Congregação

A Ir. Querubina Samarra foi, ainda noviça, foi uma das beatas que mais se interessou em viajar para a Missão criada nas Filipinas.

Era nascida em Montclair (agregado do município de Urgel, Província de Lérida), um povoado agrícola até os dias de hoje, com aproximadamente 180 habitantes que se dedicavam ao cultivo de terras e à confecção de gravatas, da qual participavam as mulheres do povoado.

Nasceu em uma casa próxima da escola desse mesmo povoado, no dia 26 de julho de 1860. Começou a estudar muito cedo e na escola vizinha aprendeu a ler, escrever e rezar.

Na Paróquia de São Tiago, em 1031 era beneditino, mas logo em seguida passou a ser agostiniano, funcionava uma importante escola de gramática, artes e teologia e formava um centro de irradiação cultural agostiniana. Foi o lugar no qual a Ir.Samarra encontrou sua opção para o estudo e também pelo universo agostiniano.

Quando sua mãe morreu, deixou seu pai e seu irmão quase adolescente aos seus cuidados. O pai, viúvo, dedicou-se à religião acolhendo-se em uma capela que mandou construir no interior de sua casa.

Foi nesse tempo que a adolescente resolveu ingressar no Convento das Agostinianas, como foi possível constatar em sua biografia, escrita por uma das missionárias:

Leu algo muito comentado naqueles anos, que muitos cristãos, especialmente catalões, desejosos de viver intensa e coerentemente as exigências da fé, optaram por organizar associações, formar grupos de jovens, fundar novas famílias religiosas, para atender e mitigar sofrimentos humanos, comprometendo-se com parcelas da humanidade, onde a dor e as diferentes espécies de pobreza são mais acentuadas e urgentes. (DE LA RED. 2003, p. 12).

Ingressou no convento, indicado pelo bispo de Urgel e, aos 21 anos, em 1881, viaja com seu pai chegando ao Beatério de Barcelona, onde é recebida por M. Antonia Campillo, superiora das Beatas de Santo Agostinho, como eram conhecidas popularmente. O noviciado devia durar um ano.⁷

Nos primeiros dias de 1883, vem a notícia, dentro do convento, que os Padres Agostinianos fizeram uma proposta à superiora de enviar um pequeno grupo de irmãs para as Filipinas, com a finalidade de dedicarem-se ao cuidado de meninas órfãs. Então ela se oferece para tal missão.

Assim, no dia 03 de março, logo em seguida à sua profissão, Ir. Querubina sai do Beatério para pegar a embarcação Lopez, em direção ao Arquipélago. Conforme De La Red (1999, p.20), “Nesse clima podemos dizer que a profissão foi assinada sobre o mar”.

Praticamente um mês depois da saída de Barcelona, no dia 06 de abril desembarca no porto de Manila.

⁷ Ir.DE LA RED, A. (1999). Biografias de Agostinianas Missionárias que mais se destacaram na trajetória da Congregação. O livro foi traduzido pela Ir. Angélica Zanetta e revisado pela Ir. Ana Maria Brandão.

Em sua primeira carta, ao Beatério de Barcelona, Ir. Samarra descreve da seguinte forma as meninas do orfanato em Manila: “Chegamos para acolher o pobre, para fazer as vezes das mães que haviam sucumbido na terrível peste daquele ano, para dar consolo às infelizes criaturas que choravam sua orfandade na mais espantosa miséria”. (DE LA RED, 1999, p. 22).

Nessa descrição pude verificar que a disposição da beata era de formar um núcleo de agostinianas e desenvolver um programa educacional para as meninas órfãs, além da proposta de consolar as meninas.

Na seqüência as informações sugerem que as irmãs foram recebidas com muita festa em Manila, para a alegria dos padres agostinianos e as damas da nobreza que haviam dado apoio econômico ao orfanato de Mandaloya. E, finalmente, existe a definição de que a Ir. Querubina assumiu a direção e o programa educativo naquela casa formada para educar meninas.

O novo edifício encontrado por Ir. Querubina não se parecia em nada com o Beatério de Barcelona. Havia mais espaço, refeitórios, dormitórios salas de aulas e muitas meninas. O orfanato estava equipado com o melhor material e era intenção dos padres agostinianos, desde o começo, que o mesmo fosse orientado por pessoal preparado, porque a realidade urgia em “acoplar aptidões para o ensino e educação das meninas”.

Na bagagem trazida de Barcelona, encontrou apenas tecidos, linhas para bordados, pinturas e papéis coloridos. Portanto, já nos primeiros dias, Ir. Samarra percebeu a necessidade de conhecimentos culturais, para desenvolver programas práticos e completos, além de uma formação para tarefas domésticos ou cuidados do lar.

No dia 31 de outubro de 1883, chega um outro grupo de Beatas enviadas de Barcelona para dar um novo impulso ao orfanato, pois como tudo indicava, os desafios eram muitos.

Nesse primeiro ano o orfanato cresceu, converteu-se num plano complexo e amplo, exigindo a formação de oficinas-escola, artesanato, formação profissional, etc. Algo parecido com uma universidade do trabalho, e as dificuldades começaram a se acumular... “Então, uma crise afetou as sete irmãs”. Essas descrições estão nos documentos analisados esclarecendo os motivos da insegurança advindos da falta de preparo, para a missão (DE LA RED, 1999, p. 23).

Juntas com a M. Antonia Campillo, numa tentativa de buscar soluções, decidiram abrir outro orfanato e dividir a comunidade de Mandaloya, como era denominado o orfanato. E em 1884 a Ir. Querubina, juntamente com a M. Campillo, Ir. Agostinha e Ir. Alfonsa fundam o novo orfanato, chamado Pasig. Entretanto, duvidam das possibilidades para o

trabalho. Mesmo com o esforço do grupo em continuar com a obra educativa, depois de algum tempo as três irmãs desistem do objetivo inicial e pedem para retornar ao Beatério de Barcelona. Somente a Ir. Querubina permaneceu em Pasig, assim, uma a uma, as beatas voltam para a Espanha.

Existe o registro ⁸ de uma carta enviada ao Beatério de Barcelona, que define o motivo pelo qual a irmã desistiu da missão. Um dos trechos diz:

O melhor aprendizado que nos deixa sua experiência é exatamente, constatar que a disponibilidade para a missão exige capacitação para a obra a ser assumida. O realismo e a sensibilidade se irmanam na justa fidelidade. (A M, 1999, p. 30).

Esta carta implica em afirmar que as dificuldades já se tornavam insuperáveis. Essa impossibilidade de êxito deveu-se à falta de formação apropriada para tal missão e, principalmente porque sua saúde estava comprometida. De acordo com os relatos encontrados nas fontes, a irmã contraiu tuberculose em Pasig (o novo asilo), sendo transferida para Mandaloya novamente, o que não serviu para sua recuperação física.

No asilo de Mandayola, segundo os registros, reaviva a alegria da primeira chegada, no entanto sofre a limitação de sua enfermidade. Na descrição sobre o acontecimento, há evidências da situação em que as beatas se encontravam nesse país distante da Espanha. O comentário foi o seguinte:

Sua personalidade firme fez a todos lembrar que essa jovem religiosa tornava-se portadora e representante da “triste situação do grupo”, diante da Casa Mãe, e na idade era a mais jovem das quatro e a última que professou na religião. (DE LA RED 1999, p. 29).

Embora Ir. Querubina fosse dotada de uma personalidade forte, como afirmam os documentos, a doença obrigou-a voltar e praticamente todo o grupo retorna.

“No dia 5 de junho do ano de 1888 Ir. Samarra retorna a Barcelona, após cinco anos nas ilhas Filipinas. Regressa para o antigo Beatério trazendo a experiência vivida nas ilhas e com a esperança de voltar para terminar o trabalho inicial”. (DE LA RED, 1999, p. 29).

⁸ Documento maior da Congregação das Missionárias Agostinianas, deste documento todas as informações que são descritas no livro de biografias das missionárias e no Livro das Origens foram embasados. Não há uma informação do significado desta sigla, mas deve haver uma referência a Família Agostiniana, pois todas as anotações que foram encontradas sobre outras congregações agregadas a ela, dizem respeito ao documento.

Novamente volto a discorrer sobre a vida da Ir. Querubina, pois percebo que todo o fundamento educacional do Colégio Cristo Rei tem reflexos advindos desta experiência vivida no começo das missões.

No Beatério de Barcelona ela se recupera e os antigos ideais retornam com mais força. As irmãs se reúnem e surge um novo caminho para essas beatas envolvidas com a educação de meninas e jovens.

1.3 Comunidade de Madri

O Beatério de Barcelona estava ficando pequeno com a volta das irmãs e as novas beatas que ingressavam. Foi quando surgiu uma nova idéia fundar uma Casa para Noviciado, em Madri, destinada aos mesmos fins da obra nas Filipinas. Isto ocorreu em 1890, quando o Padre Tintorer, da confraria dos agostinianos nas ilhas, necessitou enviar reforços para o Arquipélago. Esse fato aconteceu devido à permanência de algumas missionárias na cidade de Manila, que necessitavam ajuda para continuar a missão, e solicitam:

Os padres Agostinianos, julgando que aquela primeira experiência negativa não deveria ser um empecilho para leva-las novamente às Filipinas, prepararam com mais cuidado os detalhes da fundação, e solicitaram ao Beatério: 1º Enviar um novo grupo de Terciária e 2º Admitir noviças e formá-las na comunidade com a finalidade de envia-las as Filipinas. (A M, 1883, p. 10).

Percebendo que as beatas dirigentes que ficaram no asilo do Arquipélago necessitavam de auxílio, os padres agostinianos encontraram uma forma de ajudá-las, preparando outras noviças com o mesmo objetivo missionário.

Mesmo com o contrato feito por ambas as partes, como foi descrito no livro da fundadora, o Beatério desiludido com a primeira expedição, recusou todas as alternativas apresentadas. Depois dessa recusa, surge uma nova proposta feita pelo padre Font, a fundação de um novo noviciado dirigido pelas religiosas do Beatério para formar novas Religiosas Agostinianas. O Beatério ficaria desligado de qualquer relação ou obrigação jurídica com as religiosas que professassem no futuro Noviciado.

Uma vez mais foi o padre Font que viabilizou a fundação de uma nova comunidade de Agostinianas de Barcelona, em Madri.

Todas as dificuldades desapareceram ao surgir a oportunidade de assumir a responsabilidade de um asilo já existente em Madri, fundado por Dona Maria Cristina Dusmet, que prometeu entregar às agostinianas a propriedade com amplos terrenos ao lado,

nos quais se poderia construir o desejado Noviciado. E no ano de 1890, o Bispo de Madri aprova as primeiras constituições para o ensino das crianças. Mas somente em junho ingressa a primeira postulante, Verônica Poderoso, para iniciar seu apostolado. Segundo os registros no livro da fundadora, da Congregação.

A narrativa retorna já pelo ano de 1890, quando as novas comunidades foram se consolidando e no dia 06 de maio, por proposta do padre Font, o bispo de Madri nomeia a madre Clara Cantó como superiora. No decorrer desse período elaboram as Constituições que deveriam reger as religiosas da comunidade madrilenha.

Para compreender o interesse pelos beatérios foi preciso analisar algumas biografias das missionárias, particularmente destas que foram as primeiras missionárias da Congregação. Nelas observei que a educação ficava limitada à transmissão de uma instrução rudimentar, vivenciada na igreja freqüentada pela família e, em algumas, não encontrei nem mesmo a descrição de uma instrução primária, o que determinou grandes dificuldades em Ultramar (Filipinas). Com esses indícios pude pressupor que muitas mulheres de classe humilde não tinham como se instruir e preferiam seguir um caminho religioso e missionário.

Havia a oportunidade de estudar nos conventos e, além disso, era muito simples ingressar nos beatérios para as mulheres espanholas. Esse ingresso na vida religiosa significava também um grande prestígio para as famílias.

Os conventos e recolhimentos não foram espaços de submissão para as mulheres, que o utilizavam a seu favor. Em muitas ações eram escapatórias de um casamento não desejado, ou para realizar um desejo de viver piedosamente. (NUNES, 2001, p. 486).

Portanto, com a formação da nova comunidade observa-se que a antiga idéia dos padres de formar noviças para enviá-las às Terras de Além Mar ainda não havia sido totalmente esquecida. Quando todas as dificuldades foram superadas, a comunidade do Beatério aceitou a nova fundação em Madri.

Na documentação referente a essa nova comunidade e nas autorizações concedidas pelo Bispo de Barcelona e do Bispo de Madri, a diocese à qual se estendia o Instituto das Agostinianas Terciárias de Barcelona, ficou claro que as beatas tinham características próprias.

Não posso deixar de apresentar, a carta licença do Bispo a essa comunidade, porque contém valiosa informação sobre a maneira comunitária de discernir e assumir a fundação por parte do Beatério.

[...] a Me. Facunda Soler, Superiora do Beatério das Religiosas Terciárias de Santo Agostinho, em união com a Madre Vice-Superiora do Próprio Beatério, escreveu-nos com data de 21 de março último que Pe. Comissários dos Agostinianos Calçados Missionários de Filipinas, na Vila e Corte de Madrid ofereceu àquela Comunidade uma fundação na referida Vila e Corte, para Noviciado de jovens que hão de dedicar-se ao Ensino, particularmente no arquipélago Filipino oferecendo local adequado e recursos para a sobrevivência de nova Comunidade; e pede, conseqüentemente, nossa autoridade e licença para aceitar a referida fundação e para dirigi-la a Religiosa Madre Claro Canto, S.Mônica Mujal e S. Querubina Samarra, as quais se ofereceram voluntariamente para este projeto; constatou-nos que a Comunidade reunida capitularmente manifestou em votação secreta, aceitar a requerida fundação [...] (A M, 1983, p. 13).

Com a comunidade nascente em Madri, surge um impasse. Outra vez aparece a necessidade de enviar religiosas para as Filipinas, porém também era necessário capacitá-las adequadamente para evitar outro fracasso. As irmãs se dedicam totalmente a esse objetivo, de formar freiras professoras voltadas ao ensino de meninas.

Após dois anos, a madre Clara Cantó regressa ao Beatério de Barcelona, assumindo a Madre Alfonsa Sabat a tarefa de mestra de Noviças, e Madre Querubina a de superiora da comunidade, além de ser coordenadora do ensino e responsável com a irmã Mônica na formação das crianças. Ir. Querubina é nomeada Superiora da única casa que, então, a nova Congregação possuía. Com novas exigências e muita responsabilidade.

No novo asilo de meninas e noviças, o ensino era intensificado na preparação para as missões das ilhas de Ultramar, como será possível verificar nesta circular:

[...] E atendem às pobres meninas asiladas com verdadeira solicitude maternal e ao mesmo tempo as educam nos sólidos princípios da virtude cristã, dedicam-se com incansável zelo e assiduidade ao aperfeiçoá-las na leitura, escrita e outros trabalhos próprios de seu sexo e outras indústrias, para proporcionar-lhes meios com que possam manter-se decorosamente quando saíam dessa casa. (A M, 1996, p.43).

A fundadora da Congregação tinha como finalidade principal oferecer às meninas, além de uma educação para mulheres, como mandava os costumes da época, também capacitação cultural, por acreditar que “muitas dificuldades vividas nas Filipinas se deveram à precipitada ingenuidade e falta de previsão” (DE LA RED, 1999, p. 44).

Depois de algum tempo, por três vezes o padre Font, delegado dos padres agostinianos, procurou Ir. Querubina para que “pontuasse a intenção de colaboração com a comunidade de Mandaloya, que talvez fosse demasiado pretensiosa para o início do século”. (DE LA RED, 1999, p. 44) E a superiora envia para as Filipinas, em outubro de 1896 Ir. Elena Cayarga e Ir. Conceição Palácios. Essa atitude conquistou muitas irmãs do Beatério de Barcelona, que se transferiram para Madri, trazendo reforços para a comunidade.

Com o ingresso de novas jovens, a comunidade adquire respeito e confiabilidade e expande-se para outras regiões da Espanha. Foi quando a madre Querubina inaugura em cerimônia solene, no dia 15 de novembro de 1896, outro noviciado em Bermeo (Espanha), destinado à formação de noviças para a educação de meninas.

1.4 A Formação da Congregação

Após seis anos, a Comunidade já consolidada, lança-se a uma nova fundação para ampliar estudos voltados ao Magistério das irmãs. Surgia a comunidade de Bermeo, na região de Logroño-Espanha.

Para situar esse acontecimento, foi necessário transcrever a carta da Ir. Querubina, destinado ao Beatério de Bermeo:

Como as províncias vascas seguem a lei de que as Religiosas devem ser preferidas aos seculares, para mestras, decidi fundar o Colégio de Bermeo, aprovado canonicamente e legalmente pelo Prelado Diocesano e a Direção de Vitória para avaliar nossas irmãs e, também é certo de que ali há muitas e boas vocações jovens de bom proveito e espírito religioso. (A M, 1999, p.15).

O objetivo inicial de reforçar o futuro do Instituto com uma sólida preparação para o ensino, tem por consequência, a divisão das comunidades.

Em Logronho formou-se uma comunidade voltada para o ensino de jovens noviças, e na rua Pardinhas em Madri, solidificou-se a primeira comunidade com a mesma finalidade, permanecendo a Ir. Samarra como superiora das duas casas.

As duas comunidades eram regidas pela primeira Constituição e com a mesma natureza. Esse fato se confirma através do ofício escrito pelo bispo de Madri, na época em que foi assinalada a constituição.

Pelo presente e pelo que nos corresponde, vimos aprovar e aprovamos durante o tempo que for a nossa vontade as constituições pelas quais hão de reger e governar-se a Congregação das Agostinianas Terciárias de Ultramar e damos nossa licença para que a mencionada Congregação se estabeleça canonicamente em nossa diocese. (A M, 1996, p. 13).

Os planos da madre Querubina não foram partilhados pelos dois Beatérios. A comunidade de Bermeo solicita sua independência e passa formar uma Regional com sede em Logronõ. As irmãs independentes firmaram-se e assumiram o nome de Agostinianas Terciárias do Ensino e, com a ajuda dos padres agostinianos de Castilha, se expandiram para

Bilbao, Torrecila e outras cidades espanholas. Os padres Agostinianos de Castilha eram outro ramo da Ordem e não pertenciam ao Definitório dos Agostinianos das Filipinas.

Enquanto isso, a Congregação de Madri não conseguia expansão tão rápida. Somente em 1921 começa a dar sinais de avanços com algumas tentativas de expansão, que só se consolidaram com a fundação de Bell-lloch e Saldanha, também cidade espanhola.

O conflito ocasionou a separação dos grupos por 33 anos formando Congregações independentes. “Mesmo separados os grupos foram consolidando os elementos de origem e o mesmo fim congregacional: o ensino e as missões é que distinguem os ramos”. (DE LA RED, 1999, p. 46).

Nesse intervalo de tempo, o grupo de Madri tem na Ir. Querubina o centro de suas atenções, pois como superiora ela, no ano de 1906, celebra o primeiro Capítulo e prevê a garantia da intenção do Noviciado: “Obter mestras com títulos para enviar às Filipinas”. (DE LA RED, 1999, P. 48).

Com a consolidação da Congregação, de Madri, as Constituições foram definidas assim:

- 1-Não admitir a quem seja impossível assumir o objetivo da Congregação
- 2-Ter capacidade, não só para aprender os trabalhos próprios da mulher, mas também para o estudo.
- 3-Selecionar as aspirantes que tenham títulos de mestras e animar as que não tenham, para que o adquira o quanto antes. (DE LA RED, 1999, p. 45).

Pude verificar nos objetivos da Congregação o nascimento da formação de jovens professoras missionárias e mulheres, para formar um sistema educacional.

E continuando com os relatos encontrados nos registros escritos, as narrativas prosseguem: “por aí deveriam seguir, para formar religiosas mestras que se dedicassem ao ensino. Isso não era um critério discriminatório próprio de quem “só gostava das inteligentes”, mas sim, exigência requerida pelo mesmo texto constitucional”. (DE LA RED, 1999, p. 46).

Esse texto foi referência obrigatória para toda Congregação. O objetivo perseguido durante toda a trajetória das Agostinianas Terciárias, mesmo em grupos separados, foi o ensino para meninas e as missões, no estilo que faziam os Agostinianos das Filipinas.

São considerados também como os fundadores da Congregação: Madre Clara Cantó – a primeira superiora e mestra das noviças, Madre Mônica Mujal - mestra das comunidades, e o Padre Salvador Font – superior da confraria dos agostinianos, além da Madre Querubina Samarra - superiora da Congregação de Madri, por algum tempo.

A comunidade de Bermeo com sua rápida expansão constituiu a madre Tomasa Casas, como superiora Geral e, entre os anos de 1907 e 1918, tornou-se realidade o objetivo inicial das religiosas que era a ação apostólica, não só na Espanha, mas, de modo especial em Ultramar: no Brasil (1921), na China (1925), na Argélia (1933) e em outros países.

Os ramos vão se unir novamente quando as madres Consuelo Marcos e Mercedes Martinez declaram-se favoráveis à efetiva união de todos os ramos, e, com a ajuda da madre Natividade Gorrochatique e dos padres agostinianos, acontece a reunificação, em 1936, com o nome de **Agostinianas Missionárias**.

Em 1962 o Instituto criou três províncias e uma vice-província que deram lugar às quatro províncias atuais:

Santa Mônica - na Espanha, na Suíça, na Alemanha e na Tanzânia.

Santo Agostinho – Comunidade na Espanha, Argélia, Argentina e Guiné Equatorial.

Cristo Rei – no Brasil.

Nossa Senhora do Bom Conselho – comunidades na Colômbia, no Peru e Porto Rico.

As irmãs da Congregação de Agostinianas Missionárias são um ramo da Ordem Agostinianas (agregada em 1909 e depois em 1949) que reconhece Santo Agostinho como patrono. Foi fundada em Madri, a 06 de maio de 1890, por irmãs do Beatério de Barcelona, com o objetivo principal de formação apostólica de professoras para as missões das Filipinas.

Afinal pude compreender que somente com a comparação entre as duas comunidades foi possível encontrar as diferenças, que segundo as palavras de Veyne (1976 p.39): “Ao mesmo tempo, percebe-se que toda História, mesmo que não deliberadamente, torna-se uma História comparada; isto é, uma História que separa, sabendo o que faz”.

Com as diferenças e semelhanças verifiquei nos registros escritos que os dois ramos agostinianos continuaram se expandindo com o aumento de seus membros e a multiplicidade dos centros, para o apostolado das beatas.

Na verdade, essas diferenças se apresentaram claramente quando encontrei as denominações assinaladas por elas: as Agostinianas Terciárias Missionárias do Ensino se estenderam, como Missionárias em Ultramar (Brasil, China e Argélia), e as Agostinianas Terciárias de Ultramar fundaram quase que exclusivamente, centros de ensino na Espanha.

Essa articulação existente entre a ideologia das Congregações de Irmãs Agostinianas que se instituíram em outros países da Europa foram baseadas nos ensinamentos de Santo Agostinho. “Todo homem, por sua dignidade pessoal, tem direito à educação, atividade de ordem da cultura essencialmente humanizadora. E, através desse processo, Deus emerge em cada ser”.

E o que define a identidade das Congregações é definitivamente a sua origem.

Essas duas linhas têm os principais aspectos na história clássica da família agostiniana. Muito mais se poderia descrever, no que se refere às formas femininas de vida religiosa, às ordens de monjas e cônegas que foram escritos por religiosos e outras fundações.⁹

Muitos textos históricos contêm memórias e históricos das províncias e conventos até para ter clareza sobre a sua própria identidade. Mas, retorno posteriormente, esclarecendo algumas articulações entre elas, já em território brasileiro.

1. Igreja Paroquial de Montclar

⁹ As Missionárias reconhecem a Santo Agostinho como Pai e mestre, porque: participam de seu peculiar estilo de viver o Evangelho, fundamentado em atitudes de interioridade, vida em comunhão e serviço à Igreja.

2. Casa onde nasceu Ir. Samarra.

3.Castelo de Montclar

4.Pia batismal onde foi batizada Ir. Samarra

5. Escola de Montclar, na Espanha

6. Igreja de São Paulo Intramuros, em Manila, nas Filipinas, onde chegaram as beatas.¹⁰

¹⁰ As fotos foram retiradas do livro *Vôos de Longo Alcance*, onde está a biografia da Ir. Samarra, cedido gentilmente pela Ir. Ana Maria Brandão para a descrição das Origens da Congregação.

1.5 A Congregação no Brasil

Em 1921, o bispo de Goiás (Brasil), e os padres agostinianos que trabalhavam na diocese, escreveram para a Madre Geral, Tomasa Casas, na Espanha, solicitando religiosas para a fundação de um colégio na cidade de Catalão – Goiás. A madre superiora da Congregação de Bermeo escreveu uma circular a todas as casas governadas por ela pedindo voluntárias, pois achavam que a tarefa não seria nada fácil.

Naquele tempo, uma viagem para o Brasil podia significar a despedida definitiva dos familiares e companheiras religiosas e ainda desligar-se de todo o trabalho feito na Espanha.

Muitas irmãs se ofereceram para a nova missão. Entre elas, uma das escolhidas a Madre Natividade Gorrochátegui, que era muito conhecida por sua dedicação ao ensino de meninas. “Sabe-se que os habitantes de Almodóvar fizeram algo para impedir sua viagem à América, encantados que estavam com o trabalho realizado por ela naquela cidade manchega”. (A M, 1999, p. 75), porém essas questões não surtiram efeito.

Foram cinco as irmãs destinadas para essa fundação no Brasil: Mercedes Iriarte, Esperança Garrido, Inês Lopez e Paz Hernandez, além de Natividade Gorrochátigue, que veio como superiora.

A madre Superiora Geral (Tomasa Casas) gostaria de dar a elas a oportunidade de aprenderem a língua portuguesa antes da partida, mas como os padres agostinianos tinham pressa, não foi possível esse aprendizado. De acordo com os registros que encontrei no livro das missionárias. O idioma só foi aprendido quando já estavam no Brasil e esse fato foi descrito da seguinte forma:

A madre Natividade teve licença de para despedir-se da família. Foi acompanhada por madre Paz Hernandez. O trem as levou até sua terra e lá estiveram apenas por um dia, tempo indispensável, para tal empreitada. Porém pôde ver a muitos familiares, entre eles, além dos pais e tios, um irmão beneditino, que também se despediu logo, pois tinha urgência de regressar para o seu convento. Eram austeras aquelas visitas e duras as despedidas. Assim era naqueles tempos. (A M, 1999, p.76).

As religiosas saíram no vapor “Balmes”, no dia 23 de janeiro de 1921, quando a Madre Geral ainda preparava os documentos referentes à nova fundação. Foram 26 dias de viagem antes de pisar em terras brasileiras. Nesse mesmo navio, também viajaram dois padres agostinianos: João Hontoria e Lourenço Liébana.

Ao chegar na cidade de Santos, as irmãs foram recebidas por uma família conhecida dos padres e ali permaneceram por alguns dias. E a descrição da viagem continua.

Recuperadas do cansaço da viagem, se dirigiram para São Paulo. E ali chegando, em 18 de fevereiro de 1921, ficaram hospedadas num colégio de nome Tamandaré, organizado por “leigos de toda confiança dos padres” que educavam meninas órfãs. (A M, 1999, p. 76).

A viagem de Santos para São Paulo foi feita de trem, acompanhadas pelo padre Mariano Lobato, diretor do Colégio de Catalão. E, logo após, seguiram viagem para Goiás.

Em Araguari, fizeram uma parada e naquela noite não conseguiram pousada senão em uma pensão. Reiniciaram a viagem no dia seguinte, também de trem e chegaram a Catalão para dar início às atividades em terras brasileiras.

Na cidade de Goiandira, estação anterior à Estação de Catalão, as religiosas estavam sendo esperadas pelo Monsenhor José Inácio de Souza, sacerdote que muito se empenhou na vinda das religiosas para o Brasil. ¹¹

Segundo as fontes, ao chegar na estação da cidade de Catalão, as missionárias eram esperadas por um numeroso público local. A viagem só terminou com uma visita à Igreja, quando o padre José lhes deu a benção com o SS. Sacramento.

Nas primeiras semanas as dificuldades encontradas foram com o idioma e com algumas promessas não cumpridas. A Língua Portuguesa, devagar foi aprendida com as aulas dadas por uma irmã cabriniana (religiosa da congregação Madre Cabrini), que se ofereceu gratuitamente para ensinar-lhes e dar aulas no colégio.

Assim abriram um colégio com apenas 15 alunas cujas mensalidades eram pagas pela prefeitura e por três pais.

Para vencer as dificuldades usaram de todos os recursos, “inclusive o da boa música: Madre Natividade tocando o seu o piano, fez com que as outras freiras, aprendessem algum instrumento. No final desse mesmo ano, as alunas fizeram exames públicos, e o colégio começou ganhar a confiança do povo” (A M, 1999, p. 79).

Outra vez encontrei nos registros um fato muito comum às missionárias: quando existe a explicação de que dois senhores de Catalão, que eram deputados federais, por iniciativa própria, conseguiram o funcionamento da escola Normal. Isso é definido da seguinte forma:

Os habitantes de Catalão o assumiram como coisa própria e tudo fizeram por ele. Boa parte desse êxito foi mérito da Madre Natividade que, apesar de estar com a saúde um tanto ressentida, com seu exemplo e vigilância, colocou as Irmãs à altura da tarefa assumida e fez com que a Instituição se consolidasse. Que ainda bem cedo iria dar um salto de qualidade. (A M, 1999, p. 79).

¹¹ Missionárias Agostinianas.(1999).Mulheres de Fé e espírito Missionário: seis agostinianas missionárias. Livro de biografias escrito pela Ir. Ângela Cecília Traldi. Superiora Geral da Congregação de Agostinianas Missionárias. Traduzido pela Ir. Angélica Zanetta.

Com a consolidação do colégio de Catalão, a madre Natividade recebeu em sua comunidade algumas Irmãs, que há pouco haviam feito uma fundação em Rio Verde. Esse acontecimento ocorreu devido a revoluções e brigas políticas na região, e essas irmãs foram refugiar-se em Catalão. Seis meses depois, as mesmas freiras fundam outro colégio em Taquaritinga (São Paulo), porque em Rio Verde não havia um sacerdote. Essa nova fundação deu início às escolas, que começaram a se expandir pelo Brasil.

Apesar do ambiente pesado que reinava na Espanha em 1932, foi celebrado o Capítulo Geral no ramo de Logronho, ou seja, das Missionárias Agostinianas de Ensino. No primeiro escrutínio foi reeleita a Madre Tomasa Casas como Superiora Geral, que não aceitou o cargo, pois a sua idade já estava avançada. Procedeu-se a uma nova eleição e, dessa vez, foi eleita a Madre Natividade Gorrochátigue, então superiora no Brasil.

Era necessário saber se o cargo de Superiora Geral seria aceito por ela. E foi assim que a Ir. Natividade viajou de volta para a Espanha, chegando em Logronho em 25 de julho de 1932, quando foram discutidos temas urgentes e realizada as nomeações de freiras superiores de outras casas na Espanha.

Madre Natividade esteve pouco tempo na Espanha, depois de sua posse decidiu voltar ao Brasil. Pediu uma licença ao Conselho Geral e, deixando em seu lugar a Ir. Tomasa, volta às terras brasileira no dia 30 de outubro do mesmo ano, acompanhada por sua secretária madre Conceição Palácios, pisou pela segunda vez em terras brasileiras.

De acordo com as fontes, a obra que ela mais desejava era a fundação de uma casa em São Paulo. Esse assunto exigiu dela inúmeras peregrinações na busca de uma casa que reunisse condições para esse fim, ou seja, uma escola.

“A madre Natividade tinha uma capacidade muito grande de superar as dificuldades”, como se recordam as missionárias ao falar sobre sua superiora. Por fim, conseguiu o que queria, isto é, uma boa casa a que denominou CRISTO REI, pois durante o período que perseguia esse objetivo, “encomendou a Ele esse caso”. (A M, 1999, p. 82).

Para as decisões importantes no Brasil, a Madre Natividade nomeou duas conselheiras, que foram: Madre Mercedes Iriarte e Madre Esperança Garrido.

Em agosto de 1933, as Irmãs se estabeleceram na rua Apeninos, onde abriram o primeiro Colégio em São Paulo, depois de muitos percalços e dificuldades. Não há registros escritos sobre esses assuntos, apenas a data do início de seu funcionamento, que foi a 07 de janeiro de 1934.

A primeira comunidade formada era constituída por: Madre Natividade Gorrochátigue e sua secretária Madre Palácios e as Ir. Paz Hernandez, Isidora Rodrigues e Ir. Rita Bretãs, esta brasileira.

Em junho de 1934, chegaram da Espanha mais duas irmãs para reforçar a comunidade do Colégio que se iniciava. Foram elas: Agostinha Cermenho e Graça Castro.

A Madre Natividade ainda permaneceu no Brasil todo o ano de 1934 e alguns meses de 1935, consolidando as fundações feitas no país e realizando ofícios próprios do seu cargo. Voltou a Catalão em 21 de janeiro de 1935 e a 02 de fevereiro, em Taquaritinga.

Antes de embarcar para a Espanha a Madre Natividade articulou a união dos dois Ramos de Missionárias Agostinianas: as Congregações de Madri e de Logronho. A comunidade de Catalão votou pela união em 05 de maio de 1935 e a de Taquaritinga em 11 de maio do mesmo ano.

A 14 de março de 1936 o documento de união entre os dois ramos foi sancionado, mas foi assinado em julho desse ano devido à guerra civil instalada na Espanha. Tudo o que foi narrado sobre essa união, deve-se a esforço das missionárias em restaurar as tramitações realizadas, e, após a guerra no dia 26 de novembro de 1944, foi realizada a união definitiva dos dois ramos. Ou seja, as missionárias de Bermeo e as missionárias de Madri formavam uma só congregação com o mesmo ideal de formar jovens professoras e missionárias.

Durante todo o processo de expansão das escolas pelos países de ação apostólica dessa Congregação espanhola, o Brasil foi o país de maior desenvolvimento.

A Congregação Agostiniana Missionária está descentralizada em 04 províncias, estendeu-se por outros continentes como Europa, América do Sul, África e Ásia e em 16 países: Itália, Espanha, Brasil, Moçambique, Colômbia, Peru, Republica Dominicana, Chile, Argentina, Argélia, Tanzânia, Quênia, Guiné Equatorial, Índia, China Continental e Taiwan.

2 FUNDAÇÃO DO COLÉGIO CRISTO REI

2.1 Objetivo brasileiro.

No início do século XX, muitas Congregações Religiosas viram no Brasil um campo fértil para a difusão das escolas religiosas.

A oficialização dos colégios nas primeiras décadas do século XX aproximou paulatinamente a educação católica da realidade brasileira. Conforme AZZI, (1987, p.1) “Um dos pontos que atraíam muitas famílias era a qualidade de ensino e a disciplina oferecida nas escolas”. O autor continua com o seu comentário, explicando: “Foi muito grande nesse período a fundação de ginásios, a presença de professores leigos nos colégios e o interesse do laicado pelo tema educação”.

Essa avalanche de escolas femininas pode ser explicada relacionando alguns motivos, sendo o primeiro deles os rígidos padrões morais existentes nas escolas católicas, principalmente nas escolas femininas. Esses valores eram muito apreciados, pois se acreditava que a juventude devia ser mantida sob controle, sobretudo em seus pendores sentimentais.

Porém o maior atrativo provinha da seriedade dos padrões europeus, porque esses estabelecimentos de ensino mantinham um elevado nível cultural, semelhante aos colégios de origem, ou seja, era uma continuidade das escolas européias.

Esses padrões europeus nas escolas confessionais foram postos em função da cidade de São Paulo, no início do século XX. Tinham como estratégia à escolha dos bairros e, dessa forma, contemplar seus objetivos educacionais de acordo com os padrões sociais da comunidade adjacente. As religiosas francesas, por exemplo, tinha nos bairros tradicionais da região sul da cidade o foco de seus interesses e neles consagraram seus padrões culturais.¹²

Pode-se verificar essa migração das religiosas no território brasileiro também nessa afirmação de Nunes (2001 p.492): “Intensifica-se a vinda de religiosas estrangeiras, em sua maioria francesas e italianas. Entre 1891 e 1920, cinquenta e oito congregações européias se estabelecem em terras brasileiras; outras 19 também são fundadas no Brasil por essa época”.

A autora explica que a vinda dessas congregações, solucionava um problema político-social, porque a Europa se tornava hostil à Igreja, e, por conseguinte, à vida religiosa feminina, legitimando assim a idéia de missão.

¹² No século XIX, as duas primeiras congregações femininas iniciaram suas atividades: As Filhas de Caridade em 1849 e as Irmãs de São José de Chambéry, em 1858, sendo o principal objetivo o trabalho educativo nos colégios. Esse fato foi muito importante porque as religiosas eram elementos fundamentais no desenvolvimento das escolas para meninas. Maria José Rosado Nunes.(2001).Freiras no Brasil: Unesp.

No início de século, não só na Europa, mas também em território brasileiro, ainda persistia o ultramontanismo, uma orientação política desenvolvida pela Igreja romana na qual ela se fechava em si mesma e recusava contatos com o mundo. Aparece como uma reação ao mundo moderno e no campo da produção do conhecimento, foi “de todas as formas de lutas empreendidas pela Igreja, o controle do sistema educacional, ou seja, do sistema de mentalidades, especialmente a feminina, a mais importante”. (MANOEL, 1996, p. 45).

A Igreja já havia consolidado um sistema educacional contraposto à escola pública, leiga e gratuita, principalmente nas Américas, isso para evitar um rumo à socialização, como afirma o autor.

Com toda essa movimentação da Igreja, outras congregações femininas, preferencialmente as francesas, por volta de 1850 introduziram as reformas no catolicismo brasileiro conforme a política ultramontana. Como diz Azzi:

Este decênio se caracteriza assim pela expansão da hierarquia, pela restauração das ordens religiosas tradicionais... e, pela ascendência na educação religiosa feminina das freiras francesas. Esse predomínio francês, que se iniciou com as Irmãs de caridade em 1855, teve seu apogeu no prestígio dos colégios Sion e Sacré-Couer. (LACOMBE apud AZZI, 2005, p.2).

Posto isso, foi necessário averiguar as semelhanças e diferenças entre os ramos das agostinianas. As espanholas tinham um objetivo educacional semelhante, porém como diferenciá-las nas origens?

2.2 Um outro Ramo de Agostinianas.

Volto a discorrer sobre as origens, desta vez sobre a origem de uma outra Congregação Agostiniana, com o intuito de definir as influências dessas mulheres religiosas francesas na educação das meninas brasileiras. As religiosas agostinianas francesas eram chamadas de cônegas e não missionárias.

A formação dessa Congregação, também agostiniana ocorreu de forma diferente, das espanholas, mas com a mesma finalidade educacional, segundo informações retiradas da dissertação de mestrado de Del Rio (1998), que muito contribuíram para esclarecer alguns pontos de articulação entre elas no início do século passado.

A Congregação teve início na metade do século XVI, na Europa conturbada por guerras e crises, quando nasceu o padre Pedro Fourier, na cidade de Minécours, em Lorena.

Educado por jesuítas e extremamente religioso, tornou-se pároco na cidade de Mattaincourt. Preocupava-se em minorar os problemas sociais de sua cidade e, para tanto, realiza trabalhos missionários, como a educação de crianças em situação de miséria e ignorância, principalmente feminina.

O número de escolas na cidade era pequeno e com professores de pouca instrução, o que dificultava o acesso de muitas crianças. Como o padre Forrieu não aceitava a co-educação, com objetivo inicial de educar meninas, resolveu montar uma pequena escola. Assim começou uma nova Congregação Religiosa feminina. Como descreve Del Rio (1998 p.14):

O padre Fourrier estava à procura de mestras cristãs para as crianças de Mattaincourt, quando encontra Alix Lê Clerc e mais algumas jovens que se disponibilizam a ajudá-lo em sua empreitada. A primeira escola da Congregação é aberta em Possay, em julho de 1598.

O próprio Padre se incube de prepará-las para o trabalho de mestras e para sua vida religiosa. Pude observar nessa narrativa que sua principal colaboradora foi Alix Lê Clerc iniciando sua obra educacional, com apenas vinte um ano. Outra cooperadora foi Margarida Gante, amiga de Alix, e a elas se juntaram outras jovens.

No ano de 1598 teve início a Congregação em oposição à influência calvinista sobre as meninas da Lorena. A data de nascimento da Congregação de Nossa Senhora é de 20 de janeiro de 1598.

Para abrigar a Congregação nascente, foi doada uma casa na aldeia de Poussay e as jovens iniciaram sua missão abrindo uma escola gratuita, seguindo a Regra de Santo Agostinho.

A grande preocupação inicial era a instrução das crianças, principalmente para meninas. E em 1599 essa escola é transferida para Manttaincourt.

Em 1618 são sete as primeiras Madres do Instituto que vão para o Monastério de Nancy. Mas somente em 1628 “As Bulas definitivas de aprovação foram assinadas pelo Papa Urbano VII. A partir desta data, as religiosas são autorizadas a dedicar-se à educação das jovens por um voto solene, e passam a denominar-se Cônegas Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora” (DEL RIO. 1998.p, 24). Por volta de 1630 uma terrível desgraça abateu-se sobre Lorena como foi descrita por Del Rio, muitas guerras trouxeram consigo a fome, pilhagens e perseguições. Era a guerra dos Trinta Anos.¹³

¹³ As informações sobre as Cônegas de Santo Agostinho foram retiradas da dissertação de mestrado: O Curso Comercial do Colégio Stella Maris de Santos (1928-1932): uma construção histórica.

Nesse período, Pedro Fourier intensifica sua preocupação com a nova Congregação de Nossa Senhora. Em 1897 a Congregação já tem 31 casas. As Casas da França, depois de 1904, são obrigadas a viver vinte anos de exílio. Florescem em toda a Europa e em outros países. No Brasil, chegaram em 1907. Portanto, como as agostinianas espanholas, as francesas expandiram-se por todos os continentes, sobretudo em terras brasileiras.

No final do século XIX e começo do XX, no contexto de reforma da Igreja Católica no Brasil, a vida religiosa feminina apresentou modificações devido às influências culturais diversificadas. Foi necessário que alguns bispos interferissem para colocar um público “dócil” à suas ordens. E segundo Nunes: “Pode-se dizer que a “clericalização” do catolicismo brasileiro foi ao mesmo tempo e necessariamente o processo de “feminização”. (2001, p. 491). Foi esse um dos fatos que marcou a grande migração de congregações femininas para o Brasil.

Somente com o Concílio Vaticano II, em 1962, as religiosas foram reorganizadas e as Congregações Agostinianas tiveram suas identidades definidas. Como está identificado nos registros que descrevem suas origens:

A preocupação em definir a própria identidade é um dos sinais do nosso tempo. Cada país busca esclarecer seu próprio ser desde suas raízes e caminhada histórica, e dentro de cada um surgem diferenças que vão consolidando e perfilando a identidade de cada região. (A M, 1983, p. 2).

Depois de quatro séculos, é possível afirmar que essas religiosas ainda se dedicam à educação. Esse é um fato que persiste desde o início, quando ainda “era inaceitável para a Igreja, nessa época em que só era permitida para mulheres a vida religiosa em situação de estrita clausura (mosteiros fechados) e dedicados à vida de oração”. (DEL RIO, 1998, p. 36).

O percurso seguido pelas Congregações Agostinianas determinou uma união de interesses que culminou com a articulação dessas Congregações no Brasil, principalmente no início do século XX, como pudemos verificar nessas aproximações com o nosso objeto de estudo.

As Cônegas de Nossa Senhora fundaram escolas pelo país a partir da cidade de São Paulo, onde está a sede do Vicariato do Brasil – Instituto Sedes Sapientae, o Externato Nossa Senhora do Morumbi e o Colégio Santo Agostinho.

O livro das origens esclarece alguns fatos ocorridos, com as Congregações Religiosas Femininas, e explica:

tradicionalmente predominou a diversidade congregacional sobre a unidade. O hábito diferente e o estilo de vida; a diversificação da missão e a escassa inter-relação propiciaram uma evidente diferenciação entre as diversas Congregações Religiosas e a questão da própria identidade não era problema. Entretanto após a reorganização enfatizou-se a inter-relação e a colaboração cresceram; há uma igualação de interesses, de objetivos, de aspirações e também do modo de viver e atuar na vida religiosa. (AM. 1983 p. 21).

O Concílio Vaticano II assinalou essa nova orientação para a Igreja devido a um grande distanciamento desta com o mundo moderno, no período que antecedeu a ele.

Na esfera da educação a influência européia, advinda desses padrões franceses, mudou a vida cultural urbana da capital paulista. A difusão da cultura francesa deveu-se à ascendência desses numerosos estabelecimentos de educação sob direção de religiosas.

Não obstante seus limites, esse tipo de educação ministrada pelos colégios católicos femininos contribuiu para operar uma mudança significativa no comportamento da mulher brasileira e, conseqüentemente, na própria vida familiar. Em primeiro lugar, o exemplo dado pelas religiosas, como professoras, indicava que se abria um espaço para a presença da mulher na vida social, o magistério. Em segundo lugar, a elevação do nível cultural nas mulheres contribuiu para despertar nelas o espírito crítico, abrindo-lhes assim uma perspectiva maior no mundo, e rompendo progressivamente o enclausuramento feminino típico da sociedade rural tradicional. (AZZI, 1987, p. 2).

De fato, não é possível deixar de concordar com essa influência na sociedade brasileira, que se transformava, principalmente no dia-a-dia das famílias, ao se estabelecer, na região urbana da cidade de São Paulo.

“Essa mentalidade rigorosa dominante na educação só foi modificada muito lentamente nos estabelecimentos católicos, quando já não havia mais condições de resistir aos novos valores que iam sendo inseridos na sociedade brasileira”. (p. 3).

Não obstante esses limites, os colégios católicos continuaram a se multiplicar, não só nos grandes centros urbanos, até em cidades de médio e pequeno porte. Pode-se assinalar ainda, que a presença de religiosos, atuando na esfera da educação, era principalmente destinada ao sexo feminino.

“Tal fato indica que os rígidos padrões morais inculcados na juventude encontravam ainda respaldo numa sociedade de formação conservadora e autoritária”. (p.3).

Fazendo uma análise dos efeitos sociais da vinda dessas congregações no início do século XX, pude verificar que não só as escolas exerceram influência nas mulheres da época, como as próprias religiosas encontravam maior presença e alcançavam um certo reconhecimento no espaço religioso.

Os colégios religiosos, no período que vai do final do século XIX até a década de 60 do século XX, apresentaram uma fase de muita expansão e estabilidade e por sua vez veicularam uma educação centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional.

Os colégios religiosos, por sua vez veiculam uma educação de caráter fortemente conservador, centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional. As devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas, das quais as mulheres são as maiores divulgadoras. (NUNES, 2001, p. 494).

Essa expansão trouxe recursos das próprias obras, principalmente dos colégios, dos incentivos governamentais e de benefícios suplementares, o que garantia um suporte financeiro e uma relativa autonomia.

Foi nesse período que as Missionárias Agostinianas encontraram um campo bastante fértil para estabelecer seu objetivo inicial, que era educar meninas e formar mulheres para o ensino.

2.3 O esboço histórico

Na pesquisa a preferência pela década de sessenta do século passado, deu-se também, pela curiosidade em definir as causas e a incidência dos vários conflitos, principalmente dos valores sociais. Começavam a despontar no panorama social as relações de gênero e outras que, durante algum tempo, permaneceram silenciadas. Isso se pode verificar nas mudanças que ocorreram no período, como diz Aranha:

Desde os anos 60 é marcante a mobilização das minorias, entendidas como os segmentos destituídos de poder; o movimento negro; o estudantil (seu momento crucial se dá em maio de 1968, em Paris, com irradiação mundial); o feminista (ou de gênero, que vinha se desenvolvendo desde o começo do século e recrudesce naquela década); o gay (contra a discriminação ao homoerotismo); o movimento em defesa das populações indígenas cada vez mais dizimadas. (ARANHA, 1996, p. 162).

Essa turbulência instalava-se em toda à parte e, como não poderia deixar de ser, dentro da escola também ocorreram essas transformações.

Ao focalizar “por dentro” o Colégio Cristo, surgiram possibilidades de rever situações do cotidiano que poderiam evidenciar essas mudanças. O colégio mostrava uma educação voltada para mulheres de uma classe social, formada a partir do desenvolvimento do comércio e da industrialização da cidade de São Paulo.

Nos anos sessenta: o “desenvolvimento da cidade entrou em órbita, e havia um crescimento rápido”, (COLÉGIO CRISTO REI, 2002, p. 12), trazendo incalculáveis modificações para a sua clientela, especificamente de meninas.

Assim, se refere Aranha (1996 p. 163):

Do ponto de vista da ciência e tecnologia são notáveis as transformações do século XX; novas fontes de energia (elétrica, petrolífera, nuclear); crescente processo de automação nas fábricas e no campo; desenvolvimento da medicina avançada; revolução nos transportes e nas comunicações, etc. Quanto ao crescimento industrial, o século XX presencia, no início, a instalação da linha de montagem do fordismo, que estimula a produção em massa.

Na primeira metade do século XX, impulsionada pelos capitais provenientes do café e do comércio em geral, São Paulo já dispunha de uma elite politicamente articulada que, durante boa parte da República Velha (1889-1930), praticamente dirigiu o país.

E foi justamente nesse período¹⁴ que muitas escolas confessionais católicas se estabeleceram na cidade de São Paulo.

A cidade transpirava prosperidade. Começava sofrer também um intenso processo de modernização, com a instalação de redes de iluminação, linhas de bonde e comunicação via telefone.

Os surtos industriais já se faziam presentes e demonstravam a futura vocação da cidade. A formação dos bairros operários na periferia da região central (Mooca, Belém, Brás, Ipiranga) juntamente com a edificação final dos chamados bairros nobres (Campos Elíseos, Higienópolis e Jardins) dava a cidade um ar diversificado.

A Semana de Arte Moderna e a importação de um modelo parisiense à paisagem urbana converteram a cidade no centro cultural do país.

A revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, representou o fim da hegemonia paulista no poder da República e, não foi à toa, que o principal levante antigetulista tenha ocorrido no estado em 1932. Embora a Revolução Constitucionalista, que empunhava a bandeira da legalidade constitucional contra as arbitrariedades do regime getulista, fosse esmagada, essa situação obrigou Vargas a recompor os quadros políticos acordando o regime a alguns interesses estratégicos da elite paulista.

¹⁴ O Projeto Educativo foi realizado pela Profa. M.Terezinha de Souza Pádua que coordenou o projeto da FABRA, a Ir. Ângela Traldi, Ir. M.Gonçalves Assis, professores e alunos em comemoração aos 70 anos da fundação do Colégio.

Já, a partir de 1933, o processo de industrialização de São Paulo, que reunia infraestrutura necessária para tanto, entrou em uma órbita irreversível e a cidade passou também a ser palco de intensas ondas migratórias, provenientes principalmente do Nordeste.

A urbanização e a edificação do espaço metropolitano se aceleraram e a cidade perdeu, definitivamente, seu ar interiorano.

Todo esse contexto histórico foi descrito em projetos elaborados pelo Colégio e direcionado por professores de História que na época da comemoração dos setenta anos de fundação da escola, incorporaram um conjunto de pesquisas. O objetivo principal deveu-se ao conhecimento das origens, entre os alunos, e a recuperação de todo cenário político e cultural da cidade.

Foi nesse contexto que, no dia 06 de outubro de 1933, Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, concedeu à Madre Natividade Gorrochátegui (Superiora Geral das Agostinianas), licença para que se estabelecesse uma comunidade na rua Apeninos, 363, Vila Mariana.

Por que Vila Mariana? Talvez porque fosse um dos bairros de maior prosperidade na época.

2.4 A história da Vila Mariana.

Os primeiros indícios históricos (documentos) estabelecem 1782 como o início da formação do bairro, Vila Mariana. Essas informações foram retiradas de documentos disponíveis no artigo “República de Vila Mariana”.

As primeiras referências ao bairro aparecem quando Lázaro Piques recebe do Presidente Da Província, Dr. Francisco Cunha de Menezes, a doação das terras de uma Sesmaria, entre o Riacho do Ypiranga e a estrada do Cursino. O local (região) era conhecido como “Ypiranga de Cima”.

A Sesmaria era cortada por estradas e caminhos importantes como: “Estrada Vergueiro”, para Santos, o “Caminho do carro de Santo Amaro”, o “caminho para Sorocaba” e “Itu”, o “Antigo Caminho para Pinhaíba” (Santos) e o “Caminho para Curral Grande” (Vila Conceição e Diadema).

Em um ponto, na margem do “Caminho para Santo Amaro”, (atual Rua Afonso Celso) existia um local com cruzeiros em sua margem. Este local e arredores passaram a ser conhecido como “Cruz das Almas”.

Registros escritos confirmam a existência de algumas casas e moradores à margem do “Caminho do Carro de Santo Amaro”, local da atual Caixa de Água, que também era conhecido como “Mato Grosso”.

Em um outro ponto do “Caminho do Carro de Santo Amaro” existia, desde 1840, um “Pouso de Tropeiros” (Um Cubatan ou posto de descanso e pernoite). Esse “Pouso” ficava exatamente onde começava uma estrada conhecida como “Caminho para Pinheiros”, Sorocaba, Parnaíba e Itu.

Essa estrada era um importante atalho para quem vinha de Santos pela “Estrada do Vergueiro”, com destino a Sorocaba, sem ter de passar pela cidade de São Paulo. O marco do início desta estrada existe até hoje e encontra-se na esquina da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes.

Por volta de 1878, o Imperador D. Pedro II emite um Decreto para assentar na região de “Cruz das Almas” vinte famílias de imigrantes italianos vindos de Mântua, região norte da Itália. Devido a esse assentamento de imigrantes, o local passou a ser conhecido como “Colônia”, designação que permaneceu até 1884, quando surgiu o nome “Vila Mariana”.

A origem do nome Vila Mariana foi explicada pelo engenheiro Alberto Kuhlmann (2004, p.2), que deixou a seguinte anotação:

Na esquina da Av. Rodrigues Alves com Rua Domingos de Moraes residia uma prima do engenheiro de nome Mariana. Na época era costume usar-se na frente das casas uma placa com a designação inicial “Vila”, seguido do nome da matriarca, ou da família.

Assim na residência dessa prima via-se a placa “Vila Mariana”. Como o local era totalmente descampado e sem referências, as pessoas passaram a utilizar a residência (Vila Mariana) como referência, costumavam dizer: “Vamos nos encontrar lá na Vila Mariana”. Mais tarde surgiu a linha férrea e consagrou-se a denominação do local, pois em 1885 foi construída a estação do Trem de Vila Mariana, e ao seu redor surgiram loteamentos e casas, formando uma vila (bairro).

Em janeiro de 1885 uma Ata da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo faz referência ao nome do local como Vila Mariana. Essa ata é considerada como o primeiro documento oficial constando o nome, Vila Mariana.¹⁵

¹⁵ Existem outras teorias sobre o nome Vila Mariana, que podem ser consideradas como curiosidade.
 TEORIA Nº 1 "Em 1886 Para interligar a Liberdade e Santo Amaro foi construída uma estrada de ferro, e o seu idealizador, Engº Alberto Kuhlman, colocou o nome da esposa, Mariana, na estação".
 Impossível, pois a esposa do Engº Alberto Kuhlmann não se chamava Mariana. O Engº Kuhlmann casou-se em 1873 com Josephina Beniski (1843-1935) uma alemã, professora da fazenda.
 TEORIA Nº 2 "O nome Vila Mariana deve-se ao vereador e administrador do Cemitério da Consolação, Carlos Eduardo de Paula Petit, Influente e rico para os padrões da época, ele batizou a vila em homenagem a sua mulher Maria, e à mãe, Ana".
 TEORIA Nº 3 "Outra versão, dá conta que o nome da região se deve à dona Mariana de Barros Fagundes, que

Com o início da construção da Companhia de Carris de ferro, de São Paulo a Santo Amaro, em 1884, foram construídos os escritórios e as oficinas da ferrovia ao lado da estação de Vila Mariana. Foi a inauguração desta ferrovia que acelerou o desenvolvimento do bairro, trazendo para a região um Matadouro, Duas Cervejarias (Guanabara e Bohemer), uma fábrica de fósforos, curtumes, fábricas de móveis, fechaduras, chapéus, licores, biscoitos, etc. Essas atividades foram descritas da seguinte forma, por Kuhlmann (2004, p.2):

Na região de Vila Mariana também existiam alemães que cultivavam verduras, hortaliças e mel. Para o lazer de todos esses moradores foram criados clubes de danças e ginástica. Aos domingos o pessoal organizava excursões, e vinham para a Vila Mariana com bonde a vapor, para passar o dia nestes “Recreios” onde ao toque da sanfona, a rapaziada entrava na cerveja e dançava com as “loiras garçoninhas”.

“O Caminho do Carro” evoluiu lentamente de uma trilha para um “caminho”, depois para “estrada” até se transformar nas ruas da Liberdade, Vergueiro e Domingos de Moraes.

O Caminho do Carro (carro de boi) de Santo Amaro é um trecho do milenar “Peabiru”, um construído pelos índios sul-americanos que começava em São Vicente ou Cananéia no litoral paulista e cruzava parte do estado de São Paulo e Paraná, passando pela Bolívia até a Cordilheira dos Andes, no Peru.

Partindo da Capitania de São Vicente, o Peabiru passava pela Aldeia de Ivirapuera (Santo Amaro) e daí seguia até a Aldeia de Piratininga (São Paulo, capital). As atuais Av. Jabaquara e Rua Vergueiro estão assentadas sobre o leito do milenar Peabiru.

O desenvolvimento dessa região da capital deu-se principalmente com a construção da estrada de ferro que ligava a cidade a Santo Amaro. Esse fato foi evidenciado na descrição realizada sobre o bairro.

Quando foi construído o segundo matadouro em São Paulo, por contrato de 14 de julho de 1883 e em virtude da lei provincial de 25 de abril de 1880, teve início a construção da Estrada de Ferro de São Paulo a Santo Amaro.

Inicialmente foi concedida como caráter de Tranway suburbano, destinada a cooperar com a viação urbana da capital, mas tendo em vista prolongamentos e ramais.

Como praxe na época, obteve o privilegio por 25 anos, sem zona e com preferência para a construção dos citados prolongamentos e ou ramais. Essa linha havia sido concedida para ser estabelecida com tração animada (burros) e submetida ao regime de bondes, mas ficou prevista a possível motorização da estrada.

comprou uma chácara na região em 1852 e morreu quando a área começava a ser loteada".
Impossível, pois quando a área começou a ser loteada em 1886, já existia a denominação Vila Mariana.

“O engenheiro Kuhlmann, após haver efetuado uma caução (obrigatória antes de começar a construção), de 5:000\$000, assinou contrato para a construção de pequena ferrovia, denominada Companhia Carris de São Paulo a Santo Amaro”. (TSA-História, 2005, p.1)

Em dezembro de 1894, inaugurou-se o trecho de São Joaquim a Vila Mariana (3 Km) e, em setembro de 1895, o trecho de Vila Mariana, ao Matadouro (2 Km). Essa ferrovia era operada com tração animal e foi substituída pelo vapor, passando a linha a operar com pequenas locomotivas a vapor e bondes especiais, que penetravam nos pavilhões do matadouro, recolhiam a carne e a transportavam para o Tendal (no largo da Glória).

No mês de março de 1886, abriu-se o trecho restante, até Santo Amaro, numa extensão de 16 Km. Esse Tranway, que era semi-urbano, levou o desenvolvimento para o lado sul da cidade (Vila Mariana e Santo Amaro).

A estação Vila Mariana era “das mais sofisticadas, com tijolos aparentes de duas cores, ao gosto do estilo “Victorian Goth”, com lambrequins de madeira no arremate do telhado”, como foi descrito em Tsa-História, (2005, p.2). Isso era de grande importância em um bairro com desenvolvimento industrial, que em fins do século passado já contava com curtumes, fábricas de chocolates e algumas indústrias.

No ano de 1900, quando a São Paulo Light and Power assumiu o controle desse Tranway, promoveu grandes reformas na estação da Vila Mariana, criando um pátio para estacionamento dos bondes. A estação só foi demolida definitivamente na década de 70/80, para dar lugar ao metrô naquela área.¹⁶

O Comércio e a Indústria na Vila Mariana, em 1897 já apresentava um desenvolvimento razoável. O bairro em 1897 pertencia ao distrito sul da Sé, tendo se tornado de alguma importância, passando a receber tratamento de distrito.

Devido ao bairro estar localizado no meio do “Caminho dos Carros”, que ligava o centro da cidade ao município de Santo Amaro, e constituía uma importante via de acesso ao litoral, teve início o desenvolvimento industrial.

Nesse surto industrial, os imigrantes italianos, espanhóis, alemães e franceses, aos poucos foram se instalando na região e deram origem a um dos bairros mais tradicionais de classe média.

Ali moravam muitos habitantes, que passaram a desenvolver diversas atividades, originando algumas indústrias e comércio, as principais atividades que foram encontradas, foram:

¹⁶ A estação do trem foi à referência da região da Vila Mariana, daí a pertinência da descrição de sua arquitetura e do funcionamento da estrada de ferro.

Fábrica de Cerveja de Fausto Frederico e Paulo Schimdt, que eram imigrantes alemães.

Fábrica de Ladrilhos de Alexandre Fenzi, imigrante italiano.

Fábrica de Phosphoros da Cia Industrial de São Paulo, Diretor Dr. Jorge Nademeyer, Eng^o Guilherme Paulio, imigrantes alemães.

Fábrica de Sabão, do Coronel Figueiredo e Paulo Lafarine, brasileiros.

Fábrica de Sabonetes de Emilio Bouché, imigrante francês.

Fábrica de Salames de João Haloucheck e Rodolpho Handro, descendentes de alemães.

Fazendas, Armarinhos e Roupas Feitas de Germano Ewald, também imigrantes alemães.

Floricultura e Horticultura de Francisco Nemitz, brasileiro.

Hotel Tivoli de José Figueiredo, brasileiro.

Matadouro da Capital – Diretor Major Eleutério Lagoa, brasileiro. Os proprietários eram Miguel Alves Feitosa, brasileiro, Carlos Petit, imigrante francês e Grandó, imigrante italiano.

Os comerciantes ambulantes recebiam o nome de vendeiros, como os encontrados a seguir: os alemães, Franz Iborowsky e Frederico Mosken.

Os brasiliros, Assis Bittini e Antonio Coelho Santos.

Os italianos: Cesare Brinetti, Primo Borelli, Luigi Ferrari, Vicente Grimonte, Gre Morgante, Domingos Palandri, Giussepe Salgarella, Guisepe Telini e France Vinha.

A indústria foi a mola mestra que trouxe para a região o desenvolvimento. Nem podia ser diferente. A localização da indústria, ou pelo menos as dessa região, da Vila Mariana, tinham a proximidade da cidade de Santos, e para ela tinha uma dupla função: era por mar, que escoavam uma boa parte da sua produção em demanda de outros mercados

nacionais; e por via marítima, que chegava a maior parte da matéria-prima e de produtos semi-acabados.¹⁷

Com essa expansão muitos moradores foram se estabelecendo nas proximidades e formando um núcleo com características próprias. Sendo desde o início formado pela maioria de imigrantes.

Muitos imigrantes, com a expansão da indústria preferiam fixar-se na cidade de São Paulo, devido às precárias condições de vida nos cafezais, e, assim, a população cresceu. Em consequência da presença desses imigrantes, ocorreu um desenvolvimento e uma diversificação dos serviços e produtos comercializados.

Alguns segmentos foram se definindo, de acordo com as preferências: Os portugueses se especializaram no setor de secos e molhados; os italianos, no setor de calçados; os espanhóis; no comércio de ferragens e funilaria e os alemães e franceses importavam tecidos, e, em sua maioria eram padeiros, confeitheiros e curtidores de couro.

O surto migratório respondeu por 72% da população de cidade e São Paulo entrava em um processo acelerado de crescimento ligando bolsões isolados e preenchendo vazios internos ocupados, descontrolada e especulativamente.

Nesse contexto histórico o colégio começou suas atividades educacionais para meninas da classe média, que moravam no bairro da Vila Mariana.

As Missionárias Agostinianas voltavam aos antigos ideais que foram criados em Barcelona, pelas Beatas Terciárias Agostinianas de Ensino, através da Madre Gorrochátique.

2.5 Da fundação ao ensino de mulheres

A partir de 16 de novembro de 1933, sob o registro 1288 do Departamento de Educação, com o nome de “Externato Cristo Rei”, a escola foi fundada e iniciou suas atividades em 02 de fevereiro de 1934.

As primeiras freiras que constituíram a comunidade foram: Madre Natividade Gorrochátique, Madre Paz Hernandez e Madre Conceição Palácios.

Em 17 de Outubro, a Me. Gorrochattegui funda a “Casa de São Paulo”, em uma casa alugada na Rua Apeninos nº 363 tendo como primeira comunidade de Irmãs: Paz Hernandez, Agostinha Cermeño, Mônica Tamnini, Maria José Silva Araújo, Cecília Natividade de Oliveira e Fátima Salgueira.

¹⁷Estas afirmações foram apropriadas do texto de PRADO, Jr. (1989). A cidade de São Paulo, Geografia e História: São Paulo. Brasiliense.

No dia 16 de novembro ocorreu a instalação do Externato Cristo Rei na rua Apeninos, mas inicia o seu funcionamento no dia 02 de fevereiro de 1934 com o Curso Primário do Externato Cristo Rei, cujo primeiro inspetor foi Orlando C. Braga, que lançou o primeiro termo de visita à nova escola.

As primeiras atividades na rua Apeninos não puderam ser descritas, pois as informações sobre elas indicam que, devido a um incêndio ocorrido na Casa Provincial, os documentos foram queimados. A falta de documentação a respeito dos primeiros anos não nos permite afirmar como era o seu funcionamento nesse período. Mas quando não é possível rever alguns fatos ocorridos, recorro Le Goff, quando diz: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem”. (LE GOFF, 1984, p.98).

Sem essas informações, mas com outras possíveis de relatar a trajetória desse crescimento, encontrei referências que em janeiro de 1950, aconteceu a transferência do Externato, para o novo prédio, com uma autorização condicional de funcionamento, pela portaria 17/51 da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, com o funcionamento do curso ginásial.

O colégio crescia. A sua transferência para um lugar maior era necessária, onde pudesse se expandir, prosperar e ampliar seus horizontes. Foi nesse tempo que a Congregação adquiriu o prédio 658 da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, atual endereço.

Em 25 de agosto de 1949, a inspetora Romilde Almeida lança o último Termo de Visita Oficial, em razão da aquisição do prédio da Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 658 na Vila Mariana.

A partir de 15 de fevereiro de 1951, o departamento de Ensino do Estado de São Paulo concedeu a aprovação do nome Ginásio Cristo Rei, com a implantação do Curso Ginásial. Nesse mesmo ano, foi solicitada à prefeitura a construção de um Parque Infantil e uma Quadra de Esportes.

“Somente em 1955 foi autorizada a criação da Escola Normal Particular Cristo Rei, pelo Decreto nº 24233 de 24 de janeiro, no governo do Sr. Lucas Nogueira Garcês. O curso entrou em funcionamento em 1958, sendo reconhecido pelo Secretário de Educação o Sr. José Romeiro Pereira pela Portaria 2030, de 31/12/1957, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

A diretora do curso Normal era Astréa Bretãs (Me. Maria Rita) sob o registro nº 294 e secretária Maria Flores de Jesus (Me. Trindade) sob o registro nº 320.(de acordo com registros documentais).¹⁸

O novo edifício, na Av. Rodrigues Alves, era constituído de dois andares, sendo a parte inferior formada por um pátio coberto e uma área externa, própria para atividades de recreação. Neste pátio encontrava-se uma cantina com bancos para descanso ao seu redor, onde as alunas se reuniam durante os intervalos. Esse pátio e a área externa eram utilizados, também para as aulas de Ginástica.

No externato as atividades educativas e escolares, aconteciam durante todo o período diurno distribuídas pelos diferentes espaços da escola. Na sala de aula, o espaço era utilizado para as atividades de instrução, orientadas pelas professoras e mães da classe, que ministravam os ensinamentos das diferentes disciplinas do currículo escolar.

No Cristo Rei, um dos elementos utilizados como disciplinador era o horário e a rotina estabelecida dentro da escola. Esse era um fato que precisava ser interiorizado e aprendido pelas alunas. O Colégio funcionava em regime de externato, mas os horários eram seguidos rigidamente.

De manhã funcionava o Ginásio e o Curso Normal, e à tarde, o Primário. As alunas que pretendiam se tornar professoras realizavam seu estágio nas classes da tarde, o que propiciava um tempo quase integral nas atividades oferecidas pela escola.

As classes eram distribuídas no piso superior, em um longo corredor, e para ele todas as portas se abriam. Ao final desse corredor estava situada uma escada lateral. Nessa estrutura pode-se ver a especificidade do espaço escolar, mostrando que essa categoria não é um esquema abstrato, possuidor de neutralidade. A arquitetura escolar é vista como um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância.

Na entrada da escola, depois de percorrer um corredor florido e bem cuidado, situava-se uma pequena capela, fazendo parte desse conjunto arquitetônico. A capela representava o eixo central, em torno do qual deviam girar as intervenções educativas, sendo o centro das atenções das religiosas, o local de poder que a religião tinha no contexto. (ESCOLANO, apud SILVA, 2000, p.86).

¹⁸ Essas informações foram retiradas de fotocópias de documentos e decretos fornecidos pela secretária.

Os apontamentos dizem respeito à fundação e as visitas de inspetores que permaneceram no arquivo do atual colégio.

Nesse período dos anos sessenta, eram poucas as escolas confessionais católicas que ofereciam semi-internato ou internato, como ocorreu no início do século. As missionárias ofereciam um regime de externato, e os moradores próximos da escola davam preferência por esse tipo de horário.

Como as aulas do núcleo geral funcionavam em meio período, outras atividades podiam ser inseridas no currículo escolar, como: aulas de música e canto, aulas de teatro, aulas de balé entre outras.¹⁹

Os horários eram fixados assim: “As aulas obedeceram aos seguintes horários”: Escola Normal: período matutino – das 7:30 às 12:00, o Curso Primário: vespertino – das 13:00 às 16:30, e o Estágio: das 13:00 às 16:30. (Regimento Interno, 1964, p. 8).

As atividades festivas eram freqüentes, pois possibilitavam uma apresentação de formação artística. Eram solenidades de entrega de prêmios às alunas, festas juninas, festa das missões, em outubro, festa do dia das mães e dos pais, comemorações e celebrações religiosas, contando muitas vezes com a presença dos pais e autoridades locais.

Dentro do calendário escolar, o dia 28 de agosto era considerado feriado, data em que era comemorada a festa de Santo Agostinho, sempre com uma solenidade religiosa.

As fontes consultadas, únicas disponíveis do período estudado, não apresentam dados concretos das vivências formativas; permitem apenas inferências a partir de pistas que se apresentaram e que possibilitaram nossa análise até aqui empreendida. Nesse sentido, destaca-se a preocupação das missionárias em permanecerem fiéis ao carisma da obra.

A finalidade da escola católica feminina era educar física, moral e intelectualmente as meninas, tendo por base um programa que seguia as leis do ensino vigentes na época, aliada ao objetivo educacional das religiosas.

Nas séries iniciais as professoras eram contratadas pelas freiras para ministrar aulas das disciplinas do núcleo geral, sendo um ensino voltado para o conhecimento e a memorização das informações.

As salas de aula faziam parte de uma representação formativa, como se pode constatar nas apreensões feitas por Silva (2000, p. 116):

eram espaços destinados ao ensino, eram em si mesmas, portadoras de um programa educativo, com suas características próprias, espaços de silêncio, atenção às explicações da professora, de apresentação das tarefas, do contato com as colegas, da disciplina, da ordenação, enquanto, o pátio era o local da recreação, da brincadeira, do jogo, da ginástica, bem diferente dos espaços da autoridade: da

¹⁹ Essas informações encontram-se registradas no Regimento Interno da escola devidamente registrado na Secretária de Educação, no ano de 1964, quando o curso Normal foi reestruturado.

diretoria, espaço da irmã diretora, responsável pela ordem e representante do poder maior do colégio.

Dentro desse espaço disciplinar e disciplinador o conhecimento era passado por professoras leigas e professoras religiosas, na sua grande maioria.

O Colégio Cristo Rei, embora mantendo uma postura de doutrinação religiosa, disciplinadora, própria das escolas religiosas desse período, construiu um caminho próprio em que a tensão entre o tradicional e o moderno esteve presente, por exemplo, no controle rigorosos das leituras indicadas para as alunas, e na adoção de métodos pedagógicos próprios da modernidade. Com uma pedagogia que defendia o respeito pelo desenvolvimento das meninas, propunha as tarefas e lições de valores como método adequado para todas as disciplinas exercendo, portanto, através das irmãs e professores um controle sobre a mente das alunas; definindo o que era permitido em termos de conduta e censurando, em muitas ocasiões, temas tratados em sala de aula.

Ao matricular as meninas na escola os pais deveriam estar dispostos a aceitar as características próprias desse ensino oferecido pelas missionárias. A vigilância quanto à conduta e as convicções já eram estipuladas anteriormente.

Nas disposições para o corpo discente da escola, registro no Regimento Interno, foi possível encontrar alguns indicativos desse controle exercido na conduta das alunas:

Artigo 18º- Admite-se na escola Normal Particular Cristo Rei alunas externas para o Curso Primário e Normal. Para seu corpo discente, dará preferência a meninas que se submetem integralmente às condições seguintes:

- a)Prática de religião;
- b)Conduta exemplar;
- c)Aplicação.

A instrução religiosa ocupa primeiro lugar e é gradualmente ministrada em todos os anos dos diferentes cursos, procurando dar às alunas convicção forte e duradoura.

A educação social prepara a educanda para o perfeito desempenho das suas funções de cidadã e mestra patriota e para a compreensão da organização social moderna. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 4).

Os pais das alunas eram advertidos das exigências feitas pelas missionárias, imposições que definiam uma educação feminina, comum para a época. Será necessário lembrar que todo o ensino dessa instituição, nesse período (década de 60), estava voltado para as mulheres que seriam futuras professoras.

Através das investigações, pude perceber que, nesse novo prédio, a escola iniciou uma fase de reestruturação, tanto no seu espaço físico, como também na estrutura educacional. Constatei, então que nesse prédio da rua Conselheiro Rodrigues Alves, o Colégio passou por duas fases: a primeira em 1950 com a continuidade do curso Primário da “Casa de São Paulo”

e a criação do Ginásio; o projeto do Curso Normal, que cessou suas atividades em 1961, e uma segunda fase em 1964, com a abertura de um novo Curso Normal.

O Colégio passou a ser constituído com a seguinte organização, quanto aos cursos oferecidos: o Primário de Aplicação, o Ginásial e o Normal, que depois de 1964, ficaram sujeitos à seriação e aos programas oficiais, regidos em todos os seus aspectos, pela legislação vigente, segundo a fonte consultada.

O corpo administrativo era formado por: uma diretora, uma secretária, um tesoureiro, uma bibliotecária, uma porteira e uma chefe de disciplina, ou seja, a inspetora de alunas. Para admitir os professores e funcionários, alguns cuidados deveriam ser tomados: Todos deveriam ter uma conduta impecável, idônea e eficiente, devendo se submeter a exames médicos periódicos e ter o registro na Secretaria da Educação, como ficou estabelecido no novo regimento.

As funções eram detalhadas e tinham que ser seguidas regularmente, formando uma estrutura educacional organizada, com o fim único do funcionamento da escola, dentro das normas estabelecidas, pelas missionárias.

Como a ordem era um objetivo a ser perseguido continuamente, existia um “chefe de disciplina” a quem cabiam as seguintes incumbências:

- a) Controlar o movimento das alunas, entradas, saídas, pátio, recreios e intervalos.
- b) Controlar a frequência das alunas, cientificando à diretoria e os pais.
- c) Atender aos professores em aula nas solicitações de material escolar.
- d) Levar ao conhecimento da diretoria os casos de infração à disciplina.
- e) Estar devidamente registrado no Departamento de Educação. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 3).

Tendo em vista que os espaços e regras eram utilizados como um elemento disciplinador dentro da escola e dizem respeito ao valor educativo que essa ocupação tem na interiorização de valores, crenças e posturas, apropriei-me das informações sobre a “organização didática” para verificar a postura do colégio frente aos conceitos de disciplina. As cláusulas estabelecidas com essa finalidade eram:

Artigo 19º- Só serão admitidas à matrícula as alunas que apresentarem a documentação perfeitamente em ordem, de conformidade com a legislação oficial do ensino Normal do Estado.

Artigo 20º- No ato da matrícula de cada aluna, será dado a ela, ao pai ou responsável, conhecimento das disposições deste Regimento e um exemplar deste capítulo VI, pedindo-lhes que o leiam com atenção, antes de efetivada a inscrição. A assinatura aposta na ficha da Secretaria significa anuência.

Artigo 21º- Todas as alunas são obrigadas a justificar, por escrito, perante a Diretoria, o motivo das faltas que houvessem dado.

§ 1º: A Escola Normal Particular “Cristo Rei” desinteressa-se por alunas infrequentes, tendo em vista os prejuízos que elas trazem ao regime didático.

§ 2º: O não comparecimento às solenidades promovidas pelo estabelecimento é considerado como falta grave, dando motivo de suspensão.

Artigo 22º- Todas as alunas devem justificar a ausência à consciência, ao sentimento do dever e à dignidade. Devem ser rigorosamente obedecidas as seguintes determinações:

- a) É expressamente proibido fazer algazarra e gritarias, mesmo durante o recreio.
- b) É proibida a permanência de alunas nas classes e no corredor, durante os intervalos.
- c) É proibida a discussão de assuntos que possam milindrar convicções.
- d) É proibido fazer qualquer estrago no edifício, no mobiliário e no material didático ou causar prejuízo no prédio. A aluna culpada será obrigada a custear os respectivos reparos. No caso de não aparecer a culpada, será toda a turma responsável, cabendo-lhe a indenização dos estragos.
- e) É proibido atirar papéis, pontas de lápis no chão, seja nas salas de aula ou no pátio. Devem ser utilizados os cestos e caixões destinados a tal fim.
- f) É proibido trazer jóias ao estabelecimento, ou jornais, revistas e livros estranhos ao ensino. E a Escola não se responsabilizará por objetos perdidos.

Devem ser observadas mais as seguintes recomendações:

- 1) As alunas são obrigadas ao uso de uniforme.
- 2) As alunas devem possuir todo o material necessário. As faltosas serão advertidas (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 5).

As obrigações e deveres já deveriam ser considerados no ato da matrícula. Esse fato era uma constante nas cláusulas do regimento interno, sobretudo na importância atribuída às regras disciplinares. E os pais confirmavam a sua anuência a todas as normas, o que vem ao encontro com a afirmação inicial, de que os pais apreciavam esse tipo de educação disciplinadora oferecida pelas escolas femininas. As alunas poderiam utilizar os espaços permitidos a elas, desde que se adequassem às regras estabelecidas. Um outro fato chama a atenção, o cuidado com os melindres quanto às convicções. Significava que os ideais religiosos não deveriam ser contestados? Ou, eventualmente, questões políticas. Não posso deixar de lembrar que era o início de uma postura política ditatorial no país.

O registro das regras e normas, aqui transcritas, dizem respeito ao curso de normalistas, mas eram seguidos em outros cursos oferecidos pelo colégio, onde o Primário estava em função do Normal e o Ginásio era a continuidade do Primário.

O Ensino Primário era essencialmente baseado na interiorização dos conteúdos desenvolvidos nas várias disciplinas e dividido em quatro anos, observando o currículo normal na época. As disciplinas ministradas eram: Linguagem, Leitura, Aritmética, História, Geografia, Desenho, Caligrafia, Arte, Música e Religião.

O Curso Primário tinha como fim, de acordo com o regimento interno de 1964, o único possível de ser conhecido, as seguintes características:

- a) Dar educação integral a suas alunas.
 - b) Permitir às alunas do curso de formação profissional de professor a observação, experimentação e prática de métodos e processos de ensino.
- Quanto ao número de classes que funcionavam no período, encontrei a seguinte organização:
- a) A Escola Normal Particular Cristo Rei manterá o número de classes que for fixado por lei, isto é, em número não inferior a três.
 - b) A duração do Curso Primário de Aplicação devidamente registrada e cuja investidura tenha sido homologada pelo Sr. Diretor Geral do Departamento de Educação, de acordo com a lei em vigor. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 7).

Após os quatro anos do Ensino Primário, vinham os exames de Admissão para cursar os outros quatro anos do Ensino Ginásial. Nessa etapa, as alunas realizavam provas classificatórias em Português, Geografia, Aritmética e História. Dependendo da média obtida poderiam ou não cursar o Ginásio.

No curso Ginásial a escola mantinha ainda uma educação literária e filosófica, contendo em seu currículo básico, as seguintes disciplinas: Português, Francês, Inglês, Matemática, Ciências, História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e do Brasil, Desenho Geométrico, Canto Orfeônico e Organização Política Brasileira. Ao final do Ginásio era expedido um certificado de conclusão, que depois de 1961 passou a ser registrado no Ministério da Educação e Cultura, sob a lei Federal 4024, de 20 de 12 de 1961- Diretrizes e Bases da Educação.

No período que antecedeu os anos sessenta, o que regia a Educação apolítica pós-ditadura Vargas, marcada por uma série de debates sobre questões ligadas à estrutura e funcionamento do ensino no país, assim como sua qualidade, culminando com a LDB (lei de Diretrizes e Bases) de 1961.

A LDB desse ano, assim como as leis e programas posteriores ao ano de 1945, não conseguiram fugir de uma concepção que pretendia formar um cidadão ideal para os interesses da sociedade. Encontrava-se em pleno vigor os debates da defesa pela escola pública no país. Esse episódio pode ser abordado superficialmente, para evidenciar os motivos pelos quais novas estruturas educacionais deveriam ser adequadas ao colégio. Para compreender essa reestruturação, é possível inserir na pesquisa, um dos embates que inspiravam o panorama político educacional, daquela época, como na discussão sobre essa democratização do ensino, se refere Florestan Fernandes (1966, p. 132):

As escolas particulares católicas, como e enquanto empresas econômicas, são movidas pelos mesmos motivos. Graças a razões espirituais, crescem a esses motivos a defesa da posição dominante que a Igreja Católica sempre ocupou na formação intelectual e moral do homem na ordem social tradicional. Essa posição foi mais ou menos ameaçada pela expansão do sistema público de ensino, o que

estimulou os sacerdotes católicos a lutarem abertamente por novos meios de revitalização do sistema escolar submetido ao controle direto da Igreja Católica.

A partir da LDB de 1961 houve uma série de mudanças no currículo escolar brasileiro, que passou a ser elaborado em um contexto histórico no qual as escolas buscavam adestrar mão-de-obra para a indústria. Com isso, iniciou-se um processo de tecnização da formação escolar, em oposição a um ensino livresco e elitista, como era considerado o currículo anterior.²⁰

Entre 1960 e 1961 houve uma Inspeção Geral do Colégio para fins de reconhecimento da escola pelo Sr. Romeu Paschoalick e equipe. A Escola Normal cessa suas atividades com o objetivo de reestruturar e expandir o prédio construindo mais quadras esportivas e laboratórios. Ao ser determinada esta ampliação, o prédio antigo foi demolido e criaram-se as oficinas de caridade, além da Associação de Pais e Mestres, que ajudavam financeiramente, na reforma da escola.

O ano de 1962, a realização do Concílio Vaticano II, em Roma, estabeleceu-se como um marco também na direção de alterações profundas na Igreja. A Igreja católica reorientou em grande parte sua ação e a interpretação de sua doutrina. Propôs mudanças estruturais na vida religiosa feminina, tanto na sua organização interna, como em suas atividades externas; as religiosas deveriam inserir-se no meio dos “fiéis”. Uma das transformações marcantes foi a troca da veste religiosa - o “hábito” - por roupas comuns e a separação do local de residência e de trabalho.²¹ Outras transformações, que se aproximavam da mentalidade moderna, como a valorização da pessoa, foram realizadas, “a representação dessacralizada da vida incorporaram-se à visão de mundo das religiosas, permitindo que a reorganização interna da vida conventual se desse sobre novas bases de legitimação”, conforme Nunes. (2001 p. 498).

Nessa época as freiras foram viver em uma casa ao lado da escola e vestiam-se “como toda a gente”. Esses novos comportamentos não se limitaram às estruturas internas das religiosas, mas também às tarefas que passaram a exercer. Ampliaram o seu campo de ação para a área de assistência social na comunidade.

Essas mudanças avançaram na direção do funcionamento da escola, com a participação de pais e mães em atividades da Associação de Pais e Mestres (APM), dentro da casa provincial. Havia um grupo de pais que pertenciam a essa associação e participavam dos

²⁰ Esse enfoque sobre o panorama da Educação foi retirado do artigo: O saber em discursos, Projetos e Leis: A História Ensinada no Brasil entre o II Pós-Guerra e a Ditadura Militar, de Rosa Ribeiro (2002). Entre algumas evidências do período o autor destaca as mudanças no currículo em oposição a Lei Capanema de 1942.

²¹ A apropriação das informações sobre a vida das freiras no Brasil se deu através do trabalho de Maria José Rosado Nunes. (2001). São Paulo: Unesp.

preparativos das comemorações, das festas anuais e das obras de assistência social. Finalmente, em 21 de fevereiro de 1964, aconteceu a reabertura da Escola Normal com a inauguração do salão e da capela do Cristo Rei, apresentava também um novo regimento escolar, que vigorou a partir de 23 de março de 1964, e tendo como diretora a Madre Trindade Flores de Jesus. O regimento, que formalmente está descrevendo as atividades da escola após essa data, tornou-se uma bússola, onde pude destacar algumas tendências inseridas nas práticas escolares das missionárias.

Com o novo nome, a Escola Normal Particular “Cristo Rei” e suas finalidades, iniciaram a segunda fase do colégio, quando o novo regimento foi enviado para a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação.

Nesse documento foi registrado que a escola fundada e mantida na cidade de São Paulo (capital), tinha como finalidade essencial a formação intelectual, moral e cívica da juventude feminina, mantendo curso Primário e de formação de professores, de acordo com as leis, decretos, atos, portarias e determinações de autoridades superiores do Ensino Normal.

As madres Agostinianas que dirigiam o estabelecimento baseavam-se nos sólidos princípios cristãos para, mais eficazmente, tornar a juventude feminina útil a si, à família e à sociedade, conforme o Regimento.(1964, p. 2).

O Colégio, nessa fase, apresentava praticamente a mesma organização quanto aos cursos oferecidos: “Primário de Aplicação”, Ginásial, Normal e todos os cursos estavam sujeitos à seriação e programas oficiais, regendo-se em todos os seus aspectos pela legislação vigente.

No curso “Primário de Aplicação” a diretora e as professoras atuavam em estrita relação com o curso Normal mantido na escola. E, com essa informação pude perceber os antigos ideais das Beatas de Barcelona quanto ao objetivo principal, ou seja, formação de mulheres professoras. A forma como foram descritos nos documentos, transcrevo neste trabalho, com o objetivo de preservar as características próprias da época. Os artigos estão na forma datilografada e com as correções pertinentes que aparecem no texto enviado à Secretaria de Educação. Em conformidade com os pareceres, assim foram registradas as competências da Diretora do Curso:

- 1)Estudar, com as professoras, os melhores processos de medir o rendimento e o ensino e de julgar os trabalhos dos alunos;
- 2)Pesquisar as causas da reprovação no curso;
- 3)Identificar as alunas infra e supra-normais e reuni-las sempre que possível, em classes especiais;

- 4) Organizar o registro das alunas, especialmente em relação ao desenvolvimento escolar, acompanhar os trabalhos de Prática de Ensino, assistido às aulas ministradas, pelas alunas-mestras e respectivas críticas;
- 5) Sugerir medidas destinadas a melhorar a articulação entre os trabalhos do curso Normal e o Primário;
- 6) Comparecer às reuniões do Conselho de Classe;
- 7) Manter contato direto com as famílias das alunas, procurando interessá-las pela vida escolar. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 6).

A preocupação com uma sólida preparação para o ensino das mulheres ainda permanecia presente nas intenções das missionárias. O Curso Primário funcionava como um núcleo experimental, no qual as normalistas realizavam estágios, e, posteriormente, as que mais se destacassem para a função, poderiam ser contratadas para ministrar aulas. As alunas que queriam se tornar professoras deveriam ser treinadas para a função, em todos os sentidos, como diz Louro, analisando os cursos de normalistas:

Para esses docentes, as ordens religiosas, as congregações e as associações escreveram manuais, criaram regras e determinaram condutas que regulavam seus gestos, modos adequados de colocar suas mãos e seu corpo, de caminhar e de falar; estimularam o silêncio e ensinaram a comunicação por sinais; disseram quando, onde e como corrigir os estudantes; indicaram o que observar e como observar. Um detalhado e minucioso conjunto de saberes sobre esses meninos e jovens, sobre o seu corpo, sua sexualidade, sobre seus interesses e vontades, seus modos de compreensão etc. Certamente as religiosas que a seguir, passam a se ocupar das meninas cristãs também se pautam por severos e detalhados regulamentos. (LOURO, 1997, p. 93).

Enfim criaram um conjunto de regras que pautavam esses cursos, e as missionárias seguiam-nas com o antigo intuito da preparação de meninas para o magistério.

Nesse conjunto de regras organizadas, estavam as formas nas quais as mulheres deveriam se pautar para ser uma educadora, na visão social da época. Nesse sentido as missionárias adequaram o curso aos objetivos próprios, da origem da congregação.

O currículo para a Escola Normal, nesse período, era constituído das seguintes disciplinas:

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:	1º ano	2º ano	3º ano
1- Português	4	3	3
2- História do Brasil	3	—	—
3- Geografia do Brasil	2	—	—
4- Ciências	3	—	—
5- Matemática	2	—	—

DISCIPLINAS COMPLEMENTARES:

Psicologia da Educação	3	4	4
Metodologia e Prática de Ensino	3	4	6
Sociologia da Educação	–	4	–
Biologia Educacional	–	4	–

DISCIPLINAS OPTATIVAS:

Desenho Pedagógico	1	2	3
Trabalhos e Artes aplicadas	1	–	–
Filosofia e História da Educação	–	–	3

PRÁTICAS EDUCATIVAS:

Música e Canto Orfeônico	1	1	1
Educação Física	1	1	1
Religião	2	2	2

TOTAL DE AULAS SEMANAIS:	26	25	24
--------------------------	----	----	----

ESTÁGIOS – horas anuais	30	60	90
-------------------------	----	----	----

Em 1966 foi encaminhado um pedido de alteração no Regimento Interno, solicitando a inclusão de mais aulas de Matemática no 2º ano. E a alteração foi realizada em 1967, pelo Professor Doutor Antônio Barros Ulhôa Cintra, Secretário de Estado dos negócios da Educação, tanto no Ensino Primário como no Ensino Médio.²²

Os professores que eram contratados para ministrar as aulas deveriam estar de acordo com as seguintes normas:

- a) Estar devidamente registrado no departamento de educação.
- b) Reger a cadeira conforme o horário estabelecido.
- c) Desempenhar com competência e técnica pedagógica suas aulas, mantendo-as disciplinadas.
- d) Em se tratando de professor remunerado, possuir carteira profissional.
- e) Fazer entrega de notas de aplicação e diários de classe, devidamente preenchidos e anotados até o dia 5 de cada mês.
- f) Retirar as provas parciais imediatamente após o exame e devolver dentro de 5 dias, registrando a retirada e entrega no livro de carga e descarga.
- g) Comunicar com antecedência, sempre que necessitar faltar.

²² Essas informações foram registradas na forma como se apresentaram nos documentos fornecidos pela secretária da escola, neste ano de 2005.

- h) Comunicar à diretoria as transgressões disciplinares das alunas.
- i) Manter a diretoria a par do aproveitamento das alunas, bem como comunicar o que ocorra de particular e importante com as alunas.
- j) Tomar cuidado constante e especial na educação moral e cívica das alunas.
- l) Comparecer às festividades promovidas pelo estabelecimento.
- m) Receber condignamente as autoridades.
- n) Começar e terminar as aulas dentro do horário estabelecido para não prejudicar o bom rendimento das turmas. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 8).

Nessas disposições do regimento, encontrei evidências que explicam as informações já analisadas anteriormente sobre as missionárias: alguns professores não eram remunerados, o que indica que as religiosas estavam incluídas nesse caso. Existem também, indícios de algumas transformações ocorridas nas políticas educacionais. Refere-se ao cuidado com a educação moral e cívica. Como diz Bosi “O Estado intervém, então, não para reformar o estado geral da sociedade, mas permitir que este estado prossiga e se reproduza sem integrar numa dada sociedade”. E prossegue dizendo “é o momento de regulamentar a disciplina “Educação Moral e Cívica”, neutralizador ideológico típico; é o momento de reduzir o estudo da História do Brasil diluindo-o em um composto híbrido chamado “Estudos Sociais”. (BOSI, 1998, p. 139). Essa discussão deu-se devido à redução das aulas de História no currículo das escolas.

Outra informação importante deve ser registrada. As transgressões e penalidades impostas ao professor, sempre que:

- a) Não devolver convenientemente, em tempo oportuno e sem causa justa, o programa da disciplina a seu cargo, com prejuízo para o ensino.
- b) Deixar de comparecer, sem causa justificada, por mais de 15 dias.
- c) Faltar com respeito às autoridades, à diretoria, aos colegas e à própria dignidade do magistério.
- d) Servir-se da cátedra para pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais, ou para insuflar as alunas, clara ou disfarçadamente, atitudes de disciplina ou agitação. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 9).

E, em continuidade um parágrafo único, com a seguinte advertência: “O professor que incorrer em uma das faltas estipuladas nos itens acima, ficará sujeito à advertência pela diretoria e na reincidência será exonerado do cargo”. (COLÉGIO CRISTO REI, 1964, p. 3).

O professor que “servir-se” da cátedra para pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais, denota uma adequação ao Regime Militar que se instalava no país, ou simplesmente mais uma observação quanto às atitudes disciplinares. Esse fato tornou-se uma indicação para uma abordagem, mesmo que superficial, do período.

No ano de 1964 instaurou-se um regime militar no país, e, nesse período de “exceção”, a nova política vivida pelo país exigiu a criação de alguns mecanismos para adequar o sistema ao seu projeto político. Para isso realizou modificações em áreas chaves do governo, como a da educação, motivo pelo qual os professores eram observados pelas religiosas.

O sistema educacional do colégio vai se adequando às novas tendências, direcionando as alunas para um campo de conhecimentos que pudesse fornecer os meios necessários para se ajustar à modernidade, sem perder de vista os objetivos das freiras professoras vindas da Espanha.

Portanto, atendendo a uma clientela característica da região urbana, formada por descendentes de imigrantes europeus, aos poucos, o Colégio foi abrindo seu espaço, sem perder a identidade originária das fundadoras, que era educar meninas para o magistério.

Com todas estas mudanças, no dia 06 de dezembro de 1968, uma nova Portaria autoriza o funcionamento do 2º Ciclo do Curso Secundário passando a chamar-se definitivamente, Colégio Cristo Rei, sendo Superiora Vigarial Me. Mercedes Lázaro e Diretora Ir. Ana Maria de Paula Brandão.

Em 1971, as Comunidades do Brasil se organizam na Província Cristo Rei em São Paulo, na rua Bagé 73, sendo sua primeira coordenadora Provincial Ir. Trindade Flores, que reestrutura obras e funda em 1982 em outras comunidades de inserção, na ilha de Marajó e no Vale do Jequitinhonha. (Divinópolis) e em missões ad gentes na África, em Moçambique, atendendo necessidades locais.

Para finalizar a trajetória, procuramos pontuar outros acontecimentos que marcaram a evolução do colégio, embora sejam datas mais recentes.

Outras datas marcaram a caminhada do colégio, como a formação da APM, em 1963; a construção do salão nobre, em meados de 1967; os cursos profissionalizantes, em 1974.

O cargo de Coordenadora Pedagógica foi criado somente em 1974, com a implantação dos cursos profissionalizantes e, em meados de 1980, a piscina foi construída, dando início a um novo conceito de ensino, agora com a criação do cargo de Orientadora Educacional.

Voltando um pouco no tempo, não podemos deixar de recordar a professora de Português Maria Helena Sêncio Paes e a professora Dina Palmieri que criaram o evento mais importante da história do colégio: a comemoração do seu jubileu de prata: a Olimpíada Interna.

O Jubileu de Ouro foi comemorado em 1983, e no ano de 2003 aconteceu uma grande festa, que contou com a colaboração das ex-alunas, em comemoração aos 70 anos de fundação do Colégio Cristo Rei.²³

A partir de 1998, iniciaram-se os estudos para a elaboração de um projeto educativo, com cursos ministrados pela AEC (Associação das Escolas Católicas) e uma intensa participação na FABRA (Federação Agostiniana Brasileira).

²³ As datas dizem respeito as informações retiradas de um estudo realizado pela coordenadora atual do colégio, que compilou alguns dados referentes a evolução do projeto educacional, em comemoração aos 70 anos.

11.A capela do antigo Colégio em 1951, na Av. Conselheiro Rodrigues Alves.

12. Antiga Fachada do Colégio Cristo Rei.

13. Uma das etapas da construção do Auditório em 1952.

14. Fachada do Colégio Cristo Rei em 1964, depois da reforma.

3 A VISÃO FEMININA DO COLÉGIO CRISTO REI

3.1 Introdução

Para construir a visão feminina das alunas do Colégio Cristo Rei, no período da década de sessenta, do século XX, muitas dificuldades surgiram. Como trazer de volta memórias de um cotidiano escolar? De que forma trabalhar essas recordações? Quais informações eram importantes para a pesquisa?

O trabalho com as reminiscências é uma tarefa complexa. E o que é escrito das lembranças é uma recriação do passado pelo presente; está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual, assim os supostos lapsos de memória poderiam ser considerados não apenas falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas como parte do próprio texto.

A relação entre a memória e o esquecimento pode ser capturado sob diferentes formas, o que implica em diferentes modos de análise. Se a palavra é uma forma de dizer, é também uma forma de ausência. As fronteiras entre o esquecimento e a memória são sutis e “dependem do resultado transitório de um conflito entre forças que levam o passado à consciência e as forças que o condenam ao esquecimento”. (LACERDA apud BOSI, 1994, p, 304). Essa ambigüidade da palavra inscreve-se diferentemente em cada depoimento.²⁴

Para estabelecer essa relação, entre a memória e o esquecimento, foi necessário encontrar ex-alunas novamente e fazer-las discorrer sobre as lembranças e histórias vividas, mesmo levando em conta, o que foi dito e o que ficou silenciado. Assim, surgiram outras implicações, que se fizeram presente.

Desde os tempos mais remotos, a história sempre foi transmitida entre pessoas comuns oralmente, ou então, por crônicas escritas. As informações eram passadas de geração em geração, sempre com um objetivo social ou político para construir fatos históricos. Os recursos que o pesquisador tinha ao seu alcance para descrever os fatos e escrever a sua história, só dependiam da palavra e da presença física dos seus protagonistas.

Atualmente, com a evolução dos recursos que o pesquisador tem a sua disposição, a prática de entrevistar as personagens, e construir seu objeto, vêm se aprimorando cada vez

²⁴ A apropriação dos conceitos deu-se através das leituras de Bosi, (1994). Memória e Sociedade: lembranças de velhos: São Paulo: Companhia das Letras. E ao texto escolhido de Lacerda (2000). Lendo vidas: memórias como escritura autobiográfica. Florianópolis: Mulheres.

mais com gravação de entrevistas, livros em CD-ROM, acesso em meio eletrônico, conversas informais, conexão online (transmissão de informações) entre outros.

Com a pretensão de trabalhar com a história oral, a maior dificuldade, era justamente buscar as fontes, apropriando-me dos instrumentos de coleta disponíveis, e, sobretudo, torná-las compatível com os padrões acadêmicos.

Realizando contatos pela internet, pude encontrar fontes legítimas e transformar as informações em matéria-prima, necessárias, para a pesquisa, juntamente com as entrevistas pessoais.

Para escrever e compor a visão das alunas do Colégio Cristo Rei, muitos acontecimentos dificultaram um encontro pessoal com essas ex-alunas. Esse fato foi o determinante para o uso de informações eletrônicas. O bairro da Vila Mariana sofreu modificações físicas e estruturais, e as famílias se mudaram para outros bairros de São Paulo e muitas não puderam ser encontradas ou moram em outras cidades, enfim, dificuldades na coleta das fontes orais.

A localização das alunas que participaram, deu-se por meio das indicações de ex-alunas que se relacionam profissionalmente e indicaram em seus relatos possíveis endereços postais, eletrônicos ou residenciais.

Portanto, as fontes foram documentadas através de questionários formais e relatos individuais que ao se unirem a outras informações, formaram um corpo documental valioso, para a construção do objeto. Como diz Ferreira e Amado (2000, p. 14):

a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais expressos nas entrevistas; legitimadas como fontes (sejam por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas _ porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos _, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano.

Com a disponibilidade das fontes encontradas, o campo de ação da história das mulheres, foi se abrindo num leque de possibilidades a serem exploradas minuciosamente. E assim reafirma Thompson (1992 p. 28): “A utilização da evidência oral rompe as barreiras entre os cronistas e seu público; entre a instituição educacional e o mundo exterior”.

A partir dos questionários semi-abertos que serviram de indicativo para encontrar o perfil sócio econômico das alunas e de seus pais, a descendência das famílias, as opiniões pessoais e do cotidiano das alunas, chegamos a questões abertas ou relatos pessoais, porque nem sempre a leitura das respostas indicavam uma conclusão satisfatória, deixando algumas dúvidas.

Com este propósito, pude compor, através de narrativas de alunas e pais, uma história única de mudanças e transformações sociais, que levaram à compreensão do objetivo educacional das irmãs missionárias, no contexto familiar e no cotidiano da época analisada.

3.2 A construção da família – padrão.

Da seleção dos questionários por categorias diferentes, isto é, questões para as mães, pais e ex-alunas, cheguei à definição de um recorte temporal entre 1959 até 1970, dentro de um universo constituído por trinta alunas e oito pais, entre eles, cinco mães e três pais.

As ex-alunas entrevistadas estudaram no colégio, no período que corresponde ao Ensino Primário, em alguns casos com Admissão, Ginásio, Colegial (depois de 1967) e o Curso Normal.

Em uma primeira leitura dos questionários semi-abertos, foi possível perceber que nem todas as questões abordavam assuntos que induzissem a um relato mais pormenorizado, por isso optei por completar com um roteiro de entrevistas formadas por questões abertas, como: O que você achava da escola? Conte-me a respeito dos seus ideais na época. O que você ainda guarda dos tempos de escola? Fale-me a respeito de episódios que marcaram sua passagem pelo colégio. E, através de correspondência e conversas, em um período de seis meses aproximadamente, pude estabelecer fatos específicos e comentários.²⁵

As questões do questionário semi-aberto foram organizadas em três partes: a primeira em que as alunas se definiram como sujeitos enquanto alunas do colégio, nos anos sessenta a setenta do século passado; segunda parte referiu-se à situação sócio-econômica dos pais e finalmente, a terceira sobre a visão dos valores adquiridos e expectativas de uma futura profissão.

E como o objeto da história está sempre permeado por sujeitos do cotidiano, as memórias mais significativas foram evidenciadas com a finalidade de dar “voz e vez” às alunas. “É o testemunho de pessoas simples, aqueles que tendemos a considerar não-atores da história e cuja importância só é valorizada pelo simples fato do historiador solicitá-los para uma entrevista”. Como diz Ferreira e Amado (2000, p. 41):

estabelecendo o diálogo e deixando um pouco de lado suas curiosidades imediatas, o historiador pode contribuir para favorecer ou acelerar a evolução do seu interlocutor, que pode passar da afirmação de sua obscuridade e de sua insignificância (“nada tenho de interessante a dizer”) à construção de seu próprio relato.

²⁵ Os questionários semi-abertos encontram-se nos anexos.

Sempre com esse objetivo, as questões foram evoluindo para relatos, e formando um corpo de informações a ser investigado.

Nas primeiras análises, as evidências foram se definindo através de um caminho cheio de dúvidas e controvérsias.

As ex-alunas entrevistadas são filhas de pais brasileiros, descendentes de imigrantes italianos, espanhóis, portugueses e outras origens, em menor quantidade. Essa descendência pôde ser verificada mesmo na ausência das respostas pela repetição dos nomes e sobrenomes que foram surgindo como evidências. A maioria dos sobrenomes é de origem italiana, como: Guiraldelli, Pellegrini, Bartalotti, De Luca, Passareli, Mazuca. E as outras descendências, são a mescla de descendentes de espanhóis e portugueses, como: Morbin, Gonçalves, Amaral, Paiva, Costa, Medeiros entre outros. Entretanto, mesmo com essas evidências, ainda surgiram dúvidas a respeito dos sobrenomes espanhóis e portugueses, devido à forma escrita dos sobrenomes, que tanto podem ser de uma ou de outra origem.

Esse fato aproximou as alunas à história do bairro que formado por imigrantes italianos, na sua grande maioria, no início, com o passar do tempo foram se juntado a outras descendências.

Nas primeiras investigações, o foco principal refere-se aos pais e mães das ex-alunas, para compor a família-padrão da época.

As famílias apresentavam uma estrutura semelhante às famílias consideradas tradicionais, as quais formavam a “classe média”, como era denominada na época. Em geral eram constituídas por pai, mãe e, normalmente, dois ou três filhos, aparecendo casos isolados de quatro filhos. Moravam nas proximidades da escola, formando uma comunidade no bairro da Vila Mariana. Essa informação confirmou-se através das respostas escritas nos questionários enviados aos envolvidos na pesquisa. Apresentando aproximadamente o seguinte índice: 50% famílias com 2 filhos, 35% com 3 filhos, 15% 4 filhos e 5% com apenas um filho.

A situação econômica se repete numa frequência constante de famílias com as seguintes características: os pais trabalhavam como bancários, comerciários, pequenos comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais.

A maioria, ou seja, 80%, das respostas à pergunta: “Quais eram, nesse período, a ocupação e a jornada de trabalho do seu pai?” Apresentou respostas: “jornadas de oito horas diárias e meu pai era funcionário da Secretaria Estadual da Fazenda, ocupando o cargo de engenheiro”. (Regina) Ou então, “bancário, 40 horas semanais” (Vera). Somente duas ex-

alunas não responderam sobre a ocupação exercida por seus pais, que trabalhavam apenas, de “2º a 6º das 8:00 às 19:00”. E também, apenas uma das entrevistadas definiu a ocupação do pai como representante comercial, porém com horário fixo.

Quanto à pergunta anterior, ainda cabe uma observação: encontrei repetidamente uma jornada de trabalho com quarenta horas semanais, e completando a resposta, nos finais de semana os pais permaneciam junto à família, respeitando os padrões da época. Entre as respostas dadas, surgiu um caso isolado, a seguir: “Delegado de Polícia – DEIC e DEREEX. Horários normais (manhã e tarde) e muitas vezes plantões noturnos” (Maria Inez).

A escolaridade teve um intervalo pequeno na distribuição da frequência: entre Ginásial e Médio em número de 30%, e apenas o curso Primário, 25%. Os outros 45% exerciam profissões como Advogados, Engenheiros, Professores Universitários, Engenheiro Químico, evidenciando cursos de nível superior. Assim, posso considerar que as famílias tinham um padrão sócio-econômico alto, para os referenciais da época. Nesse universo, as proporções contabilizadas referem-se às respostas das alunas e dos pais. Isso se deveu a preocupação que as entrevistadas tiveram ao relacionar a atividade paterna, evidenciando uma atenção maior ao fato.

As mães não trabalhavam fora de casa e tinham auxiliares para o trabalho doméstico. Às vezes, apareciam as faxineiras e vários empregados para ajudar nos afazeres da casa durante o período em que as filhas estudavam no colégio.

Quanto à escolaridade das mães, entre as cinco mulheres entrevistadas, três delas completaram o curso Normal. Uma delas, além do Curso Normal realizou o Curso Superior de Música. Outra cursou o Técnico de Química Industrial, e uma delas estudou somente até o final do Curso Primário.

Esta questão, das normalistas, sugeria uma postura feminina tradicionalista, que pude comprovar através das respostas maternas. As normalistas não trabalhavam como professoras.

Apenas uma delas trabalhava em meio período, na escola pública, como professora primária. Ensinava nos primeiros anos, do Ensino Fundamental. Portanto, as outras mães que tinham uma formação de normalista, não exerciam a função. As estudantes faziam magistério para terem prestígio, cultura geral, o que de certa forma lhes era interessante para as relações sociais, além de facilitar a “função de mãe”. O magistério era considerado uma função de mãe, sendo um curso muito procurado pelas jovens, mesmo que não fossem exercer a profissão. Aqui posso rever, o que diz Bassanezi (2001, p. 625): “o que não significava que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se com o prestígio do diploma e a “chamada cultura geral” adquirida na Escola Normal”.

No período analisado (59-70), a classe média brasileira estava em ascensão, e, como já vimos, o país assistiu a um crescimento urbano muito intenso. Todo esse crescimento, unido à industrialização, conduziu a um aumento das possibilidades educacionais e profissionais, para homens e, principalmente, para as mulheres. Mas a família ainda conservava uma estrutura tradicional, principalmente entre as mulheres mães. Como explica Bassanezi (p. 625):

Era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho. Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua. Conviviam, então, muitas vezes em conflito, as visões tradicionais sobre os papéis femininos com a nova realidade que atraía as mulheres para o mercado de trabalho, a obtenção de uma maior independência e a possibilidade de satisfazer crescentes necessidades de consumo pessoal e familiar.

Um certo nível cultural era um discurso enfatizado para as moças assim sabiam conversar e criar seus filhos, mas não para concorrer no mercado de trabalho com as funções masculinas.

Essa característica das mulheres mães se reflete nas respostas à seguinte pergunta: “Nas horas de folga a senhora: bordava, costurava, tricotava, fazia crochê, lia revistas...”, enfim perguntas que poderiam definir os hábitos das mulheres. Três mulheres responderam: tricotava, costurava, fazia crochê, portanto trabalhos manuais considerados femininos. Uma delas optou por escrever uma observação: “jogar cartas com amigos” e uma tinha sua preferência voltada para os trabalhos manuais, e também apreciava as leituras, o cinema e a música.

O interesse nos trabalhos manuais como bordar costurar, fazer crochê; ler romances, jornais; cuidar da casa e dos filhos; ter o hábito de ir ao clube ou visitar parentes e conversar com amigos, são dados fornecidos que formam um conjunto de costumes incorporados pelas mulheres ainda submissas ao contexto social da época.

Esses dados reforçam posturas reproduzidas pelas mulheres que, desde criança, deveriam ser educadas para ser mãe e dona de casa. As prendas domésticas eram imprescindíveis ao currículo de qualquer moça, e o casamento era a realização feminina. Observando que as mães das alunas viveram ideais do papel feminino, nos anos anteriores à década de sessenta, posso dizer que:

essas afirmações não surpreenderiam uma esposa comum nos moldes das mulheres de classe média dos anos 50 no Brasil. Sendo herdeiras de idéias antigas, mas sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposa e mães, saberia da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher (BASSANEZI, 2001, p. 607).

Como diz a autora, essas afirmações confirmam os valores comuns inseridos na educação das mães dessas alunas do Colégio Cristo Rei.

Quanto aos pais, nas horas e dias de folga, gostavam de assistir tv, ler jornais, ouvir rádio, ir ao cinema, fazer compras, visitar amigos e parentes. Um dos pais respondeu com uma observação: “ajudava a esposa e dividia as responsabilidades domésticas”, como está contemplado no questionário escrito.

Esses indícios nos encaminham para uma visão masculina, no período. Os trabalhos da casa eram uma obrigação feminina. Isto mostra que nas relações cotidianas a responsabilidade das mulheres pelo espaço doméstico deveria ser mantida; nesse espaço os homens apenas “ajudavam”. Entre os entrevistados, que informaram suas atividades de lazer e descanso, dois tinham o hábito de jogar cartas com amigos ou no clube. Nesse parecer masculino, aparecem costumes como: ler jornais, ouvir rádio, sair para visitar parentes e amigos, o que era comum, pois neste período a televisão ainda era incipiente no país.

Essas informações sugerem que na família tradicional, a educação e formação das filhas eram decididas pelo casal, mas o peso maior dessa direção recaía sobre a mulher. Analisando a postura feminina dos anos cinquenta e sessenta do século XX, encontrei a seguinte descrição:

A esposa era valorizada por sua suposta capacidade de indicar com a luz do olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeavam. Considera-la a rainha do lar, a principal responsável pela felicidade doméstica, significava não somente atribuí-lhe um poder intransferível e significativo sobre a família – com toda a carga que essa tarefa, nem sempre viável, pudesse trazer – mas também reforçava o papel central da família na vida da mulher e, parece claro, sua dependência em relação aos laços conjugais (p. 627).

Posto isso, posso acreditar que a presença feminina na família era a reprodução dos padrões formais da época, sendo esse o motivo da importância dada à educação dessas mulheres. Nesse caso seria verdadeiro o que afirma Bassanezi (p.609): “A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade”. O ideário feminino parece que ainda estava relacionada com a imagem de Maria, santa e amorosa, dedicada à família, à missão de orientar e conduzir os filhos. Outra

possibilidade encontrada sugere a descendência dos imigrantes italianos, onde a mulher mãe tinha um papel central dentro da família, sobretudo no cuidado com as crianças.

Em seguida a investigação prossegue com as respostas à pergunta: “A senhora gozava férias [...]” as cinco mulheres assinalaram: “sempre com a família, e só com os filhos”. Confirma-se assim, a importância dada aos filhos por essas mães, mas deixa um silêncio quanto à companhia do marido, nesta atividade.

Prosseguindo nessas análises, outra questão se faz pertinente: a escolha da escola para as filhas.

A questão objetivando a opção de matricular suas filhas no Colégio Cristo Rei, em todos os questionários, tem três alternativas assinaladas ao mesmo tempo. São elas: por ser uma escola próxima à residência, por ser uma escola só para meninas e por ser uma escola católica.

PAIS	PRÓXIMA	FEMININA	CATÓLICA
TOTAL	8	8	8

Essa afirmativa vem confirmar e definir a mesma conduta encontrada nos pais desse período, demonstrando uma finalidade comum nas famílias de classe média. Visavam uma educação católica e disciplinada para suas filhas, baseada nos padrões da conduta moral feminina. O que fundamenta uma escolha pelo Colégio Cristo Rei, como diz Louro (2001, p. 447):

Para muitos a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Deve-se notar que, embora a expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade brasileira da época era, sem dúvida o catolicismo. Ainda, que a República formalizasse a separação da Igreja católica do estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre a Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina.

Essa resposta indica uma preferência pela possibilidade de não matricular suas filhas em colégios leigos, particulares ou não, que porventura existissem no bairro, por não serem confessionais católicos e somente para menina. Nas proximidades do Colégio Cristo Rei, outras escolas já haviam iniciado suas atividades, mesmo antes da sua fundação.

Foram encontradas muitas possibilidades de estudo em escolas públicas, particulares ou mesmo escolas confessionais femininas, na região da Vila Mariana, porém com regime de semi-internato, na região da Vila Mariana.

Escolas Públicas: Colégio Estadual Dr. Fabiano Lousano (misto)

Colégio Estadual Brasília Machado (misto)

Colégio Estadual Marechal Floriano (misto)

Escolas Particulares Leigas: Liceu Pasteur (misto)

Colégio Minerva (misto)

Liceu Benjamin Constant (misto)

Colégio Carlinda Ribeiro (misto)

Colégio Bandeirante (misto)

Colégio Anglo Latino (misto)

Escolas Confessionais Católicas: Colégio Maria Imaculada (feminino)

Colégio Madre Cabrini (feminino)

Nossa Senhora do Paraíso (feminino)

Outras escolas foram relacionadas em alguns questionários, mas não eram tão próximas da região em estudo. E havia também as escolas confessionais para meninos, como: Colégio Santo Agostinho, Arquidiocesano e outros.

Para a indagação da escolha do colégio, fica uma dúvida que não pôde ser respondida, a preferência dada à escola seria por motivos financeiros? O Colégio Cristo Rei oferecia um custo inferior na sua mensalidade? Acredito que não, porque as outras escolas particulares e confessionais eram regidas pelos mesmos padrões de custo e na época a moeda corrente no país era mais ou menos estável. Essa dúvida não pôde ser esclarecida devido à insuficiência de fontes e a possibilidade de uma investigação mais profunda foi inviabilizada pela secretaria da escola. Somente uma alternativa pode ser considerada, através de um relato sobre a questão. “Uma escola confessional existente nas proximidades oferecia um custo maior nas mensalidades, porém, possuía um regime de semi-internato”(Maria do Carmo). Essa informação tem por base a resposta de uma das mães.

Para a questão: O senhor ou senhora participava de atividades promovidas pela escola?

PAIS	PARTICIPAVA	NÃO PARTICIPAVA
TOTAL	2	6

As respostas foram: _ “Participava das reuniões de pais e festividades, como dia das mães e outras”. Duas mães responderam que participavam das oficinas de bordados e doces, e das atividades esportivas à noite, oferecidas pelas freiras. Como relatou uma das ex-alunas: “Minha mãe é a Olga, que trabalhava bastante na APM e nas festas. Ainda hoje ela frequenta o Colégio, acredita? Faz grupos de estudos com a madre Ana Maria e a madre Angélica” (Denise).

A Associação de Pais, à qual a aluna se refere, foi formada em 1963 para ajudar na reestruturação do colégio. E completa seu relato dizendo: “Minha mãe tem contato com o Cristo Rei até hoje. Frequenta reuniões de estudo com a madre Ana Maria, se encontra sempre com a madre Angélica e vai a todas as festinhas organizadas por elas” (Denise)

Existe uma contradição nas respostas, pois se somente dois apreciavam e participavam das festividades, os outros seis afirmaram não participar delas. Acompanhavam as reuniões escolares, quando se tratava da verificação do rendimento das filhas. Essa resposta envolveu uma atitude contraditória entre os familiares.

Muitos só frequentavam o ambiente escolar para direcionar a educação das meninas em casa e elevar os dotes femininos, quando fossem evidenciados. Isso ficou claro quando a pergunta era: “Como recordação dos tempos em que suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei, a senhora guardou:”

Dos oito pais entrevistados, setes deles ainda guardam, como recordação de suas meninas, boletins, medalhas, fotografias, uniformes, antigos cadernos e até poemas criados durante as aulas. Essa resposta indica, na ordem em que aparecem, maior ou menor significado dado a esses objetos. Apenas uma das mães respondeu “Nada”.

Essa postura diante o aproveitamento escolar ficou esclarecida a partir das recordações individuais. O rendimento escolar era premiado com medalhas. Medalhas com fitas diferenciadas na cor, como recorda uma das mães: “era verde e amarela para a primeira colocada, vermelha e branca, para a segunda colocada, nas avaliações bimestrais, e a média não deveria ser inferior a nota sete” (Maria do Carmo). Isso indica um ensino que privilegiava a competição entre as alunas. Percebe-se ainda, o interesse no rendimento escolar das filhas, ao guardar as medalhas e boletins.

As fotografias dizem respeito às solenidades de formatura, festas, teatros e excursões realizadas durante o curso freqüentado. Essa recordação pode ser encontrada no relato de duas alunas: “tenho um álbum inteiro de 1966, com todas as alunas do colégio na época e todos os professores”(Vera). Outra relata o mesmo interesse pelas fotografias: “Tenho um álbum de formatura do ginásio de 1968. Tenho também uma foto da minha classe de colegial em 1970 ou 71, num passeio organizado pela escola na Pfizer, onde meu pai trabalhava” (Denise).

Um outro relato que diz respeito aos guardados de importância para elas, diz o seguinte: “Não sei se era festa de encerramento ou alguma comemoração, sei que tenho slides dessa época [...] lembro que me vesti de baiana e também de velhinha... vocês estavam lá?” (Vera).

Esses objetos trazem a tona importantes detalhes sobre a educação feminina vivenciada no dia-a-dia das alunas do colégio, pois indicam algumas pistas das práticas escolares realizadas pelas missionárias: As festas, as comemorações, sempre com a participação das alunas, nas danças, nos teatros, nas competições esportivas, no coral, como também, as solenidades de formatura. Essa prática trazia a comunidade do bairro para dentro dos muros da escola.

E nessa direção a questão colocada a seguir, foi: “Quais eram as suas expectativas em relação à educação escolar de suas filhas?”

Entre as respostas dos pais encontrei duas alternativas muito freqüentes: a primeira, em geral feminina (mães), “que elas concluíssem o curso Normal para poderem se dedicar ao magistério, posto ser uma profissão e, naquela época, uma única profissão para a mulher compatível com o casamento e a criação dos filhos”. A segunda, masculina (pais), “Que independentemente de terem e exercerem uma profissão, fossem portadoras de uma formação intelectual, moral e religiosa bastante sólida”.

As respostas assim se apresentaram:

PAIS	FEMININO	MASCULINO
TOTAL	5	3

Em um dos questionários aparece a seguinte resposta: “Por ser um desejo da minha esposa”, juntamente com a opção da formação intelectual.

Isso confirma que as mulheres mães ainda não tinham muita liberdade na escolha da profissão. Desejavam conciliar a profissão, com o ideal feminino de criar filhos, sem deixá-los por muitas horas aos cuidados de outros e pretendiam dar a mesma opção para as filhas. A

conclusão se refere à visão materna, em relação às meninas do colégio. Como diz Rago (2001 p. 588):

Para muitos, nessa época o trabalho feminino fora do lar, levaria à desagregação da família. De que modo às mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria das nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? Tais observações levaram à delimitação de rígidos códigos de moralidade para mulheres de todas as classes sociais.

O trabalho feminino era visto como um empecilho aos padrões de educação e formação dos filhos, além de impedir a dedicação aos cuidados do lar. Essa postura determinava padrões rígidos de moralidade para as mulheres que ainda carregavam o compromisso da formação do caráter dos futuros cidadãos.

Um outro discurso influenciava as mulheres, era visto como outro “perigo” advindo do trabalho feminino, como explica Bassanezi (2001 p. 624): “era a perda da feminilidade e dos privilégios do sexo feminino _ respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens _ , praticamente fatais a partir do momento em que a mulher entrava no mundo competitivo, antes destinado aos homens”. Percebe-se nas entrelinhas as intenções das mães em direcionar as meninas para o magistério. Após os anos de 1967, essa tendência começa a se modificar, com a abertura do curso colegial, e, nessa época podem ser incluídos os pais que responderam dar importância à formação intelectual, independente da profissão que fossem exercer.

No trabalho realizado por Rosemberg, aparecem dados bastante esclarecedores sobre a procura dos cursos de 2º grau nesse período dos anos 60. Isso pode ser verificado a seguir:

Observamos que o padrão pouco tem se alterado. As mulheres freqüentam mais que os homens, cursos impregnados de conteúdos humanísticos e que desembocam imediata ou posteriormente (após o curso superior) para profissões tipicamente femininas: magistério (primário e secundário); enfermagem, artes, etc. Os rapazes seguem preferencialmente os cursos técnicos. (ROSEMBERG, 1982 p. 50).

Os cursos técnicos tinham preferências distintas para o masculino e o feminino. Mesmo com o objetivo do curso superior, a tendência feminina recaía na profissão do magistério, e continua explicando:

A especificidade do masculino e do feminino é principalmente percebida nos ramos técnico e normal. A escola normal continua absorver uma grande proporção de mulheres, refletindo atitudes e valores tradicionais, que consideram este programa apropriado à preparação de mulheres, tanto no plano doméstico quanto profissional. (p. 51).

Esses valores também eram reproduzidos nas meninas do Colégio Cristo Rei, posto que nas respostas encontradas a tendência das mães se encontra na direção de escolher um curso “feminino”.

Quando a questão foi religião, aparecem os católicos, praticantes ou não, na seguinte proporção: 5 pais são católicos praticantes, 2 são católicos não praticantes. Apenas uma das mães, se diz agnóstica.

A família-padrão, então, definiu-se da seguinte forma: o homem tinha a autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. À mulher cabiam os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos e com o marido.

Os pais com a afirmação da posse de automóvel, telefone, televisão e eletrodomésticos, sugeriram uma família de um poder aquisitivo razoável, para os padrões sociais da época.

Assim, os indícios confirmaram que a comunidade residente nas proximidades da escola era formada por famílias com um padrão econômico considerados de classe média e com valores tradicionais. Esse fato também pode ser constatado através das respostas à pergunta: “Quando em sua própria casa, esses estudos e lições eram realizados:” A proporção encontrada foi de 30% realizavam seus estudos na sala, 30% no escritório da casa, 20% na cozinha e 20% no seu quarto. Nessa alternativa pude identificar que as casas eram constituídas por vários cômodos, ou seja, casas espaçosas, o que indica um bom poder aquisitivo.

Essas evidências trouxeram à tona a história do bairro da Vila Mariana, que se constituiu a partir de descendentes de imigrantes ao se fixaram na região, e construíram uma comunidade próspera na zona urbana.

3.3 As mulheres dos anos 60

Com todos os elementos familiares definidos, foi necessário aprofundar-se um pouco mais nesse universo de costumes e hábitos embutidos na educação das meninas do Colégio Cristo Rei, para construir o objeto da pesquisa.

Atualmente, essas mulheres estão entre quarenta e cinco a cinquenta e cinco anos aproximadamente.

O universo pesquisado diz respeito a 30 mulheres ex-alunas do Colégio Cristo Rei. Entre elas estão incluídas as irmãs que estudaram na mesma escola. Os nomes que constam nos relatos só aparecem com a anuência das alunas, portanto nem todas serão nomeadas, mas

todas são significativas. O início da investigação deu-se através de questões sobre a formação familiar, conceitos esses, já definidos em muitos casos, na relação com a família-padrão. Portanto, outras perguntas podem ser exploradas.

As diferenças começaram a surgir e foram observadas entre as respostas dadas sobre os hábitos e costumes. A maior frequência já não incide nas opções sobre os trabalhos manuais. A pergunta indicada se refere às horas de lazer: “Nas horas e dias de folga, você [...]” Nas horas de folga costumavam ler romance, revistas jornais, ir ao cinema, teatro, ouvir rádio e assistir televisão, passeavam, iam ao clube, visitavam parentes e amigo.

No início dos anos sessenta, as revistas lidas pelas garotas e os filmes exibidos nos cinemas tinham sempre um vínculo com a moralidade ou os costumes a serem incutidos nas mentes juvenis. As revistas veiculadas eram para a família, sempre com registro da moralidade tradicional da época, e assim podem ser descritas:

As revistas registraram o ponto de vista mais tradicional da época: criticavam as liberdades do cinema; do rock'n roll, dos bailes de carnaval e das danças “que permitem que se abuse das moças inexperientes”. Reservavam elogios aos filmes que ressaltavam os bons costumes e seus personagens bem comportados, ao carnaval familiar, às praias “bem freqüentadas”, as festas escolares, nas casas de família e nos clubes seletivos e, especialmente, à juventude saudável que sabe se divertir – sem escandalizar – e a brotolândia que dá exemplo de amor aos estudos e a família (BASSANEZI, 2001, p. 621).

Essa conduta de controlar a mente das jovens através das leituras era uma prática constante no patriarcado, e, pelo menos até fins dos anos 50 e início dos anos 60, essa modalidade de controle insistia em permanecer nos costumes da sociedade brasileira. Muitas revistas tratavam de assuntos estritamente femininos induzindo-nos a uma avaliação própria de idéias sobre diferenças sexuais que ainda predominavam.²⁶ O *Jornal das Moças, Querida, Vida Doméstica, Você* e seções do *Cruzeiro*, foram indicadas como referência por Bassanezi (p. 609), que afirma: “traziam imagens femininas e masculinas, modelo de família-branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal”.

Alguns conservadores criticavam o cinema e as revistas que não incutissem os “bons costumes” e desenvolvessem o hábito de leituras de obras edificantes.

Entre essa nova geração, havia também a preocupação de desenvolver algumas habilidades como: estudar piano e aprender pintura e desenho.

²⁶ A visão dessas diferenças sexuais predominantes aparece de maneira irônica nas revistas dos anos 60. Encontram-se em várias matérias extraídas da Revista *Cruzeiro* de 1960.

“Diferente de suas mães, as meninas viviam num tempo de proximidade maior entre os pais e filhos e de crescente atenção aos gostos, opiniões e capacidades de consumo da juventude” (BASSANEZI, 2001, p. 621).

Essa proximidade entre pais e filhos pode ser constatada com respostas repetitivas; 80% da alunas, na questão das férias, responderam que eram sempre gozadas com a família em primeiro lugar, e depois, com parentes e amigos, na praia ou no campo.

Uma delas respondeu que costumava passar as férias no exterior com sua mãe e/ou com amigos. Porém, algumas transformações sociais começavam a dar indícios de mudanças, na juventude. Com a modernização e o crescimento da região da Vila Mariana, as transformações eram nítidas no cotidiano. Assim se refere Bassanezi (p. 621) ao descrever essa fase na vida urbana:

A urbanização, sem dúvida, modificou alguns padrões culturais. Distâncias maiores entre locais de moradia, trabalho, estudo e lazer; os trajetos percorridos nos ônibus; a populização do automóvel; as possibilidades de diversão diurnas e noturnas, como freqüentar piscinas e praias, ir ao cinema, a festas, bailes e brincadeiras dançantes, fazer footing e excursionar proporcionaram a rapazes e moças, a homens e mulheres, uma convivência mais próxima. Nas cidades, várias das atividades juvenis não se confundiam ou se misturavam mais com as dos adultos, e, em geral, os jovens já podiam passar grande parte de seu tempo com outros jovens.

Efetivamente havia uma vigilância menor dos adultos sobre os jovens, um pouco diferente das outras décadas.

A década de 1960 no Brasil foi de grande agitação, as crises políticas se sucederam, e a classe média urbana se engajava nos movimentos sociais. A cultura colocava na ordem do dia a definição de estratégia para a construção de uma “cultura popular e democrática”; a arte, a música, o cinema apresentavam um contexto de conscientização das classes populares.²⁷

As meninas no colégio já sentiam as diferenças sociais e traziam para dentro dos espaços escolares a música, a literatura e os costumes da nova cultura jovem que chegou ao final da década enfrentando duas questões: “A tentativa de manter uma produção cultural engajada nas transformações sociais, e a participação na indústria cultural, identificada como uma forma de cooptação utilizada pelo regime militar” (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 67).

Novos padrões femininos começaram a ganhar força tentando acabar com todas as disposições de superioridade de um sexo sobre o outro. Tratava-se de reconhecer uma mulher concreta, situada nas relações do dia-a-dia de uma sociedade moderna e fora dos padrões idealizados pela fantasia e pelos preconceitos dos homens. A partir do final da década de

²⁷ Essas informações foram registradas por Brandão e Duarte. (2004). *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Moderna.

1960, a mulher parte para uma luta realista e corajosa, discutindo principalmente o trabalho fora do lar. E, para isso, era preciso prepará-las para enfrentar o mercado de trabalho.²⁸

De que forma os pais de classe média faziam a escolha de uma escola apropriada para suas filhas, tendo todo esse o envolvimento cultural e religioso.

Novamente, vou buscar a resposta para as nossas perguntas iniciais. “Por que seus pais optaram por matriculá-la no Colégio Cristo Rei?”

E as respostas encontradas foram duas: Por ser uma escola próxima da minha residência e por ser uma escola que primava por um ensino de boa qualidade. Juntando as respostas dos pais e das alunas, encontrei a proporção que aparece abaixo.

ex-alunas	próxima	Boa qualidade
total	38	32

A educação com vistas a um futuro profissional, e, conseqüentemente, o investimento em uma carreira, determinou um aumento nos níveis de escolaridade feminina. Nessa questão, os entrevistados tinham liberdade para assinalar mais de uma alternativa.

Compilando todas elas, outras alternativas também podem ser consideradas: de ser uma escola católica, em 60% das respostas; por ser o desejo da filha, 20%; por ser só para meninas, 40%; por ser uma escola que primava pela disciplina, em 70%.

Para compreender o objetivo de qualidade do ensino para as alunas e oferecido pelas Missionárias, achei pertinente descrever algumas opiniões dadas, sobre as várias disciplinas oferecidas pela escola, nos cursos Normal e Colegial.

A pergunta era: “De quais disciplinas você mais gostava”:

As disciplinas de que mais gostavam, em 25 respostas, foram: Língua Portuguesa, História, Geografia, Desenho e Biologia. Dessas vinte e cinco alunas, oito delas explicam a sua tendência ao aprendizado da Língua Portuguesa: “por ser uma disciplina interessante e estar dividida em três partes: Gramática Literatura e Verbos” (Vera).

O gosto pelas leituras, veio das aulas de Literatura, pois era uma prática comum entre as alunas, do colégio Os livros indicados para essas meninas, eram: A moreninha (Joaquim Maria de Macedo), Dom Casmurro (Machado de Assis), O Cortiço (Aloísio de Azevedo), A Flor do Lácio (Poema de Olavo Bilac), Kafka autor do livro “A metamorfose”, O crime do Padre Amaro (Eça de Queiroz) e outros, conforme as lembranças dessas ex-alunas.

²⁸ A apropriação desses conceitos deu-se através das leituras de Louro (2001). Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.

Acredito que seria interessante registrar algumas opiniões sobre as leituras realizadas durante as aulas: “Uma infinidade de Machado de Assis, José de Alencar (os clássicos da Literatura Brasileira)” (Raquel).

Uma outra responde da seguinte forma: “Lembro dos livros de Literatura: livros de Monteiro Lobato _ da série do sítio do Pica-pau Amarelo, Senhora, Dom Casmurro, O Cortiço [...]”. (Celina).

Ou então: “Meu pé de Laranja Lima, Rosinha minha canoa, etc.” (Heda Maria), mas outra aluna, comenta sobre o assunto: “Memórias Póstumas de Braz Cubas (quantos personagens...) Olhai os Lírios do Campo [...] demais” (Guiomar).

Todos esses livros ainda hoje, estão disponíveis na Biblioteca do Colégio, confirmando a existência das obras oferecida às adolescentes.

Durante as aulas da Língua Portuguesa, as alunas eram incentivadas a escrever narrativas, crônicas e, além de escrever poesias, também recitá-las como ainda se lembra uma das ex-alunas: “Tive aula com a dona Mussolina. Lembra-se da oração antes de iniciar a aula e a famigerada chamada oral? _ Lembra quando tínhamos que recitar?” (Denise).

Essa prática de escrever em versos gerou a criação de um livro de poemas escrito pelas próprias alunas e organizado em 1966. Encontra-se na Biblioteca da escola com o título de “NÓS”. Alguns desses poemas podem mostrar como eram vivenciadas essas aulas.

Na folha de rosto está a apresentação do trabalho realizado: “No Colégio Cristo Rei” a poesia da mocidade vive a eterna mocidade da poesia”. P.Bomfim. Junho de 1966.

Logo na primeira folha encontra-se um acróstico com o nome da organizadora do livreto. A escrita aparece na forma datilografada, como apresentamos a seguir:

Vera L úcia

Borg E s

Fran C o

Maria C L ara Minozo

Vera Lúci a Lobo

Sonia M.P. G utierrez

Ana Maria Sar A iva Rolim

Claric E Fernandes

Teresa Cri S tina Prieto

Faus A. C da Fonseca

Yara Maria R odrigues Lopes

Maria Silv I a P. Castro

Sandra Beni T es dos Santos
 Selma de M O rais
 Silvia Ma R ia Barreto
 Marist E la Marona
 Maria Cri S tina V. Leite

Maria C ristina M. de Andrade
 Norma O linda G. Boacin
 Neire Mari N a Elias
 Maria Elizabe T h Marks Biel
 Maria elizab E te A. Fusco
 Rosa Maria M aia Queirós
 Marcia P ciello
 Juçara de O Macedo
 Amber Na R a B. Fatti
 Maria D A lva Gil Kinso
 Maria Crist N a de Morais
 Arlet E Hassum
 Maria Lúcia R O ssi
 Ana Maria S araiva Rolim

Em seguida aparecem as poesias com temas, como: felicidade, vida, carrossel, amores, caminho e outros. Alguns exemplos poderiam ser registrados, mas escolhi apenas um que pode revelar a influência da religiosidade, na forma de escrever e na postura, frente aos valores apreendidos, pelas adolescentes.

A vida

O que é a vida?

Uma estrada perigosa

Cheia de espinhos e rosas,

De amarguras e tristezas...

O que é a vida/

É aquela dor sincera,

De um coração apaixonado,

Que vibra a cada instante...

O que é a vida?

É a dor sublime

Que fez Cristo morrer...

É um mar de trevas

Que somente faz sofrer...

A vida ... por que a vida?

Por que ofender a este alguém?

Que no mundo mais nos ama?

Sim...verdadeiramente

Deus nos ama...

E aqui nesta vida

Sofrendo ou alegrando

Nós lhe queremos dar

O que é mais puro e belo

Nós temos dentro de nós.

Todo nosso afeto

Todo nosso carinho,

Todo nosso amor,

Toda nossa vida...

O que é a vida?

É um dom que recebemos

E que um dia devolveremos

Ao pai com imenso amor!

Maria Elizabeth Fusco

Esse tipo de versos era comum entre as meninas, e, com eles pude encontrar hábitos que foram determinados por essas práticas escolares.

O gosto pela literatura e escrita foi incentivado com muita força entre as meninas, e com o desejo de registrar essas memórias, as meninas escreviam cadernos de recordações, livrinhos, diários etc, como encontrei em uma entrevista:

Estou tentando encontrar um livrinho (diário de recordações) que se usava muito na época e lá tenho certeza que vou encontrar o nome de algumas garotas que

estudaram comigo, porque de cabeça confesso que está difícil...afinal, isso foi há quase 30 anos atrás... mas, são boas lembranças[...] (Amélia)

Os livrecos de recordações eram uma presença constante, em todos os anos do Ginásio, do Colegial e do Curso Normal. Era uma forma de guardar as amizades e revê-las, em outras ocasiões.

As aulas de História eram as mais cotadas. Todas as alunas gostavam da disciplina. E isso foi muito comentado por elas: “Dona Adayl tinha ótima didática, a classe participava em suas aulas, acho que ela nos passava curiosidade. Queríamos aprender, saber sobre a Idade Média, Pré-história, etc” (Maria Inez).

Outra aluna, diz: “Talvez por gostar de viajar... (no tempo também)”.

A pergunta merece um pouco mais profundidade e a sua complementação, assim foi formulada: “porque gostava dessas disciplinas?” E uma delas, respondeu: “Porque, além de serem assuntos fascinantes, eu adorava os professores dessas matérias” (Mary)

As disciplinas que tinham a preferência das alunas estavam relacionadas ao desempenho do professor como nas seguintes, respostas: “Acho que porque gostava das professoras e porque eram matérias que eu tinha mais facilidade”. (Regina) _ ou como esta, escreveu: “Português, talvez pela influência da professora” (Guiomar) _ e, também: “Porque além de serem assuntos que eu achava fascinante, eu adorava os professores dessas matérias”. (Mary).

Sobre a questão: Que conteúdos eram abordados nessas disciplinas? 35% das alunas responderam que não recordavam. Porém muitas descreveram os conteúdos da seguinte forma: “Difícil lembrar com detalhes, principalmente no Primário e Ginásio, mas acho que os conteúdos básicos. Do Colegial eu me lembro muito de Literatura Brasileira e de Genética”. (Celina) e outra: “Não me lembro bem, porém recordo, no primário, das aulas de redação, das aulas de descrição de gravuras. No 4º ano, a madre Bom Conselho ensinava a gente a declamar poemas” (Regina)

Encontrei vários assuntos que eram abordados, sempre ligados aos fatos que marcaram a trajetória da vida escolar e as preferências pessoais, como esta: “Me lembro bem de como aprendi a contar os séculos _ Dona Adayl foi inesquecível”.

As alunas que gostavam de Geografia, por exemplo, valorizavam as aulas, com a abordagem dos seguintes conteúdos: ”Faz tanto tempo..., rios, afluentes, relevos” (Vera). E como eram abordados esses conteúdos? Foi a pergunta seguinte. E a aluna respondeu: “Textos; leituras através de Atlas, Gráficos, etc” (Heda).

Dentre elas, há uma aluna, que assinalou os conteúdos com mais detalhes, descrevendo-os:

Em _ História: Descobrimento do Brasil; Primeira missa rezada aqui; Capitânicas hereditárias; Inconfidência mineira e assim por diante.

Em _ Geografia: Estados Brasileiros, e suas capitais; Rios, afluentes e sub afluentes; Solo; oceanos...

Em _ Biologia: Cruzamentos genéticos; DNA e RNA; A formação do sr humano dentro do útero, entre outros.

Em – Geometria: triângulos; quadrados; ângulos, etc. (Mary).

Somente os conteúdos lembrados não diziam muita coisa, portanto outras evidências foram de grande importância nessa construção do cotidiano escolar. Continuando a procurar nas entrelinhas, pude perceber que quando as mulheres respondiam “Não lembro!”, sugeriam um significado de: “não tinha interesse”. O conteúdo não lhes era interessante, as aulas eram expositivas e o que lhes ficou na recordação foram alguns professores e seus métodos.

Em 50% dos relatos, pude supor que essas mulheres usavam de algumas estratégias, para compor uma resposta adequada, mas não a verdadeira, como essa: “As aulas eram mais expositivas e o que era interessante era a forma com que as professoras passavam para os alunos os seus saberes”. (Maria Inez). Um outro exemplo parecido diz: “A aula de Desenho era prática, a de História somente teórica” (Vera).

Esses indícios indicavam uma abrangência maior e foram caminhando na direção da outra pergunta: “Como esses conteúdos eram trabalhados pelo professor?” _ Nesse caso, a resposta mais comum, foi: “Geralmente aulas expositivas”. _ “Aulas expositivas, seguidas de exercícios individuais”. _ “Boas aulas, exercícios feitos em classe e em casa sobre o que era ensinado”. _ “As aulas eram expositivas”. Uma repetição constante, sem deixar dúvidas de como eram abordados os diversos temas nas aulas.

Duas alunas tentaram explicar essa sistemática, com mais detalhes. Como pude verificar, nessas descrições:

As aulas de Desenho eram em sala própria, com várias atividades relacionadas a criatividade e redimensionamento de imagens. Além da confecção de presentinhos. Não era muito trabalhada, mas como adorava desenhar, qualquer coisa estava bom. As aulas de História eram através de livros (Vera).

Existe nessa informação o detalhe de uma sala própria para disciplinas com conteúdos práticos e se diferenciavam das aulas expositivas. Porém, em alguns casos, essas mulheres tendiam para uma visão envolvida nos conceitos pessoais que faziam dos professores, e não ao conteúdo disciplinar. Como nesse exemplo, a seguir:

Penso que quando uma pessoa sabe bem o que está falando, usa apenas sua sabedoria, sua didática para transmitir aos alunos. Todos os professores (as) agiam assim. Eu adorava o colégio, as colegas, as professoras e as mães (Maria Inez).

Novamente, percebe-se o envolvimento com a pessoa do docente e não com a disciplina propriamente.

As disciplinas de que as alunas não gostavam, em geral, eram na área de exatas. A Matemática, a Física e a Química. Esse desagravo devia-se (no dizer das alunas) aos conteúdos racionais demais, não gostavam dos professores, as aulas eram expositivas, com uma infinidade de exercícios repetitivos. E o não gostar da disciplina Matemática levou 20% das alunas ao reforço, com aulas particulares, principalmente quando o assunto tratado era Trigonometria, como foi lembrado.

Nesta área de exatas surgiram casos de transferência da matrícula para outra escola, devido a grandes dificuldades encontradas em Química e Física.

_Física eu achava muito interessante à parte teórica, mas a prática era um terror, eu simplesmente não gostava, por não gostar.

_Em Química eu ia bem até que entrou um professor chamado Luiz, pessoa que detestei desde o início, aí a matéria não entrou mais na minha cabeça. Eu estudava no CCR desde o jardim, acabei saindo no 2º Colegial por causa desse professor (Mary).

A aluna demonstra o seu desinteresse pelas disciplinas consideradas “racionais” demais. Esse fato vem reafirmar uma tendência feminina, posto que os cursos onde se encontrava a maior concentração desses conteúdos eram procurados pelos homens. Como citei anteriormente, “a especificidade do masculino e do feminino é principalmente percebida nos ramos técnico e normal” (ROSEMBERG, 1982, p.51).

Entre os questionários respondidos, apenas seis alunas não gostavam das aulas de trabalhos manuais e Língua estrangeira. No início da década de sessenta, ainda se estudava Francês, além, do Latim e Inglês. Ocorreram algumas sugestões da não aceitação de estudar OSBP (Organização Social dos Problemas Brasileiros).

O fato de não gostar do conteúdo abordado vinha sempre acompanhado de uma explicação. Isso foi constatado ao verificar alguns relatos, como diz essa aluna:

Matemática por não ter facilidade (mas gostava do professor Furlim), Inglês não gostava dos professores. Francês achava difícil (mas gostava da Dona Cândida). Latim achava difícil e Problemas Brasileiros parecia algo distante da realidade (Raquel).

Problemas Brasileiros parecia algo distante da realidade, mas os problemas tratados não diziam respeito aos brasileiros? Talvez não. Na ausência dessa informação, posso supor que, nesses anos de regime ditatorial, os problemas políticos brasileiros permaneciam fora dos muros escolares. A aluna afirma não se lembrar dos temas abordados em aula.

Algumas alunas parecem mais inclinadas a dar informações detalhadas sobre outras aulas, temas abordados por elas que não esses, em disciplinas de que não gostavam. Assim, observa-se nessa resposta:

Porque sou péssima para as Artes. Não eram as aulas, que eram chatas, eu é que não gostava de bordar, pintar etc. Quando era desenho geométrico eu ia bem, pois era só estudar, mas desenhar vasos, cadeiras, mesas, perspectivas eu achava chato! (Maria)

Nessa questão, existe a ausência de explicações como já foi dito, numa proporção de 50%, sobretudo na abordagem de “como” esses conteúdos eram trabalhados. As personagens em questão preferiram não responder. Em 30% das respostas encontrei: “Como todas as outras matérias”.

A questão mais polêmica e que gerou muitas contradições foi “Quem eram os responsáveis pelas aulas de religião?”

Cruzando as informações recebidas, verifiquei que de acordo com a idade e o nível do ensino, as responsáveis pelas aulas de religião, se intercalavam. Por exemplo, nas classes iniciais as mães ensinavam religião e preparavam para a primeira comunhão. Nas classes do Colegial, havia uma professora encarregada de ministrar essas aulas.

Ao investigar, o conteúdo ensinado nas aulas, surgiram várias contradições. Ora fala-se em biografias de pessoas importante, ora se descreve uma aula com valores morais como “amor ao próximo e amar a Deus sobre todas as coisas” (Guiomar).

Não podemos esquecer que as congregações religiosas viviam uma situação efervescente e crítica, a Igreja promovia mais formas de atuação social. No ano de 1962, o Concílio Vaticano II trocou as vestimentas religiosas e as freiras passaram a separar sua residência do local de trabalho.²⁹

As alterações sofridas pela vida religiosa foram direcionadas para objetivos de aproximação mais intensa com a comunidade. Talvez esse fato tenha influenciado muito nas aulas, que foram avaliadas pelas alunas, nesse período. Também elas, as freiras, passavam por uma época de muitas contradições.

²⁹ Essa informação foi retirada do livro de Maria José Rosado Nunes. (2001). Freiras no Brasil. São Paulo: Unesp

Entre trinta ex-alunas investigadas, o resultado indica que:

Observa-se que 20 alunas afirmaram ser católicas e a maioria respondeu que pertencem a famílias, com pai e mãe católicos, praticantes ou não. Este fato indica que estudar em escola confessional católica era um fato natural. Como se recorda uma delas: “Eu entrei no Cristo Rei em 59! Saí em 70! Era uma escola pequena, com uma linda capelinha na frente”.(Denise). Das recordações mais significantes, a aluna destaca em primeiro plano a capela que freqüentava diariamente. Assim as memórias iam sendo escritas “Estudei lá nesse período, e foi uma época muito feliz. Também me lembro da capelinha, e daquela entrada no térreo para as salas de aula, no prédio velho” (Lilian).

A avaliação que faziam das aulas de religião é bastante contraditória: algumas vezes caminham na direção de uma opção religiosa, outras vezes, aparecem como uma crítica, a mesma, no entanto, proporcionalmente, são repetições de valores morais. As aulas de religião eram freqüentadas entre uma ou duas vezes por semana, e os temas estudados sempre estavam permeados pelos bons costumes, moral, etc. como é descrito a seguir:

Penso que a idéia era desenvolver os valores religiosos mesmo, mas muito mais voltados à conduta. De modo geral os valores da Igreja católica: honestidade, sinceridade, paciência, caridade, generosidade, fidelidade etc (Regina).

Essa avaliação revela que, as aulas de religião eram repetitivas na maioria das vezes, com muitas perguntas e sem respostas satisfatórias às suas dúvidas:

Eram aulas bitoladas, as mães não respondiam às perguntas que eu fazia. Ex: Lembro de ter perguntado na aula: “Se Deus é onipotente, porque tantas pessoas com defeitos físicos e tanta fome e pobreza?”. Resposta: “Deus assim o quer”, para uma criança isso não respondia satisfatoriamente (Vera).

Ou como respondeu essa aluna: “Eu nunca gostei. Lembro que ficava jogando Batalha Naval junto com uma amiga. Mas que isso fique entre nós” (Mary).

Apesar de analisarem as aulas de religião como pouco motivadoras, a maioria delas, ainda permanece católica. Essa questão indicou uma abordagem mais ampla sobre os costumes e valores que foram incorporados e, como resultado, muitas respostas afirmam que: “são valores religiosos e formação para viver em comunidade”. Ou então com valores assim definidos: “Ser bom e temer a Deus; ser católico e contribuir com dinheiro quando a escola pedia; ser bom naquela época era obedecer ao pai e à mãe e ser boa menina” (Vera).

Quando a pergunta aborda a incorporação dos valores em sua vida, a aluna continua em sua reflexão dizendo:

Talvez o exercício de viver em comunidade por algumas horas do meu dia, ter que ouvir coisas agradáveis e desagradáveis sem desestabilizar, dar e receber amizade e companheirismo (Vera).

Mesmo não concordando com todos os procedimentos das missionárias, as alunas reproduziam os costumes apreendidos no meio escolar, como se a escola fosse uma parte de suas casas, chegando em algumas ocasiões a relatar essa comunhão. Percebe-se a seguir, essa postura, na fala da aluna:

Penso que o Colégio passava para nós, alunas os mesmos valores que nossos pais, por isso não há um hábito ou costume atribuído somente ao colégio. Eram complementares da educação de nossos pais (Maria Inez).

Para compreender os hábitos e costumes, se houve uma incorporação efetiva por essas mulheres, encontrei indícios possíveis para afirmar esse fato. Nesta resposta, por exemplo, há um indício dessa vivência, como diz a aluna:

Acredito que as freiras reforçavam tudo o que já aprendia em casa, mas, por exemplo: caminhar sem arrastar os pés ou fazer barulho; abrir e fechar portas sem barulho; deixar o ambiente (banheiro, cozinha, sala) que acabei de usar, como se não tivesse sido usado por ninguém. Até hoje não saio da sala de aula sem apagar o quadro, e ajeitar a mesa do professor (Raquel).

Enfim, parece que as recordações não falam das aulas e sim das ações entre elas quando falam, “não das aulas, mas me lembro que quando estávamos nas aulas de religião, e

se alguém batia a porta; na mesma hora, a classe toda se levantava. Que bárbaro! Visitas na capela! Que paz!” (Guiomar).

As diferenças surgiram quando relatam sobre as freiras e professoras que ensinavam esses valores morais e a boa convivência entre as meninas.

O primeiro professor é tudo de ruim e de bom na vida da gente [...], pois, não esquecemos. Eu tenho boas lembranças da minha primeira professora que foi a Madre Trindade, gostava muito dela, em compensação minha irmã Lílian tem péssimas recordações de seu primeiro ano primário quando estudou com D.Ivone (Lilian).

Novamente observa-se a importância do professor e não dos temas abordados. Uma aluna diz “Com certeza minha opção pelo catolicismo se fez por influência destas aulas, e da convivência na escola”. (Regina). No entanto outra respondeu: “Nunca tiveram importância na minha vida. A religião, naquela época, impunha muitas coisas com as quais nunca concordei” (Mary).

Outros valores poderiam ser pesquisados através da questão: “Que valores, hábitos e costumes, cuja incorporação você atribui fundamentalmente à educação recebida no Colégio Cristo Rei?”

Em 80% das respostas as alunas referem-se ao ensino de boa qualidade oferecido pelo colégio, como se observa, nesse relato:

Meu interesse de aprender e aprender sempre, eu devo aos professores do CCR. Passei isso para minhas filhas, o amor pelos livros e pelo estudo. Hoje tenho uma filha de 17 anos fazendo Arquitetura, e outra em escola particular. Minha paixão pelos estudos eu devo ao Cristo Rei; um colégio que primava pela ordem e disciplina sem perder a camaradagem. Gostar da escola e dos professores, eu acho que é o primeiro passo para se gostar de estudar (Mary).

No entanto, os outros 20% das respostas dizem respeito aos valores comportamentais, como diz esta aluna:

Minha família sempre foi muito zelosa quanto à forma de tratarmos as pessoas. Maus pais eram liberais, mas não permitiam que fôssemos grosseiros ou rudes com as pessoas. Devíamos tratar todos com a máxima gentileza. Porém, penso que o colégio me inculcou hábitos de disciplina, quanto aos horários, tarefas e obrigações que devo realizar (Célia).

A aluna relata que os pais não permitiam grosserias com as pessoas. De que pessoas ela está falando? Dos níveis mais simples com as quais conviviam no cotidiano, ou qualquer pessoa? Pude supor que as diferenças entre classes sociais foram postas em questão.

As análises através de relatos individuais revelaram fatos e comportamentos reproduzidos por um sistema educacional voltado somente para mulheres, mas também podem traduzir a relação entre as famílias e a instituição escolar. E para responder à hipótese inicial da razão de matricular suas filhas no Colégio Cristo Rei, uma abordagem se fez necessária.

Para os pais de gerações passadas, a decisão de escolher a melhor escola para sua filha era posto com menor intensidade, porque havia uma homogeneidade na rede escolar, principalmente, na rede de escolas confessionais. Entretanto, na verificação de que as famílias do bairro pertenciam a um meio social de classe média tradicional, pude supor que eram equipadas de condições necessárias à “boa” escolha do estabelecimento escolar para suas meninas. Como diz Nogueira (1998, p. 48), em sua pesquisa:

O que a pesquisa revelou é que o comportamento de escolha varia significativamente quando se passa de um grupo social para outro. A procura ativa pelo “melhor” estabelecimento é própria dos favorecidos, cultural ou economicamente, ainda que com diferenças internas segundo as categorias profissionais.

Essa característica de procurar uma escola de boa qualidade teve algum significado entre as respostas dadas pelas alunas. Nesse processo avanço na direção de que os pais/mães eram habilitados para fazer com eficiência esta escolha, e, para realizar essa crítica, a autora tem seu princípio teórico nos conceitos bourdieusianos, quando diz:

a escolha do estabelecimento e a competição por eles é uma instância dentro do “campo” educacional, onde vantagens sociais, ou seja os diferentes tipos de capital (cultural, social, econômico e simbólico) são utilizados pelos indivíduos como estratégias de distinção/classificação social”. (p.43).

Nesse sentido, a opção da escolha da escola “é pensada como uma dimensão de luta de classes simbólica (e invisível) pela apropriação dos bens culturais”.³⁰ Ao aproximar essa conduta às respostas das ex-alunas do colégio, volto a hipótese de que a escolha do estabelecimento (Colégio Cristo Rei) era por suas características educativas (ensino religioso, disciplina, clientela) e/ou pedagógicas; essa escolha se deu pela qualidade do ensino, dos equipamentos e resultados escolares.

Se for verdadeiro que esses recursos culturais converteram-se em capital cultural, e essa herança foi transmitida, a próxima pergunta seguinte seria a comprovação da anterior.

³⁰ As referências feitas foram retiradas do artigo de Nogueira, M A. (1998). A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias. Revista Brasileira de Educação, Nº 7. Jan/ Fev/ Mar/ Abr.

“Se você tivesse uma filha na idade escolar, você a matricularia em uma escola que apresentasse, hoje, as mesmas características apresentadas pelo Cristo Rei nos anos em que você lá estudou? Por quê?” Nesse caso, ocorreu uma diversidade de respostas; 80% das alunas responderam que sim e descrevem os motivos. Entretanto outras respostas indicam que houve um movimento no sentido de encontrar outras alternativas educacionais. Como a explicação a seguir:

Não. Porque acredito que os tempos atuais pedem outra formação, mais holística por um lado e mais universal por outro. Não colocaria em um colégio religioso, creio que os valores da cidadania podem ser perfeitamente trabalhados em uma escola laica, e nela minha filha teria oportunidade de conviver com uma maior diversidade religiosa, aprendendo conhecer e respeitar todas as religiões. Também quanto à forma de ensino, a que tivemos na época (baseada em aulas expositivas, e disciplina...) já superada. E também não a colocaria, de maneira nenhuma em uma escola só para meninas (Celina).

Contraopondo-se a primeira resposta, outra opinião deve ser registrada:

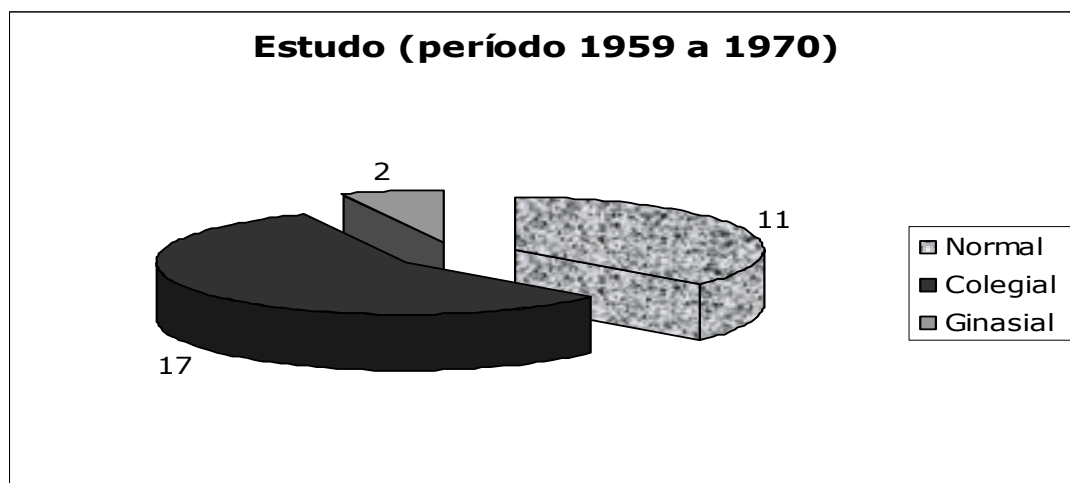
Fiz Admissão ao ginásio no prédio velho, que não existe mais. Terminei o Ginásio e trabalhei no colégio 25 anos e depois fui mandada embora. Eu me identificava muito com a madre Augusta, pois eu tocava violão e dançava balé nas festas. Minhas irmãs também estudaram lá. Tenho três filhos que também estudaram no colégio (Maria).

A aluna não só estudou, como escolheu o estabelecimento escolar para seus filhos. Outra opinião de uma ex-aluna pode ser registrada. Assim se refere à questão proposta:

Sem dúvida minhas filhas teriam estudado lá se eu não morasse no Jardim América, fica meio longe. Teria sido muito bom, porque eu poderia rever o colégio, matar as saudades e ainda ter certeza de que minhas filhas teriam um ensino de 1º qualidade. (Mary).

Muitas recordam como um período de grande importância em suas vidas, porque encontrava (as alunas) na escola um ensino não só religioso e de formação, mas também reconheciam a boa qualidade dele, o que viabilizaria cursar o ensino superior.

Entre as respostas dadas, a primeira apresentou argumentos objetivos para essa opção. As demais se detiveram em aspectos subjetivos, “eu me identificava com as madres”, “matar as saudades”. Parece que o fato de estudarem nesta escola, neste período (1959 a 1970), fez com que não tivessem escolhas. Como mostra o gráfico:



Muitas recordam como um período de grande importância em suas vidas, porque encontrava (as alunas) na escola um ensino não só religioso e de formação, mas também reconheciam a boa qualidade dele, o que viabilizaria cursar o ensino superior.

Essa possibilidade foi constatada pela quantidade de alunas que cursaram o Colegial nesse período:

Das 30 alunas, 21 recordaram os anos que passaram ali estudando e descreveram as atividades realizadas, além das dificuldades no desenvolvimento de alguns conteúdos disciplinares.

Com a realização do curso Colegial a principal expectativa era continuar os estudos, cursar e concluir o ensino superior, para poder ter uma profissão e ser economicamente independente, de acordo com as respostas e relatos dados por elas.

O Curso Normal também era muito procurado e via de regra, tinha em vista uma futura profissão para as meninas. Considerado o mais próximo da função de mãe, o magistério era o curso mais indicado para moças. “Dizia-se ainda que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, o que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas”no outro período” (LOURO, 2001, p. 453).

As normalistas encontradas foram 11 alunas, que estudaram no Colégio entre os anos de 1959 e 1970 e três delas continuaram trabalhando na escola por alguns anos. As outras 04 entrevistadas apenas realizaram o Ginásio e quando saíram foram estudar em escolas situadas no bairro da Vila Mariana.

Como foi visto anteriormente, o “Curso Primário de Aplicação” estava intimamente ligado às normalistas, que se preparavam para a futura profissão de professoras, realizando os estágios nas classes iniciais. Uma outra preocupação das irmãs era desenvolver um ensino de qualidade para as futuras mestras, antigo objetivo das beatas, o qual aqui foi posto em evidência. A antiga paixão e a filosofia de Santo Agostinho permaneciam nos ideais das missionárias, agora, na década de 1960 mesmo com a nova estrutura da escola. Esse fato se confirmou quando verifiquei que as alunas permaneciam como professoras, trabalhando no Colégio. Uma prática que se repetiu durante toda a trajetória dessa congregação de religiosas agostinianas.

Entre os anos de 1967 a 1970, este quadro sofre algumas alterações: as moças começaram fazer as suas próprias escolhas e muitas preferiram cursar o colegial, uma opção do colégio a partir de 1967.

Essa resposta foi reafirmada quando se verificou o número de alunas que realmente cursaram nível superior após o Colegial. Entre 18 alunas os cursos que estão listados foram: Direito, Medicina, Terapia Ocupacional com Doutorado, Pedagogia, História, Artes Plásticas e outros.

No final da década de sessenta, a procura pelo curso secundário pelas mulheres, aumentou de forma expressiva. No estudo elaborado por Rosemberg, aparecem números que sugerem esses dados. Diz ela que em 1960 havia uma taxa de participação feminina no curso

secundário de 49,7. No entanto, em 1972 a taxa foi de 51, 8, e avalia essa participação da seguinte forma: “Com base neste tipo de observação, tem-se estabelecido escalas de feminização das opções de carreiras de acordo, com a participação de mulheres no contingente de candidatos.” (ROSEMBERG, 1982, p. 53). Esses candidatos ao exame vestibular eram mulheres.

A sistemática participação feminina (no ensino secundário) criou uma tipologia de preferências educacionais, continua a autora. Esse comportamento em relação às escolhas das mulheres recaía nas tradicionais profissões, pois o padrão de escolha diferenciava carreiras “masculinas” e as “femininas”. “Assim é que as candidatas às carreiras preferencialmente femininas anteriormente citadas (Magistério e Área da Saúde) apresentam um currículo escolar de 2º Grau bastante particular, devido à concentração relativamente alta de ex-normalistas” (p. 54). Não deixa de ser verdadeiro, pois muitas alunas foram à procura de curso secundários, e, também que, na maioria delas, a tendência foi para o magistério.

Prosseguindo com as suas conclusões a autora chega a determinados fatos: constata a desvalorização horizontal dos diplomas de nível superior e a dicotomização masculino-feminino, que correspondem às carreiras mais privilegiadas ou menos privilegiadas. À medida que as mulheres preenchem os espaços e são incorporadas as forças de trabalho, há uma desvalorização do magistério.

Na maioria das alunas dessa geração encontrei profissões envolvidas com a Educação. Fica aqui uma pergunta: A educação do colégio levou as mulheres para esses rumos? Pois tradicionalmente o objetivo a ser alcançado sempre foi o magistério? Ou, nesse período, os objetivos da educação feminina indicavam o caminho a ser seguido como uma consciência social.

Outras implicações podem ser discutidas e confirmadas, entre elas a discussão que se faz necessária à pergunta: O que era ser católica para essas meninas?

Como conclusão existe o fato de ser católica, estudar num colégio católico ou parecer católico era uma evolução nos padrões sociais, entre as famílias do bairro. Colocar uma filha estudando no Colégio Cristo Rei significava pertencer à classe privilegiada. Como última reflexão devo analisar a questão “por ser uma escola que primava pela disciplina”.

E para analisar esse cotidiano escolar, os sentidos precisam estar afiados, para que todos possam ser capazes “de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção da organização e no fazer escolar”.(LOURO, 1997, p. 59).

Ao olhar esse cotidiano deve-se voltar para a produção dos sujeitos, num tempo continuado e sutil, nos decretos e leis que se instalavam nas normas disciplinares que regiam as instituições para a educação feminina.

Aqui posso lembrar as memórias espontâneas que surgiram nos relatos dessa alunas, as quais em geral, estavam relacionadas a fatos disciplinares. Como esse:

Lembra-se da madre neurastênica que vendia uniforme? Não lembro o nome, mas brigava com as meninas que balançavam tão alto, por cima do muro da capela, onde se via a casa das freiras. (Patrícia)

Sempre havia a curiosidade por parte das meninas, no que se referia aos costumes religiosos, e muitas vezes ultrapassavam os limites impostos pelas regras. Buscando na memória ela se lembrou, que:

Lembrei-me até do dia que sorrateiras fomos escadaria acima até a clausura, tamanha curiosidade. Coração batendo forte, medo de sermos pegas. Depois, declamei, toquei violão em algumas festas do Dias das Mães. E brinquei muito no Rodopia, pia, pia [...] (Vera).

As regras não podiam ser quebradas. O uniforme era obrigatório, mesmo no Curso Normal e deveria ser diferenciado dos outros cursos. Havia também um uniforme de gala usado nas comemorações. A aluna lembrou-se e fez com o seguinte comentário:

Sou da época em que desfilávamos na festa da ginástica, e que havia um uniforme de gala! Sou da época em que o uniforme do primário e do ginásio era diferente do das meninas do curso Normal, dá para acreditar? E só estudavam meninas. Meninos? Só da esquina em diante! (Maria)

Nesses comentários observa-se que as alunas faziam resistência às normas estabelecidas. O “poder disciplinar” o qual se constitui através de práticas cotidianas e de técnicas minuciosas, pode levar os sujeitos à resistência. Como diz Louro(1997, p.41): “é um conjunto de disposições e práticas que foram historicamente criadas e acionadas para controlar homens e mulheres”.

E os colégios confessionais e principalmente as escolas femininas primavam pela disciplina e a boa qualidade de ensino. As regras disciplinares reproduziam regras, normas, decretos, leis institucionalizadas pelos militares, do período. Também é bom lembrar que a Igreja primava pela observância de seus cânones, regras, enfim, pela sua disciplina. Com a sociedade da época, ainda trazia algumas tradições de uma sociedade patriarcal, exigia uma obediência das mulheres. E nada melhor que um colégio católico.

Nesse processo de criar a história pude compreender que o Colégio Cristo Rei foi se constituindo entre a tensão do novo e do velho, sempre presentes no cotidiano escolar e foi se constituindo num jogo de forças, onde há uma interação entre o público e o privado e produzindo uma cultura que lhe é peculiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado do processo educativo de mulheres, oriundas das famílias tradicionais, na década de sessenta, em meados do século XX, através da análise da visão feminina dessa educação, objetivou conseguir o maior número de elementos que permitissem evidenciar uma face da educação feminina, numa região específica de São Paulo, o bairro da Vila Mariana, caracterizado pelas famílias de classe média tradicional.

Esse estudo foi realizado a partir de uma instituição de nível médio, de origem confessional católica, que pela sua origem e características da Congregação, embora tendo mantido traços semelhantes com as demais instituições católicas desse período, possuía aspectos que lhe atribuíram marcas distintas.

A intenção ao longo desse trabalho foi de contribuir para o resgate da historiografia educacional do período, por meio de uma abordagem centrada na visão feminina da educação, dentro de uma instituição escolar, onde participa como agente e meio produtor de cultura, através de alunas, professoras, de gestores e comunidade envolvida.

O Colégio Cristo Rei se instituiu a partir do projeto idealizado para atender meninas humildes na cidade de Barcelona, e que segundo, os dados coletados nos documentos da congregação, era um projeto assistencial. As Beatas de Barcelona eram educadoras espanholas, que tinham uma missão educativa voltada para meninas e jovens com o intuito de prepara-las para o magistério. Esse episódio se constituiu no primeiro capítulo.

Entretanto ao longo dos anos esse processo passa por movimentos de formação de missões em possessões espanholas nas Filipinas; posteriormente em outras regiões da Espanha e outros países. Em 1921 a congregação migra para o Brasil e funda colégios para meninas - professoras. Primeiro na região de Goiás e em 1933 em São Paulo.

Nesse processo constitutivo procurei mostrar as características da zona urbana da cidade de São Paulo, e a evolução do Bairro da Vila Mariana, onde o colégio se instalou.

Procurei também, mostrar o perfil dessa região formada por imigrantes de várias descendências, porém na sua maioria de italianos, que ao se adaptarem aos novos padrões da urbanização da cidade formaram uma comunidade com características próprias.

O bairro se constitui a partir do “caminho dos carros”, que nada mais era do que a via de escoamento dos produtos industrializados para Santos e o retorno da matéria-prima para as indústrias, do litoral paulista à capital.

A adaptação ao contexto das famílias vai exigir das missionárias agostinianas a aceitação da criação de um externato, que em princípio atendia as meninas de nível Primário, depois de algum tempo, Ginásio e finalmente o Curso Normal.

A proposta de educação feminina atendia as necessidades das famílias de padrões tradicionais que procuravam nas escolas confessionais católicas um ensino disciplinado e de boa qualidade.

No segundo capítulo procurei mostrar os aspectos que permitiram uma ação formadora intensa, através da organização do contexto escolar das irmãs espanholas, que foram se adequando e construindo seu espaço sobrepunhando as transformações sociais, políticas e educacionais transcorridas no país.

O destaque nesse capítulo foi dado a reestruturação do colégio que assinala um marco nas atividades e na estrutura do ensino. Preocupadas com as novas Diretrizes da Educação abrem espaço para as atividades que a Igreja exigiu, deixando a vida conventual mais próxima da comunidade. Mudaram as vestes e com ela a vida em comunidade.

Nesse processo de acomodação aos novos tempos as missionárias reabriram o curso para as normalistas, com o nome de “Escola Particular Cristo Rei”, sem perder de vista os antigos ideais da fundadora da congregação que era a formação de meninas e jovens para a carreira de professoras.

No terceiro capítulo, referente à visão das alunas, destaca a proposta de uma educação feminina posta em função de reproduzir hábitos e costumes de uma comunidade inserida no ideário coletivo da época.

Na análise das entrevistas realizadas com ex-alunas, pais e mães pude compor um corpo de relatos que descreveram posturas e comportamentos instituídos no período da década de sessenta, do século XX.

Nesse processo, encontros e desencontros aconteceram, desafios e questões que não puderam ser respondidas por falta de fontes disponíveis. Mas algumas perguntas foram suficientes para instigar e me lançar ao desafio de construir uma dissertação sobre “Educação Feminina”. Ao produzi-la escolhendo o foco da escola como objeto de estudo era como se fizesse uma releitura da minha trajetória de vida.

O gênero será como diz Louro (1997 p. 15): “um desdobramento da assim denominada segunda onda_ aquela que se inicia no final da década de 1960_ o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas”. Portanto o período estudado tornou-se uma referência para um processo maior que continuou se desdobrando para os estudos da mulher.

Quanto às hipóteses iniciais, os resultados nos conduziram as seguintes conclusões:

1º) As famílias matriculavam suas filhas no Colégio Cristo Rei, porque moravam próximo da escola e, nessa comunidade as missionárias agostinianas gozavam de muito prestígio como educadoras.

2º) Os pais das alunas esperavam encontrar um ensino religioso, disciplinado e formativo, além, de acreditar no ensino forte oferecido pelas Congregações Religiosas, da qual fazem parte as Missionárias Agostinianas.

3º) Nas possibilidades destinadas para essas mulheres, o caminho mais indicado para um futuro profissional, envolvia a realização de cursos que garantissem uma instrução plena para o ingresso na universidade.

Algumas considerações devem ser feitas ao rever essa trajetória feminina. Os objetivos perseguidos durante muitos anos pelas missionárias, foram sendo realizados através de seu projeto educacional. Encontrei nos anos focalizados, as idéias iniciais das beatas, ou seja, da instrução para meninas, consideradas capazes de assumir seu papel na comunidade.

O ideal primeiro de formar mulheres, não foi abandonado nessa caminhada. Ainda hoje, encontrei os traços deixados por esses hábitos, e que são reproduzidos no cotidiano desse universo feminino, ou seja, das ex-alunas da escola.

Os costumes e valores são característicos dessa educação disciplinada e disciplinadora a que foram submetidas.

O objetivo maior da pesquisa pode evidenciar um modelo educacional criado por essas educadoras e que traduziam a forma de pensar e ver o mundo da época, das famílias envolvidas com a escola.

Ao finalizar esse trabalho acredito ter contribuído, ainda que modestamente, para a história das mulheres, esperando que futuras investigações se façam necessárias para acrescentar às reflexões aqui apresentadas, e muitos aspectos que ainda possam preencher as lacunas que persistem nesse campo.

15. Professores e alunas do Colégio Cristo Rei na década de 1960.

Entre eles estão alguns dos professores mencionados pelas ex-alunas: Prof. Furlin (Matemática), D. Adayl (História), D. Cândida (Português e Francês), Tenente (Ed.Física).

16. Alunas com uniforme de Gala. 1960.

17. Pátio de Interno antes da reforma em 1964. Balanço que foi relatado nas entrevistas.

REFERÊNCIAS

AM-AGOSTINIANAS MISSIONÁRIAS. Nossas Origens. Citações e documentação – elaboração. Roma, Capítulo Geral. 1983. Capítulo Geral.

_____. Nossas Origens. Citações e documentação – elaboração. Roma, Capítulo Geral. 1996. Capítulo Geral.

_____. Mulheres de Fé e Espírito Missionário. Agostinianas Missionárias. Ir. Zanetta. São Paulo, 1999.

APPLE, Michael. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n° 64, p.14-23, fev.1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. São Paulo: Moderna, 1996.

AZZI, Riolando. A trajetória. Disponível em: <<http://www.eduline.com.br/aec/trajetória>>
Acesso em: 26/07/2005

BASSANEZI, Carla. Os anos dourados In. PRIORE, Mary del (Org.). História das mulheres do Brasil. São Paulo: Unesp, 2001.

BRANDÃO, Carlos Antonio; DUARTE, Milton Fernande. Movimentos culturais da juventude. São Paulo: Moderna, 2004

BOSI, Alfredo; SAVIANI, Demerval; MENDES, Dumerval Trigueiro et al. Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: ABDR, 1998

BURKE, Peter. A Escrita da história. Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. La reproduction. Elements pour une théorie du système d'enseignement. Paris: Lês éditions de Minuit, 1970.

CHIAVENATO, Júlio José. O Golpe de 64 e a Ditadura Militar. São Paulo: Moderna, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo. Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COLÉGIO CRISTO REI. Regimento Interno. Divisão de Protocolo e Arquivo. São Paulo: Secretaria dos negócios da Educação, 1964.

_____ Regimento Interno. Divisão de Protocolo e arquivo. São Paulo: Secretaria de Negócios da Educação, 1967.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram In. MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS Maria Helena Câmara (Org).Refúgios do eu. Florianópolis: Mulheres, 2004.

DE LA RED, Arminda. Vôos de longo alcance. Trad. Ir. Angélica Zanetta. São Paulo, 2002. (Missionárias agostinianas).

DEL RIO, Maria Aparecida M.R.M. O curso comercial do Colégio Stella Maris de Santos (1928-1988). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

DUBY, Georges.. A história continua. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. Educação e sociedade no Brasil. São Paulo: Dominus, 1966

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

HAHNER, June E. Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Florianópolis: Mulheres, 2003.

KHULMAN, Alberto, História da Vila Mariana. Disponível em: <[http://republica da vila mariana/ museu.](http://republica-da-vila-mariana-museu)> Acesso em: 26/06/2005

LACERDA, Lílian Maria. Lendo vidas: Memória como escritura autobiográfica In MIGNOT, Ana Crystina Venâncio, BASTOS, Maria helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. São Paulo: Imprensa Nacional, 1994. Enciclopédia Einaudi, v.1.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp, 1998.

MANOEL, Ivan A. A igreja e a educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo. São Paulo: Unesp, 1998

MATOS, Maria Izilda Santos. Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias. A ação discreta da riqueza cultural. Revista Brasileira de Educação. Belo Horizonte: Nº 7, 1998.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil In. PRIORE, Mary del. (Org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp, 2001.

PRADO, Jr. A cidade de São Paulo, geografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Operários mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. A educação feminina durante o século XIX: O colégio Florence de Campinas. 1863-1889. São Paulo: Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Renilson Rosa. O saber em discursos, projetos e leis: A história ensinada no Brasil entre o II Pós-Guerra e a Ditadura militar. Educação temática digital. Campinas. SP: v.4, n 2, p. 17-34, jun. 2003.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira. A instrução feminina em São Paulo. São Paulo: FFCL; Sedes Sapientiae, 1992.

ROSEMBERG, Fúlvia, PINTO, Regina P; NEGRÃO, Esmeralda V. A educação da mulher no Brasil. São Paulo: Global, 1982.

SANTOS, Maria Izilda Matos. Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho. Bauru: Edusc, 2002.

SÃO PAULO. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Ata da Portaria nº 17, 1951. Autorização de Funcionamento ao Ginásio Cristo Rei em São Paulo.

SÃO PAULO. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Ata da Portaria n. 2030, 1957. Autorização de Reconhecimento ao Ginásio Cristo rei em São Paulo.

SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO E DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. 1958. Ata da Seção de Ensino Municipal e Particular. Atestado de funcionamento do Externato “Cristo Rei” em São Paulo.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do hábitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira da Educação, Belo Horizonte, n.20, julho/agosto. 2002.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 1990.

_____ História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) A escrita da história. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

_____ A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

OLIVEIRA, M. E. L. Projeto Educativo. São Paulo: Colégio Cristo Rei, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Brasil 500 anos: tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

Ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo – década de 60 do século XX –

Nome: _____

Profissão: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data de nascimento: __/__/____

Nº. de irmãos: ____

Nº. de irmãs: ____

Nome do pai: _____

Nome da mãe: _____

1. Sua ascendência:

a) Pai brasileiro ()

c) Mãe brasileira ()

b) Pai estrangeiro ()

d) Mãe estrangeira ()

Neste caso, qual a procedência?

Neste caso, qual a procedência?

2. Sua escolaridade:

a) Primário:

b) Ginásial:

c) Colegial:

a.1) Incompleto () b.1) Incompleto () c.1) Incompleto ()

a.2) Completo () b.2) Completo () c.2) Completo ()

d) Clássico:

e) Científico:

f) Normal:

d.1) Incompleto () e.1) Incompleto () f.1) Incompleto ()

d.2) Completo () e.2) Completo () f.2) Completo ()

g) Superior em _____

h) Especialização em _____

g.1) Incompleto ()

h.1) Incompleto ()

g.2) Completo ()

h.2) Completo ()

i) Mestrado em _____

j) Doutorado em _____

i.1) Incompleto ()

j.1) Incompleto ()

i.2) Completo ()

j.2) Completo ()

3. Escolaridade de seu pai:

a) Primário:

b) Ginásial:

c) Clássico:

a.1) Incompleto () b.1) Incompleto () c.1) Incompleto ()

a.2) Completo () b.2) Completo () c.2) Completo ()

d) Científico:

e) Normal:

f) Superior em _____

d.1) Incompleto () e.1) Incompleto () f.1) Incompleto ()

d.2) Completo () e.2) Completo () f.2) Completo ()

4. Escolaridade de sua mãe:

- a) Primário: b) Ginásial: c) Clássico:
 a.1) Incompleto () b.1) Incompleto () c.1) Incompleto ()
 a.2) Completo () b.2) Completo () c.2) Completo ()
- d) Científico: e) Normal: f) Superior em _____
 d.1) Incompleto () e.1) Incompleto () f.1) Incompleto ()
 d.2) Completo () e.2) Completo () f.2) Completo ()

5. Sua religião:

- a) Católica: b) Espírita: c) Agnóstico ()
 a.1) Não-praticante () b.1) Não-praticante ()
 a.2) Praticante () b.2) Praticante ()
- d) Protestante – Igreja _____ e) Outra. Qual? _____
 d.1) Não-praticante ()
 d.2) Praticante ()

6. Religião de seu pai:

- a) Católica: b) Espírita: c) Agnóstico ()
 a.1) Não-praticante () b.1) Não-praticante ()
 a.2) Praticante () b.2) Praticante ()
- d) Protestante – Igreja _____ e) Outra. Qual? _____
 d.1) Não-praticante ()
 d.2) Praticante ()

7. Religião de sua mãe:

- a) Católica: b) Espírita: c) Agnóstico ()
 a.1) Não-praticante () b.1) Não-praticante ()
 a.2) Praticante () b.2) Praticante ()
- d) Protestante – Igreja _____ e) Outra. Qual? _____
 d.1) Não-praticante ()
 d.2) Praticante ()

As questões que seguem referem-se, todas elas, ao período em que você estudou no Colégio Cristo Rei. Se você não tiver irmãs, salte para a 12ª questão.

8. Todas as suas irmãs estudaram no Colégio Cristo Rei?

SIM () NÃO ()

Se a resposta à questão anterior foi “sim”, salte para a 12ª questão.

9. Por que razão suas irmãs não estudaram no Colégio Cristo Rei?

10. Em quais escolas elas estudaram?

11. Por que razão essas escolas foram escolhidas?

12. Ao longo do período em que você cursava o ensino médio (ginásio e colégio), sua mãe trabalhava fora de casa? Em caso afirmativo, qual era a sua ocupação e a sua jornada de trabalho?

13. Quais eram, nesse período, a ocupação e a jornada de trabalho de seu pai?

14. Nas horas e dias de folga, você:

- a) Bordava () b) Costurava () c) Tricotava () d) Fazia crochê ()
 e) Lia revistas () f) Lia romance () g) Lia jornais () h) Ia ao cinema ()
 i) Ia ao teatro () j) Ouvia rádio () k) Assistia TV () l) Pintava ()
 m) Ia ao clube () n) Passeava () o) Visitava parentes e amigos ()
 p) Saía para fazer compras () q) Ajudava sua mãe nos afazeres domésticos ()
 r) Realizava outras atividades. Neste caso, quais? _____

15. Você gozava as férias:

- a) Sempre com a família () b) Raramente com a família ()
 c) Só com a mãe e irmãos () d) Só com o pai e irmãos ()
 e) Com parentes () f) Com amigos ()
 g) Na praia () h) No campo () i) Viajando pelo exterior ()
 j) Viajando pelo Brasil () k) Não viajava, mas passeava por São Paulo ()
 l) Raramente gozava férias ()
 m) Realizando outras atividades. Neste caso, quais? _____

16. Seus pais optaram por matriculá-la no Colégio Cristo Rei:

- a) Por ser uma escola próxima de sua residência ()
 - b) Por ser uma escola só para meninas ()
 - c) Por ser uma escola católica ()
 - d) Por recomendação de parentes ou amigos da família ()
 - e) Por ser uma escola que primava pela disciplina ()
 - f) Por ser uma escola que primava por um ensino de boa qualidade ()
 - g) Por oferecer cursos profissionalizantes – no caso, o curso Normal ()
 - h) Por ter parentes que estudaram ou estudavam nessa escola ()
 - i) Por ter sua mãe, estudado nesse Colégio ()
 - j) Por ser esse o desejo de seu pai ()
 - k) Por ser esse o desejo de sua mãe ()
 - l) Por ser esse o seu desejo ()
 - m) Por outras razões. Neste caso, quais? _____
-

17. No bairro, além do Colégio Cristo Rei, havia:

- a) Escolas públicas ()

Quais? _____

- b) Escolas particulares leigas ()

Quais? _____

- c) Escolas protestantes ()

Quais? _____

- d) Outras escolas católicas ()

Quais? _____

18. Seus pais participavam das atividades promovidas pela escola? Em caso afirmativo que atividades eram essas e com que frequência eles delas participavam?

19. As suas expectativas em relação à sua educação escolar eram:

- a) Concluir o curso normal para poder dedicar-se ao magistério, posto ser essa profissão, naquela época, a única compatível, para a mulher, com o casamento e a criação de filhos ()
- b) Continuar com os estudos, cursar e concluir o ensino superior, para poder ter uma boa profissão e, assim, ser economicamente independente ()
- c) Independentemente da profissão que teria e exerceria, ser detentora de uma boa formação intelectual, moral e religiosa, pois essa formação seria necessária à criação dos filhos ()
- d) Ser detentora de uma formação intelectual, moral e religiosa bastante sólida, independentemente de ter e exercer uma profissão, casar-se e ter filhos ()
- e) Nenhuma, pois estudava por imposição dos pais ()
- f) Outras expectativas. Neste caso, quais? _____

20. Como recordação dos tempos em que estudou no Colégio Cristo Rei, você guardou:

- a) Livros () b) Cadernos () c) Fotografias () d) Boletins ()
- e) Diplomas () f) Uniforme () g) Medalhas () h) Troféus ()
- i) Diários () j) Agendas () k) Nada ()
- l) Outros materiais. Neste caso, quais? _____

21. Você realizava seus estudos e lições de casa:

- a) Na biblioteca do bairro () b) Na biblioteca da escola ()
- c) Na casa de amigos () d) Em sua própria casa ()
- e) Em outros lugares. Quais? _____

22. Quando em sua própria casa, esses estudos e lições eram realizados:

- a) No escritório () b) Na biblioteca () c) No seu quarto ()
- d) Na sala de leitura () e) Na mesa da copa () f) Na mesa da cozinha ()
- g) Em outros lugares. Quais? _____

23. Alguma vez você precisou contar com o auxílio de professores particulares, seja para realização de provas e exames finais, seja como medida de reforço ou de revisão de matérias, nas quais estivesse apresentando maior dificuldade de aprendizagem? Se sim, com que frequência isso ocorria e em relação a que matérias e disciplinas?

24. No período em que você estudou no Colégio Cristo Rei, a sua família possuía:

- a) Casa própria () b) Automóvel () c) Telefone ()
 d) Casa na praia () e) Sítio () f) Chácara ()
 g) Aparelho de TV () h) Aparelho de rádio () i) Aparelho de som ()
 j) Câmera fotográfica () k) Bicicleta () l) Máquina de datilografia ()
 l) Outros bens: _____

25. Nesse mesmo período, sua família pôde contar com os seguintes prestadores de serviços:

- a) Empregada doméstica () b) Faxineira () c) Lavadeira ()
 d) Passadeira () e) Jardineiro () f) Motorista particular ()
 g) Outros prestadores de serviços: _____

 h) Com nenhum prestador de serviços ()

As questões que seguem referem-se ao seu dia-a-dia no Colégio Cristo Rei**26) De quais disciplinas você mais gostava?**

26.1) Por que gostava dessas disciplinas?

26.2) Que conteúdos eram abordados nessas disciplinas?

26.3) Como esses conteúdos eram trabalhados pelo professor?

27) De quais disciplinas você menos gostava?

27.1) Por que não gostava dessas disciplinas?

27.2) Que conteúdos eram abordados nessas disciplinas?

27.3) Como esses conteúdos eram trabalhados pelo professor?

28) Você se lembra dos livros (didáticos, de leitura, de literatura etc.) que leu no período em que estudou no Colégio Cristo Rei? Em caso afirmativo, poderia citar alguns deles?

29) Quem eram os responsáveis pelas aulas de religião?

29.1) Quantas aulas dessa matéria você tinha na semana?

29.2) Que conteúdos eram trabalhados nessas aulas?

29.3) Que valores eram trabalhados através desses conteúdos?

29.4) Na época, que avaliação você fazia dessas aulas?

29.5) Essas aulas tiveram algum impacto na sua vida? Se sim, que impactos foram esses?

30) Que valores, hábitos e costumes você hoje possui, cuja incorporação você atribui, fundamentalmente, à educação recebida no Colégio Cristo Rei?

31) Se você tivesse uma filha em idade escolar, você a matricularia em uma escola que apresentasse, hoje, as mesmas características apresentadas pelo Colégio Cristo Rei nos anos em que você lá estudou? Por quê?

Obrigado por sua participação. Se, para além das questões acima apresentadas, houver algo mais que você queira nos dizer sobre sua passagem pelo Colégio Cristo Rei, por favor, fique à vontade e, para tanto, faça uso dos versos das páginas deste questionário. Desde já, coloco-me à sua disposição para eventuais esclarecimentos, caso isso seja necessário.

Meu nome: _____

Meu endereço: _____

Meu n.º. de telefone: _____

ANEXO B

Mães de ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo – década de 60 do século XX –

Nome: _____

Profissão: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data de nascimento: __/__/____

Nº. de filhos: ____

Nº. de filhas: ____

Nome das filhas que estudaram no Colégio Cristo Rei:

Endereço: _____

Telefone: _____

1. Sua ascendência:

a) Pai brasileiro ()

c) Mãe brasileira ()

b) Pai estrangeiro ()

d) Mãe estrangeira ()

Neste caso, qual a procedência?

Neste caso, qual a procedência?

2. Sua escolaridade:

a) Primário:

b) Ginásial:

c) Clássico:

a.1) Incompleto ()

b.1) Incompleto ()

c.1) Incompleto ()

a.2) Completo ()

b.2) Completo ()

c.2) Completo ()

d) Científico:

e) Normal:

f) Superior em _____

d.1) Incompleto ()

e.1) Incompleto ()

f.1) Incompleto ()

d.2) Completo ()

e.2) Completo ()

f.2) Completo ()

3. Sua religião:

a) Católica:

b) Espírita:

c) Agnóstico ()

a.1) Não-praticante ()

b.1) Não-praticante ()

a.2) Praticante ()

b.2) Praticante ()

d) Protestante – Igreja _____ e) Outra. Qual? _____

d.1) Não-praticante ()

d.2) Praticante ()

As questões que seguem referem-se, todas elas, ao período em que suas filhas (ou filha) estudaram (estudou) no Colégio Cristo Rei. Se a senhora teve uma única filha, salte para a 8ª questão.

4. Todas as suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei?

SIM ()

NÃO ()

Se a resposta à questão anterior foi “sim”, salte para a 8ª questão.

5. Por que razão suas outras filhas não estudaram no Colégio Cristo Rei?

6. Em quais escolas elas estudaram?

7. Por que razão essas escolas foram escolhidas?

8. Ao longo do período em que suas filhas cursavam o ensino médio (ginásio e colégio), a senhora trabalhava fora de casa? Em caso afirmativo, qual era a sua ocupação e a sua jornada de trabalho?

9. Nas horas e dias de folga, a senhora:

- a) Bordava () b) Costurava () c) Tricotava () d) Fazia crochê ()
 e) Lia revistas () f) Lia romance () g) Lia jornais () h) Ia ao cinema ()
 i) Ia ao teatro () j) Ouvia rádio () k) Assistia TV () l) Pintava ()
 m) Ia ao clube () n) Passeava () o) Cuidava da casa ()
 p) Visitava parentes e amigos () q) Saía para fazer compras ()
 r) Praticava algum tipo de esporte () s) Conversava com seu marido ()
 t) Conversava com seus filhos () u) Conversava com seus amigos ()
 v) Ajudava seus filhos nos estudos ()
 x) Realizava outras atividades. Neste caso, quais? _____

10. Nas horas e dias de folga, o seu marido:

- a) Lia revistas () b) Lia romance () c) Lia jornais () d) Ia ao cinema ()
 e) Ia ao teatro () f) Ouvia rádio () g) Assistia TV () h) Pintava ()
 i) Ia ao clube () j) Passeava () k) Cuidava do casa ()
 l) Praticava algum tipo de esporte () m) Cuidava do jardim ()
 n) Visitava parentes e amigos () o) Saía para fazer compras ()
 p) Praticava algum tipo de esporte () q) Cuidava do carro ()
 r) Conversava com a senhora () s) Conversava com seus filhos ()
 t) Conversava com seus amigos () u) Ajudava seus filhos nos estudos ()
 v) Ajudava a senhora nos afazeres domésticos ()
 x) Realizava outras atividades. Neste caso, quais? _____

11. A senhora gozava férias:

- a) Sempre com a família () b) Raramente com a família ()
 c) Só com os filhos () d) Só com o marido ()
 e) Com parentes () f) Com amigos ()
 g) Na praia () h) No campo () i) Viajando pelo exterior ()
 j) Viajando pelo Brasil () k) Não viajava, mas passeava por São Paulo ()
 l) Raramente gozava férias ()
 m) Realizando outras atividades. Neste caso, quais? _____
-

12. Optou por matricular suas filhas no Colégio Cristo Rei:

- a) Por ser uma escola próxima de sua residência ()
 b) Por ser uma escola só para meninas ()
 c) Por ser uma escola católica ()
 d) Por recomendação de parentes ou amigos ()
 e) Por ser uma escola que primava pela disciplina ()
 f) Por ser uma escola que primava por um ensino de boa qualidade ()
 g) Por oferecer cursos profissionalizantes – no caso, o curso Normal ()
 h) Por ter estudado nessa escola ()
 i) Por ter parentes que estudaram ou estudavam nessa escola ()
 j) Por ser esse o desejo de seu marido ()
 k) Por ser esse o desejo de suas filhas ()
 l) Por ser esse o seu desejo ()
 m) Por outras razões. Neste caso, quais? _____

13. No bairro, além do Colégio Cristo Rei, havia:

- a) Escolas públicas ()
 Quais? _____

 b) Escolas particulares leigas ()
 Quais? _____

 c) Escolas protestantes ()
 Quais? _____

 d) Outras escolas católicas ()
 Quais? _____

14. A senhora participava de atividades promovidas pela escola? Em caso afirmativo, que atividades eram essas e com que frequência delas participava?

15. As suas expectativas em relação à educação escolar de suas filhas eram:

- a) Que elas concluíssem o curso normal para poderem se dedicar ao magistério, posto ser essa profissão, naquela época, a única profissão compatível, para a mulher, com o casamento e a criação de seus filhos ()
- b) Que elas continuassem seus estudos, cursassem e concluíssem o ensino superior, para poderem ter uma boa profissão e, assim, serem economicamente independentes ()
- c) Que, independentemente da profissão que viessem a ter e a exercer, fossem detentoras de uma boa formação intelectual, moral e religiosa, necessária à criação dos filhos ()
- d) Que, independentemente de terem e exercerem uma profissão, casarem-se e terem filhos, fossem portadoras de uma formação intelectual, moral e religiosa bastante sólida ()
- e) Outras expectativas. Neste caso, quais? _____
- _____
- _____

16. Como recordação dos tempos em que suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei, a senhora guardou:

- a) Livros () b) Cadernos () c) Fotografias () d) Boletins ()
- e) Diplomas () f) Uniforme () g) Medalhas () h) Troféus ()
- i) Diários () j) Agendas () k) Nada ()
- l) Outros materiais. Neste caso, quais? _____
- _____
- _____

17. Suas filhas realizavam seus estudos e lições de casa:

- a) Na biblioteca do bairro () b) Na biblioteca da escola ()
- c) Na casa de amigos () d) Em sua própria casa ()
- e) Em outros lugares. Quais? _____
- _____
- _____

18. Quando em sua própria casa, suas filhas realizavam seus estudos e lições:

- a) No escritório () b) Na biblioteca () c) No quarto de sua filha ()
- d) Na sala de leitura () e) Na mesa da copa () f) Na mesa da cozinha ()
- g) Em outros lugares. Quais? _____
- _____
- _____

19. Alguma vez suas filhas precisaram contar com o auxílio de professores particulares, seja para realização de provas e exames finais, seja como medida de reforço ou de revisão de matérias, nas quais estivessem apresentando maior dificuldade de aprendizagem? Se sim, com que frequência isso ocorria e em relação a que matérias e disciplinas?

20. No período em que suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei, a família possuía:

- a) Casa própria () b) Automóvel () c) Telefone ()
d) Casa na praia () e) Sítio () f) Chácara ()
g) Aparelho de TV () h) Aparelho de rádio () i) Aparelho de som ()
j) Câmera fotográfica () k) Bicicleta () l) Máquina de datilografia ()
l) Outros bens: _____

21. Nesse mesmo período, sua família pôde contar com os seguintes prestadores de serviços:

- a) Empregada doméstica () b) Faxineira () c) Lavadeira ()
d) Passadeira () e) Jardineiro () f) Motorista particular ()
g) Outros prestadores de serviços: _____

- h) Com nenhum prestador de serviços ()

OBS. Obrigado por sua participação. Se, para além das questões acima apresentadas, houver algo mais que a senhora queira nos dizer sobre a passagem de sua filha pelo Colégio Cristo Rei, por favor, fique à vontade e, para tanto, faça uso dos versos das páginas deste questionário. Desde já, coloco-me à sua disposição para eventuais esclarecimentos, caso isso seja necessário.

Meu nome: _____

Meu endereço: _____

Meu nº. de telefone: _____

ANEXO C

Pais de ex-alunas do Colégio Cristo Rei de São Paulo – década de 60 do século XX –

Nome: _____

Profissão: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data de nascimento: __/__/____

Nº. de filhos: ____

Nº. de filhas: ____

Nome das filhas que estudaram no Colégio Cristo Rei:

Endereço: _____

Telefone: _____

1. Sua ascendência:

a) Pai brasileiro ()

c) Mãe brasileira ()

b) Pai estrangeiro ()

d) Mãe estrangeira ()

Neste caso, qual a procedência?

Neste caso, qual a procedência?

2. Sua escolaridade:

a) Primário:

b) Ginásial:

c) Clássico:

a.1) Incompleto ()

b.1) Incompleto ()

c.1) Incompleto ()

a.2) Completo ()

b.2) Completo ()

c.2) Completo ()

d) Científico:

e) Normal:

f) Superior em _____

d.1) Incompleto ()

e.1) Incompleto ()

f.1) Incompleto ()

d.2) Completo ()

e.2) Completo ()

f.2) Completo ()

3. Sua religião:

a) Católica:

b) Espírita:

c) Agnóstico ()

a.1) Não-praticante ()

b.1) Não-praticante ()

a.2) Praticante ()

b.2) Praticante ()

d) Protestante – Igreja _____

e) Outra. Qual? _____

d.1) Não-praticante ()

d.2) Praticante ()

As questões que seguem referem-se, todas elas, ao período em que suas filhas (ou filha) estudaram (estudou) no Colégio Cristo Rei. Se o senhor teve uma única filha, salte para a 8ª questão.

4. Todas as suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei?

SIM ()

NÃO ()

Se a resposta à questão anterior foi “sim”, salte para a 8ª questão.

5. Por que razão suas outras filhas não estudaram no Colégio Cristo Rei?

6. Em quais escolas elas estudaram?

7. Por que razão essas escolas foram escolhidas?

8. Ao longo do período em que suas filhas cursavam o ensino médio (ginásio e colégio), sua esposa trabalhava fora de casa? Em caso afirmativo, qual era a sua ocupação e a sua jornada de trabalho?

9. Nas horas e dias de folga, a sua esposa:

- a) Bordava () b) Costurava () c) Tricotava () d) Fazia crochê ()
 e) Lia revistas () f) Lia romance () g) Lia jornais () h) Ia ao cinema ()
 i) Ia ao teatro () j) Ouvia rádio () k) Assistia TV () l) Pintava ()
 m) Ia ao clube () n) Passeava () o) Cuidava da casa ()
 p) Visitava parentes e amigos () q) Saía para fazer compras ()
 r) Praticava algum tipo de esporte () s) Conversava com o senhor ()
 t) Conversava com seus filhos () u) Conversava com seus amigos ()
 v) Ajudava seus filhos nos estudos ()
 x) Realizava outras atividades. Neste caso, quais? _____

10. Nas horas e dias de folga, o senhor:

- a) Lia revistas () b) Lia romance () c) Lia jornais () d) Ia ao cinema ()
 e) Ia ao teatro () f) Ouvia rádio () g) Assistia TV () h) Pintava ()
 i) Ia ao clube () j) Passeava () k) Cuidava do casa ()
 l) Praticava algum tipo de esporte () m) Cuidava do jardim ()
 n) Visitava parentes e amigos () o) Saía para fazer compras ()
 p) Praticava algum tipo de esporte () q) Cuidava do carro ()
 r) Conversava com sua esposa () s) Conversava com seus filhos ()
 t) Conversava com seus amigos () u) Ajudava seus filhos nos estudos ()
 v) Ajudava sua esposa nos afazeres domésticos ()
 x) Realizava outras atividades. Neste caso, quais? _____

11. O senhor gozava férias:

- a) Sempre com a família () b) Raramente com a família ()
 c) Só com os filhos () d) Só com a esposa ()
 e) Com parentes () f) Com amigos ()
 g) Na praia () h) No campo () i) Viajando pelo exterior ()
 j) Viajando pelo Brasil () k) Não viajava, mas passeava por São Paulo ()
 l) Raramente gozava férias ()
 m) Realizando outras atividades. Neste caso, quais? _____
-

12. Optou por matricular suas filhas no Colégio Cristo Rei:

- a) Por ser uma escola próxima de sua residência ()
 b) Por ser uma escola só para meninas ()
 c) Por ser uma escola católica ()
 d) Por recomendação de parentes ou amigos ()
 e) Por ser uma escola que primava pela disciplina ()
 f) Por ser uma escola que primava por um ensino de boa qualidade ()
 g) Por oferecer cursos profissionalizantes – no caso, o curso Normal ()
 h) Por sua esposa ter estudado nesse Colégio ()
 i) Por ter parentes que estudaram ou estudavam nessa escola ()
 j) Por ser esse o desejo de sua esposa ()
 k) Por ser esse o desejo de sua filha ()
 l) Por ser esse o seu desejo ()
 m) Por outras razões. Neste caso, quais? _____

13. No bairro, além do Colégio Cristo Rei, havia:

- a) Escolas públicas ()
 Quais? _____
-
- b) Escolas particulares leigas ()
 Quais? _____
-
- c) Escolas protestantes ()
 Quais? _____
-
- d) Outras escolas católicas ()
 Quais? _____
-

14. O senhor participava de atividades promovidas pela escola? Em caso afirmativo, que atividades eram essas e com que frequência delas participava?

15. As suas expectativas em relação à educação escolar de suas filhas eram:

- a) Que elas concluíssem o curso normal para poderem se dedicar ao magistério, posto ser essa profissão, naquela época, a única profissão compatível, para a mulher, com o casamento e a criação de seus filhos ()
- b) Que elas continuassem seus estudos, cursassem e concluíssem o ensino superior, para poderem ter uma boa profissão e, assim, serem economicamente independentes ()
- c) Que, independentemente da profissão que viessem a ter e a exercer, fossem detentoras de uma boa formação intelectual, moral e religiosa, necessária à criação dos filhos ()
- d) Que, independentemente de terem e exercerem uma profissão, casarem-se e terem filhos, fossem portadoras de uma formação intelectual, moral e religiosa bastante sólida ()
- e) Outras expectativas. Neste caso, quais? _____
- _____
- _____

16. Como recordação dos tempos em que suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei, o senhor guardou:

- a) Livros () b) Cadernos () c) Fotografias () d) Boletins ()
- e) Diplomas () f) Uniforme () g) Medalhas () h) Troféus ()
- i) Diários () j) Agendas () k) Nada ()
- l) Outros materiais. Neste caso, quais? _____
- _____
- _____

17. Suas filhas realizavam seus estudos e lições de casa:

- a) Na biblioteca do bairro () b) Na biblioteca da escola ()
- c) Na casa de amigos () d) Em sua própria casa ()
- e) Em outros lugares. Quais? _____
- _____
- _____

18. Quando em sua própria casa, suas filhas realizavam seus estudos e lições de casa:

- a) No escritório () b) Na biblioteca () c) No quarto de sua filha ()
- d) Na sala de leitura () e) Na mesa da copa () e) Na mesa da cozinha ()
- f) Em outros lugares. Quais? _____
- _____
- _____

19. Alguma vez suas filhas precisaram contar com o auxílio de professores particulares, seja para realização de provas e exames finais, seja como medida de reforço ou de revisão de matérias, nas quais estivessem apresentando maior dificuldade de aprendizagem? Se sim, com que frequência isso ocorria e em relação a que matérias e disciplinas?

20. No período em que suas filhas estudaram no Colégio Cristo Rei, a família possuía:

- a) Casa própria () b) Automóvel () c) Telefone ()
d) Casa na praia () e) Sítio () f) Chácara ()
g) Aparelho de TV () h) Aparelho de rádio () i) Aparelho de som ()
j) Câmera fotográfica () k) Bicicleta () l) Máquina de datilografia ()
l) Outros bens: _____

21. Nesse mesmo período, sua família pôde contar com os seguintes prestadores de serviços:

- a) Empregada doméstica () b) Faxineira () c) Lavadeira ()
d) Passadeira () e) Jardineiro () f) Motorista particular ()
g) Outros prestadores de serviços: _____

- h) Com nenhum prestador de serviços ()

OBS. Obrigado por sua participação. Se, para além das questões acima apresentadas, houver algo mais que o senhor queira nos dizer sobre a passagem de sua filha pelo Colégio Cristo Rei, por favor, fique à vontade e, para tanto, faça uso dos versos das páginas deste questionário. Desde já, coloco-me à sua disposição para eventuais esclarecimentos, caso isso seja necessário.

Meu nome: _____

Meu endereço: _____

Meu nº. de telefone: _____

ANEXO D

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS ABERTAS

Ex-alunas do Colégio Cristo Rei e/ou pais das alunas.

As perguntas abaixo não são fechadas em um roteiro fixo, mas, apenas indicam caminhos a seguir para manter o tema da entrevista.

1º Parte: Identificação

Nome:

Data de nascimento.

Local do nascimento.

Profissão atual.

Exerceu outras profissões.

2º Parte: Relações Pessoais / Pais

Que tipo de profissão, o senhor ou a senhora exercia, na época que sua filha estudava no Colégio Cristo Rei?

Qual a religião da sua família?

Como era a rotina diária de sua filha?

Que formação pretendia para sua filha?

Conte-me como era a escola naquela época.

Qual foi a experiência marcante nessa passagem pelo Colégio?

3º Parte: Visão de Mundo.

Como você se recorda da escola?

Como eram as irmãs no dia-a-dia?

O que você mais gostava na escola?

Qual a melhor recordação que você tem das freiras?

Houve algum dissabor ou desacordo com a escola?

O Colégio Cristo Rei foi marcante em sua vida?

Fale-me dos tempos escolares, e das colegas.

